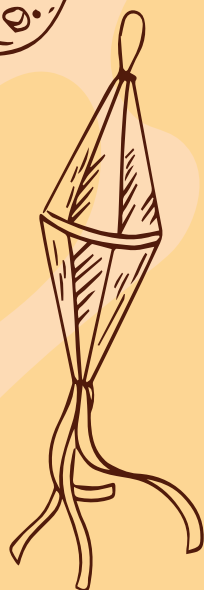


Francisco Albertino Gomes



A LITERATURA DE CORDEL COMO PROPOSTA PEDAGÓGICA DE LEITURA E LETRAMENTO NA FORMAÇÃO DE LEITORES:

Um Estudo em uma Escola Estadual de Ensino Médio na Cidade de Brejo do Cruz – PB.



Periodicojs
EDITORA ACADÊMICA



Francisco Albertino Gomes



A LITERATURA DE CORDEL COMO PROPOSTA PEDAGÓGICA DE LEITURA E
LETRAMENTO NA FORMAÇÃO DE LEITORES:

Um Estudo em uma Escola Estadual de Ensino Médio
na Cidade de Brejo do Cruz - PB.

Volume I da Seção Tese e Dissertações na América Latina da Coleção de
livros Humanas em Perspectiva



VENI CREATOR
CHRISTIAN UNIVERSITY



Periodicojs
EDITORA ACADÊMICA



Equipe Editorial

Abas Rezaey	Izabel Ferreira de Miranda
Ana Maria Brandão	Leides Barroso Azevedo Moura
Fernado Ribeiro Bessa	Luiz Fernando Bessa
Filipe Lins dos Santos	Manuel Carlos Silva
Flor de María Sánchez Aguirre	Renísia Cristina Garcia Filice
Isabel Menacho Vargas	Rosana Boullosa

Projeto Gráfico, editoração e capa

Editora Acadêmica Periodicojs

Idioma

Português

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

<p>L776 A literatura de cordel como proposta pedagógica de leitura e letramento na formação de leitores: um estudo em uma escola estadual de ensino médio na cidade de Brejo da Cruz-PB. / Francisco Albertino Gomes. – João Pessoa: Periodicojs editora, 2021.</p> <p>E-book: il. color.</p> <p>E-book, no formato ePub e PDF. Inclui bibliografia ISBN: 978-65-994725-3-4</p> <p>1. Literatura. 2. Cordel. 3. Leitura. 4. Letramento. I. Gomes, Francisco Albertino.</p> <p>I. Título</p> <p style="text-align: right;">CDD 398.20981</p>

Elaborada por Dayse de França Barbosa CRB 15-553

Índice para catálogo sistemático:

1. Brasil: Literatura de cordel: 398.20981

Obra sem financiamento de órgão público ou privado

Os trabalhos publicados foram submetidos a revisão e avaliação por pares (duplo cego), com respectivas cartas de aceite no sistema da editora.

**A obra é fruto de estudos e pesquisas da seção de Teses e Dissertações na America Latina da
Coleção de livros Humanas em Perspectiva**

A obra foi publicada em parceria com a Veni Creator - Christian University



**Filipe Lins dos Santos
Presidente e Editor Sênior da Periodicojs**

CNPJ: 39.865.437/0001-23

Rua Josias Lopes Braga, n. 437, Bancários, João Pessoa - PB - Brasil
website: www.periodicojs.com.br
instagram: @periodicojs

Prefácio



A obra intitulada de “A Literatura de Cordel como proposta pedagógica de leitura e letramento na formação de leitores: um estudo em uma Escola Estadual do Ensino Médio na cidade do Brejo do Cruz - PB” é fruto da pesquisa de doutoramento do pesquisador Francisco Albertino Gomes para obtenção do título de doutor em Ciências da Educação pela Veni Creator - Christian University.

A publicação da tese de doutorado na íntegra junto a Editora Acadêmica Periodicojs se encaixa no perfil de produção científica produzida pela editora que busca valorizar diversos pesquisadores por meio da publicação completa de seus pesquisas. A obra está sendo publicada na seção Tese e Dissertação da América Latina.

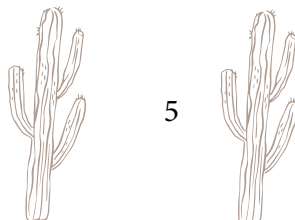
Essa seção se destina a dar visibilidade a pesquisadores na região da América Latina por meio da publicação de obras autorais e obras organizadas por professores e pesquisadores dessa região, a fim de abordar diversos temas correlatos e mostrar a grande variedade temática e cultural dos países que compõem a América Latina.

Essa obra escrita pelo pesquisador Francisco Albertino Gomes abre caminho para uma abordagem diferenciada sobre como é possível o uso da literatura como prática de letramento e leitura na educação, por meio da valorização de um instrumento cultural do nordeste que é a literatura de cordel. Dessa maneira, a nossa editora teve o enorme prazer de divulgar uma pesquisa tão rica e fortalecedora da cultura local, servindo como mecanismo da propagação da educação e do crescimento



social.

Filipe Lins dos Santos
Editor Sênior da Editora Acadêmica Periodicojs



Sumário



Capítulo 1

DISCUSSÃO TEÓRICA

15

Capítulo 2

PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

72

Capítulo 3

RESULTADOS E DISCUSSÕES

85

Capítulo 4

PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

137

Referências Bibliográficas

140

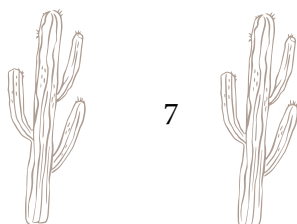


6



Anexos

153



Introdução



Contar é muito dificultoso, não pelos anos que já passaram, mais pela astúcia que têm certas coisas passadas de fazer balancê, de se remexerem dos lugares. (...) Têm horas antigas que ficaram muito perto da gente do que outras de recentes datas. (GUIMARÃES ROSA, 2003. p. 139).

A tradição da literatura popular é muito antiga e permanece viva mesmo com o surgimento da tradição literária culta, escrita. Comumente denominada de literatura de cordel, esta é uma forma de comunicação universal que surgiu na Europa com a imprensa e, a partir de então, se difundiu. Um dos traços mais pertinentes desse gênero é o fato de ser um tipo de poesia narrativa e de caráter popular, já que os cordelistas contam através dos versos, as histórias com riquezas de detalhes incomparáveis.

Dentre a diversidade de gêneros discursivos orais e escritos, sugeridos nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Língua Portuguesa para o trabalho com a leitura literária, encontra-se o cordel, gênero poético que compartilha com outros gêneros (músicas, cinema, teatro, filmes) uma relação dialógica. Pois, como bem ressalta Lopes-Rossi (2012, p.162) “é muito comum nesse gênero à referência a textos e a discursos passados e presentes, por meio de marcas explícitas ou não”.

A literatura de cordel conquista cada vez mais a atenção de leitores diversos, sobretudo na escola, pelo fato de proporcionar uma aproximação do educando a cultura popular. Nesse sentido, o trabalho com a leitura ligada a esse tipo de produção artística oferece mais oportunidade de observar e compreender o mundo à sua volta, o que possibilita ao aluno um ganho maior de autonomia, de



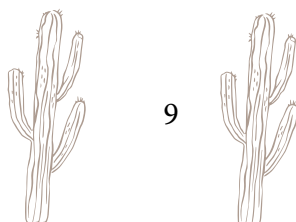
outras possibilidades de aquisição do conhecimento.

A literatura de cordel continua um expressivo meio de comunicação neste século XXI, apesar da morte, tantas vezes anunciada, ao longo dos tempos. Felizmente, enquanto expressão cultural permanece, adaptada, reinventada, no desempenho de suas funções sociais. Informar, formar, divertir, socializar ou poetizar, conforme os diferentes temas que retrata e o enfoque abordado. (LINHARES, 2015, p. 56)

Esta arte popular tem forte aceitação na região Nordeste, por condições sociais e culturais peculiares. Porém, é perceptível a ausência da literatura popular em contextos teórico e metodológico na escola, ressaltando o preconceito no espaço pedagógico e em materiais didáticos. Uma maior atenção a este gênero só é, notadamente, percebida em relação a estudos desenvolvidos sob a forma de estudos monográficos em cursos de graduação e de pós-graduação.

A Cultura Popular é um magnífico tesouro que enobrece a alma do nosso país, encantando e dando lenitivo aos nossos corações. Ela abrange um elenco de manifestações que fazem parte do cotidiano do povo; um relicário de valores expressivos que vão se perpetuando através das gerações, e alimentando a memória viva da nação. Aqui, daremos enfoque especial a uma das principais expressões culturais da nossa população, a Literatura Popular. (MARCELO, 2016, p. 23)

A presença do cordel em sala de aula pode favorecer a percepção da riqueza desta produção cultural e reflexão mais aprofundada sobre problemas que instigam o preconceito, dentre eles o



Literatura de Cordel

linguístico, disseminado na sociedade. Especialmente, em relação às falas regionais, a escola precisa encarar essa questão, como parte de um objetivo educacional mais amplo de educação para o respeito às diferenças.

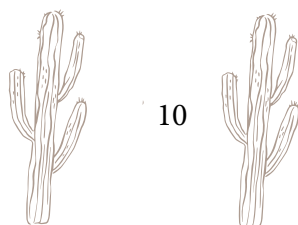
A esse respeito, os PCN destacam que a escola precisa se livrar dos mitos que desvalorizam as formas de falar do aluno em detrimento da escrita que se baseia na norma culta da língua, o que desvaloriza a identidade linguística desses alunos, que pertencem a comunidades culturais com características específicas (BRASIL, 1998).

Nesse sentido, a literatura de cordel é um elemento riquíssimo, capaz de proporcionar ao leitor a materialização da discursividade do texto em relação às formas de construção de sentido, de historicidade, pela experimentação da leitura nos níveis: sensorial, emocional e racional. Esta deve ser a essência de qualquer proposta de mediação pedagógica, a partir da utilização do texto cordelístico.

Sob esta ótica, a ênfase dada ao local, ao regional ganha destaque nas Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino de Língua Portuguesa, que evidenciam a importância da promoção de letramentos múltiplos no cenário escolar, que possibilitem as práticas de leitura e de escrita na perspectiva do empoderamento e inclusão social (BRASIL, 2008).

Esses textos são, pois, a concretização dos discursos que acontecem nas mais variadas situações, e estão impregnados de visão de mundo proporcionada pela cultura. Por isso, para a eficiência de uma proposta de ensino que atinja a todos os sujeitos, de diferentes classes sociais, o educador deve tomar como ponto de partida o estudo dos costumes da região da qual os alunos fazem parte. E o folheto de cordel pode e deve ser considerado um recurso didático capaz de auxiliar a “integrar o homem na sua comunidade sem sentir desprezo pelo ambiente que foi de seus pais e de seus avós em confronto com outros exemplos de cidades de maior progresso e adiantamento” (CAMPOS, 2015, p. 47).

As práticas de leitura do texto cordelístico devem resultar, necessariamente, das escolhas e combinações feitas no complexo universo que é a língua, e precisam estar onde o leitor está. Isto por-



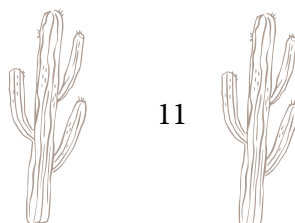
Literatura de Cordel

que, esses textos (misto da combinação do oral com o escrito) mostram de forma concreta o universo de seu autor: o que pensa, como pensa e, como expressa esse pensamento. Na verdade, muito mais, expressa a vivência do povo em toda a sua plenitude. A necessidade de a escola trabalhar com diversos recursos, certamente se constitui como desafio da educação. E, tratando-se da poesia de cordel, mais ainda, precisamente por carregar consigo uma das variantes linguísticas que se presentificam cotidianamente nos discursos.

Sob essa ótica, escolhemos trabalhar com a literatura de cordel por razões centrais:

- a) Por veicular valores indispensáveis à compreensão e configuração do comportamento humano;
- b) Por considerar que a poesia de cordel constitui recurso especial à dinamização da leitura escolar, enquanto instrumento pedagógico propício à abordagem de temas fundamentais ao ensino de Língua Portuguesa numa perspectiva interdisciplinar, a exemplo de pluralidade cultural, diversidade linguística, manifestações literárias, história e memória, dentre outros;
- c) Por ser um recurso que permite reflexões sobre os fenômenos linguísticos, fortemente marcados na poesia cordelística, privilegiando práticas de leitura cuja percepção entrelace aspectos culturais, religiosos, políticos, econômicos e sociais, que se relacione à situação de apresentação de relações de sentidos entre leitor e texto. (COSSON, 2014, p. 126)

Na Escola percebe-se a necessidade de trabalhar a leitura e letramento com os alunos do Ensino Médio de forma diversificada para que o aluno sinta-se estimulado a realiza-las de forma satisfatória e que resulte em aprendizagem significativa tornando-os cidadãos críticos e reflexivos a partir de temáticas voltadas para a realidade da região e da escola. Partindo dessas exposições, temos



Literatura de Cordel

como problema de pesquisa: A literatura de cordel em sala de aula seria uma proposta pedagógica significativa para o estímulo e formação do hábito da leitura e letramento? Mediante a este cenário, considerando que estamos diante de uma realidade em que saber ler e escrever para saber responder as exigências de leitura presente na sociedade compreendemos que devemos necessariamente, nos valer do letramento para formar um leitor competente e acima de tudo crítico.

De acordo com Soares (2011, p. 72) “letramento é o que as pessoas fazem com as habilidades de leitura e escrita, em um contexto específico, e com essa habilidade se relaciona com as necessidades, valores e práticas sociais”. Diante dessa concepção de ensino, podemos observar que cabe à escola instrumentalizar os alunos para que eles tenham habilidades para se comunicar com competências na sociedade.

Nessa direção entende-se que a inserção do estudo da literatura de cordel, enquanto gênero textual, no Ensino Médio, é possível proporcionar não só a revitalização desse gênero, como também subsidiar a formação de sujeitos e discursos cientes de nossa identidade e de sua cidadania. Diante do exposto, é que elencamos as seguintes hipóteses da pesquisa: a utilização do gênero textual “Literatura de Cordel” pode propiciar que os alunos se tornem competentes e críticos para interagir nas diversas demandas sociais; as práticas pedagógicas do professor de leitura literária e letramento da literatura de cordel podem contribuir para a formação competente e crítica dos alunos; a inserção do estudo da literatura de cordel, enquanto Gênero textual, no ensino médio, proporciona não só a revitalização desse gênero, como também subsidia a formação de sujeito e discursos cientes de sua identidade e de sua cidadania, a reflexão sobre a intertextualidade utilizada no cordel ajuda na absorção da importância desse gênero e a realização da Feira Literária de Cordel e Xilogravura contribui para a formação do aluno leitor.

A presente tese apresenta o alcance deste percurso teórico-metodológico, além desta introdução que aqui se apresenta, temos uma conversa sobre os gêneros textuais, com uma breve fundamentação acerca da importância do trabalho com diversos gêneros, que enfocam a funcionalidade



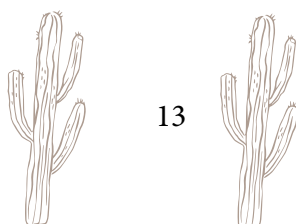
Literatura de Cordel

da educação como estímulo a cidadania e participação social e política. E ainda, trabalhamos neste ponto uma análise da construção social do gênero, que afirma que este vai muito além de um sistema de estrutura lexicais, fonológicas e sintáticas. Apresenta uma noção de leitura de mundo através do texto, já que ver o mundo de forma crítica e reflexiva é uma das principais metas que a educação se propõe em inserir nos seus agentes.

Discorremos sobre a questão do ensino da Literatura, a leitura do texto literário e de que forma a escola vem tratando dessa área do conhecimento. Atentamos para a questão da escolarização de leitura, como as instâncias existentes na escola podem influenciar e construir o letramento dos alunos, o simples espaço da sala de aula é considerado no contexto da pesquisa. Abordamos ainda o papel do professor como mediador perante a construção do letramento literário. Por fim, salientamos a popularização da poesia e sua presença na sala de aula para formar leitores críticos. Retratando o desenvolvimento da intervenção sócio-escolar em sala de aula: sua aplicação e prática acerca da literatura popular em sala de aula, através de poemas de nossa cultura e de seu uso como estratégia para a promoção do letramento literário.

O percurso metodológico da pesquisa mostra os sujeitos pesquisados, a caracterização do local e os critérios de inclusão dos sujeitos, bem como as descrições e detalhamento das atividades realizadas nas oficinas, além da discussão sobre as evidências relevadas nos dados do diagnóstico e os produzidos no desenvolvimento da aplicação da intervenção socioescolar. Abordamos ainda os resultados deste estudo, expondo a metodologia desta pesquisa, assim como o ponto crucial para identificar a profundidade desta pesquisa, o ambiente de investigação pelo qual foi desenvolvida uma extensa pesquisa de campo, com um público pré-selecionado constituindo os sujeitos da pesquisa.

Fazemos a exposição dos dados obtidos e os resultados à luz dos autores que defendem que a leitura e a literatura de cordel podem ser viáveis na construção de cidadãos mais reflexivos e críticos, podendo estas metas serem alcançadas pelo estímulo e construção do hábito da leitura entre os educandos. Apresentamos a realização da oficina literária para produção de cordéis e xilogravuras



Literatura de Cordel

para exposição na Feira Literária produzida pelos alunos e professoras, valorizando assim a confecção dos alunos. Por fim, temos as considerações finais do trabalho, referências bibliográficas, anexos e apêndices.

Quanto aos objetivos gerais do trabalho temos a pretensão de analisar a importância da inserção do gênero textual “Cordel” em sala de aula como estímulo a prática de leitura e letramento, na 3ª série do Ensino Médio da Escola “Professor José Olímpio Maia” na cidade de Brejo do Cruz-PB. Já sobre os objetivos específicos são:

- Compreender a função social da Literatura de Cordel que independentemente da temática escolhida, atua como veículo de propagação de valores culturais tradicionais pertinentes ao povo de uma região;
- Mostrar que o gênero textual Cordel dentro das salas de aula de Ensino Médio é de grande importância para a formação de leitores;
- Verificar como a atuação do professor por meio de práticas pedagógicas de leitura literária e letramento do gênero textual Cordel pode contribuir para a formação leitora e crítica dos alunos;
- Realizar uma Feira Literária de Cordel e Xilogravuras que proporcione aos alunos a vivência desses gêneros textuais;
- Refletir sobre as relações da intertextualidade utilizada no Cordel para a absorção da importância dessa linguagem.



Capítulo

1



DISCUSSÃO TEÓRICA



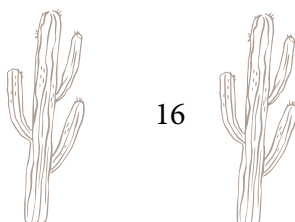
CONVERSANDO SOBRE OS GÊNEROS TEXTUAIS

O universalismo que queremos hoje é aquele que tenha como ponto em comum a dignidade humana. A partir daí, surgem muitas diferenças que devem ser respeitadas. Temos direito de ser diferentes quando a igualdade nos descaracteriza (BOAVENTURA DE SOUZA SANTOS, 1995, p. 36).

Já há algum tempo existe um consenso sobre a importância de se tomar o texto como base de ensino aprendizagem do Componente Curricular Língua Portuguesa, fato que pôde ser percebido e/ou notado desde a década de 80, a partir de diversos programas e propostas curriculares que surgiram em diferentes regiões do Brasil.

Como afirma Rojo (2012), num primeiro momento o texto foi tomado como um material empírico que, em sala de aula, favorecia atos de leitura, produção e análise linguística, o que levou à sua tomada como simples objeto de uso, e não de ensino. Isso significa dizer que o ensino era visto em uma abordagem cognitiva e textual, passando o texto a ser pretexto para, não somente o ensino da gramática normativa, mas também da gramática textual. Além disso, essa abordagem propunha uma leitura de extração de informações, buscando abstrair as circunstâncias ou a situação de produção e decodificação desses textos, sem dar a devida importância à leitura interpretativa, reflexiva e crítica. Nesse ponto, o texto ainda não se constitui propriamente num objeto de estudo, mas apenas num suporte para o desenvolvimento de estratégias necessárias ao seu processamento.

Somente num segundo momento que o texto passou a servir de suporte para o desenvolvimento de estratégias e habilidades de leitura e redação. Com a industrialização e modernização do país, ele passou a ser visto, não apenas como objeto do ensino de conceitos e conteúdos, mas como um eixo procedimental para o desenvolvimento das capacidades de leitura e produção de textos escritos. A partir daquele instante, não se tomava mais apenas o texto literário do cânone, recolhido em anto-



logias, para funcionar como modelo do bem falar e do bem escrever, ao contrário, os textos das mais variadas mídias passaram a dividir espaço com aqueles. Foi nesse ponto que os achados da linguística textual, dos estudos, o texto e a antologia textual adentraram nas salas de aulas sob uma roupagem didatizada (ROJO, 2012).

A reconfiguração dos objetos do componente curricular “Língua Portuguesa” e dos novos perfis dos corpos docente e discente, diminui o beletismo do ensino de português e surge um ensino mais preocupado com a realidade prática, sendo a língua valorizada como instrumento de comunicação (ROJO, 2012).

Com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (1998), uma virada discursiva e enunciativa, com relação aos trabalhos com textos em sala de aula, ocorre com mais força: ele passa a ser visto em seu funcionamento e em seu contexto de produção/leitura, enfatizando mais as significações gerais do que as propriedades formais, que dão subsídios aos funcionamentos cognitivos. A partir de então, convoca-se a noção de gêneros discursivos ou textuais¹, como um instrumento para favorecer o ensino de leitura e produção de textos não só escritos, como também orais.

Os currículos de língua materna redefiniram seus conteúdos, deixando de focar apenas a gramática e a história da literatura, para trabalhar com eixos de uso da língua e da linguagem, leitura, compreensão e produção de textos, além de sua análise, a gramática passa a ser subordinada ao eixo de uso (ALVES, 2012).

Compreender a cidadania como participação social e política, assim como, exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças; posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas. Saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos; questionar a realidade formulando-se problemas e tratando resolvê-los, utilizando para

¹ Alguns autores fazem distinção entre os gêneros do discurso e os gêneros textuais; entretanto, neste trabalho trataremos as duas expressões como sinônimas.



Literatura de Cordel

isso o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando sua adequação (BRASIL, 1998).

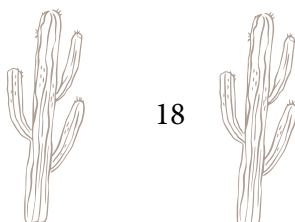
Quando os PCN focam o ensino da Língua Portuguesa, a ampliação e a importância da linguagem passam a ser definitivas, na efetuação das demais ações pedagógicas; pois, segundo esses parâmetros, o ensino de língua deve:

expandir o uso da linguagem em instâncias privadas e utiliza-la com eficácia, em instâncias públicas, sabendo assumir a palavras e reduzir textos – tanto orais como escritos – coerentes, coesos, adequados a seus destinatários, aos objetivos a que se propõem e aos assuntos tratados. (BRASIL, 1998, p. 23).

Existe aí uma disposição contrária a um pensamento educacional, vigente por muitos anos na tradição de ensino aprendizagem centrada na decodificação, na aquisição instrumental da língua que não privilegiava do sujeito em dado ato de enunciação.

Segundo Marcuschi (2010), os autores mais estruturalistas e muitos manuais escolares entendem a língua simplesmente como um código ou sistema de sinais autônomo, transparente, sem história e fora da realidade social dos falantes. Todavia, esse autor ressalta que vai muito além de um sistema de estruturas lexicais, fonológicas e sintáticas, já que está estruturada simultaneamente em vários planos, tais como, o fonológico, o sintático, o semântico e o cognitivo, os quais se organizam no processo de enunciação. Por ser um fenômeno, cultural, social, histórico, social e cognitivo, ela se manifesta em seu funcionamento e é sensível ao contexto. Isso significa dizer que é heterogênea e funciona numa relação dialógica, não podendo ser vista simplesmente como código.

Pode-se concluir que a produção textual e a leitura não são uma atividade de mera decodificação. Isso significa dizer que a linguagem resulta, em si, no ponto de partida para a aquisição e construção de conhecimento como da mais proveitosa funcionalidade comunitária. A consolidação dessa visão foi importante na elaboração dos sistemas de avaliação SAEB e ENEM. É importante ressaltar



Literatura de Cordel

que o uso do cordel, em sala de aula, enquanto gênero discursivo constitui uma motivação além dos conteúdos programáticos, já que “a história das nossas disciplinas escolares mostra que muitas vezes, a instituição escolar rejeita o que é estranho ao seu próprio funcionamento”, de acordo com Oliveira e Corrêa (2008, p. 181). Os efetivos usuários do sistema são desconhecidos ou silenciados dentro das metodologias e pedagogias vigentes no país.

Logo, a utilização dos gêneros textuais como prática pedagógica tornou-se essencial para o sistema educacional, que vê na formação da cidadania pré-requisitos para a compreensão dos sentidos da educação no país. Neste caso, os conteúdos de ensino de língua materna devem representar uma coletividade e sua diversidade cultural, como também as mais variadas formas de participação dos indivíduos nesse espaço.

Não se pode esquecer que subjaz uma abrangência maior onde a educação ocorre, sendo “na convivência humana e, principalmente, nos movimentos sociais e nas organizações da sociedade, incluindo as manifestações culturais”, tal como destacam Oliveira e Corrêa (2008, p. 177), quando refletem sobre o artigo primeiro (1º) da LDB/1996. Aliada a essas práticas vê-se que a finalidade e a significação da leitura, paralelamente, contribuem para essas novas posturas, diante da missão ensino e das atribuições dos sujeitos, dentro dessa nova sociedade. Segundo eles, os PCN articulam o ensino do componente curricular Língua Portuguesa e as duas vertentes: “em prática de escuta e de leitura de textos, orais e escritos, ambas articuladas no eixo do USO; por outro lado, em prática de análise linguística, organizada no eixo REFLEXÃO” (OLIVEIRA; CORRÊA, 2008, p. 180).

De acordo com Marinho e Pinheiro (2012, p. 128):

Experiências culturais fortes e determinantes de grandes obras artísticas como o Cordel – seu valor não está apenas nisto – estão praticamente esquecidas e a escola pode ser um espaço de divulgação destas experiências. Sobretudo mostrando o que nelas há de vivo, de fervescente, como ela vem sobrevivendo e adaptando-se aos novos contextos socioculturais. Como elas têm resistindo



Literatura de Cordel

em meio ao rolo compressor da cultura de massa.

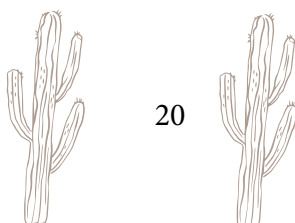
Os autores deixam claro que se faz necessário procedimentos metodológicos que orientem o trabalho com o Cordel, terá que favorecer o diálogo com a cultura da qual o aluno emana e poderá buscar novas vivências e conhecimentos, além do mais propiciar ao mesmo conhecer a contribuição do Cordel na formação do povo brasileiro.

Dessa forma, justamente por se dar mais importância não só às situações de produção e circulação dos textos como também à significação nelas forjadas, torna-se imprescindível a noção de gêneros discursivos ou textuais. Torna-se possível utilizar o texto como objeto didático-pedagógico, não só para o ensino de língua materna, mas também de qualquer ou disciplina e/ou componente curricular, sem perder de vista a interdisciplinaridade. Isso se faz claro, ao se adotar trechos dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (BRASIL, 1998, p. 48) “ainda que a unidade de trabalho seja o texto, é necessário que se possa dispor tanto de uma descrição dos elementos regulares e construtivos do gênero, quanto das particularidades do texto selecionado”.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) expõem que:

Os textos organizam-se sempre dentro de certas restrições de natureza temática, composicional e estilística, que os caracterizam como pertencentes a este ou aquele gênero. Desse modo, a noção de gênero, constitutiva do texto, precisa ser tomada como objeto de ensino (BRASIL, 1998, p. 23).

Sabe-se que estudos e pesquisas que abordam a necessidade de se trabalhar os gêneros textuais, em sala de aula, existem à exaustão. Aliás, o tema, num primeiro momento, pode parecer já esgotado e prescindível de novas abordagens, entretanto, não se pode esquecer que, a cada dia que passa, a sociedade exige um sujeito mais crítico, criativo, competente e dotado de capacidade de compreensão e aceitação do outro, o que demanda uma preparação que não fique limitada ao contexto superficial



com culturas e conceitos diversos.

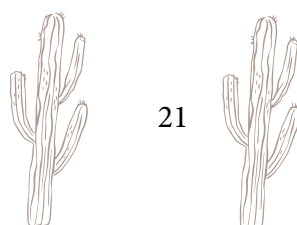
Tendo consciência disso, cabe aos professores que trabalham com alunos pouco acostumados e/ou adaptados ao contato com a cultura popular, apresentar-lhes opções, dentre os diversos gêneros textuais, para que eles possam ampliar suas visões de mundo e, dessa forma, prepararem-se melhor para as necessidades exigidas pela contemporaneidade. Isso significa dizer que a introdução de um gênero textual na escola, especificamente dentro da sala de aula, deve ser o resultado de uma cuidadosa decisão didática, que visa a objetivos previamente estabelecidos.

Segundo Koch (2015), a abordagem de determinado gênero textual deve possuir dois objetivos: o primeiro deles deve ser levar o aluno e/ou estudante a dominá-lo, a fim de que, a partir daí, ele possa desenvolver capacidades que ultrapassem o gênero e sejam transferíveis a outras modalidades textuais; o segundo objetivo consiste em colocar os alunos e/ou estudantes em situações de comunicação, que se aproximem o máximo possível das verdadeiras, para que elas tenham um sentido e, dessa forma, levem a dominá-las, pois, com origem, sofre necessariamente uma transformação, passando a ser não mais somente um texto para comunicar, mas também para se aprender. E é nesse ponto, com foco nesses dois objetivos, que se deve ater neste capítulo.

A LITERATURA DE CORDEL COMO GÊNERO DO DISCURSO

A língua é uma ferramenta humana de atividade social, histórica e cognitiva, por isso torna-se impossível haver comunicação verbal sem que faça de uso de algum gênero textual. Eles se situam e se integram funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem, o que leva a contemplá-los como práticas sócio discursivas (MARCUSCHI, 2010). Na realidade, seu estudo é atualmente uma fértil área interdisciplinar, com atenção especial para a linguagem em funcionamento e para as atividades de cunho sociais e culturais.

O que desperta nos falantes/ouvintes a percepção do que é adequado ou inadequado, em cada



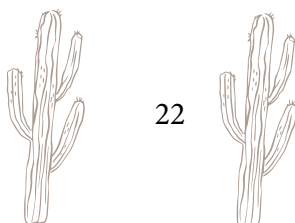
Literatura de Cordel

uma das práticas sociais, é a sua competência, sócio- comunicativa, a qual conduz, ainda, à distinção entre os diferentes gêneros de textos, como, por exemplo, uma piada, um conto, uma poesia, dentre outras. Isso significa dizer que há um conhecimento, ainda que indutivo, de estratégias de construção e interpretação de um texto, conforme informa Bakhtin (2010, p. 179):

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana, o que não contradiz a unidade nacional de uma língua. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo temático e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais – mas também, por sua construção composicional.

Dessa forma, pode-se concluir que todos os enunciados estão baseados em formas-padrão e relativamente estáveis de estruturação de um todo, que vem a constituir os gêneros textuais: tipos relativamente estáveis de enunciados às mais diversas situações sociais, as quais irão determinar as características desses gêneros, tais como temática, composição e estilística próprias. Justamente, por serem fenômenos sócios históricos e sensíveis à cultura, não é possível fazer uma lista fechada de todos eles, ao se dominar um gênero textual, está se dominando uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares, não há o domínio de uma forma linguística necessariamente (BAKHTIN, 2010).

Fundamentada em Koch (2015), defende a ideia segundo a qual os indivíduos desenvolvem uma competência metagenética que lhes possibilita interagir, de forma conveniente, na medida em que se envolvem nas que diversas práticas sociais. Acrescenta, ainda, que é essa competência que



Literatura de Cordel

possibilita a produção e compreensão de gêneros textuais e, até mesmo, que eles sejam dominados. Isso significa dizer exatamente que, se por um lado essa competência orienta a produção das práticas comunicativas, por outro lado norteia a compreensão sobre gêneros textuais efetivamente produzidos.

Maingueneau (2013) alerta que os gêneros do discurso não podem ser considerados como formas que se encontram à disposição do locutor, para que este molde seu enunciado dentro delas: ao contrário, tratam-se de atividades sociais que, por esse motivo, são submetidas a um critério volvem êxito, que envolvem elementos de ordens diversas, tais como uma finalidade reconhecida, o estatuto de parceiros legítimos, o lugar e o momento legítimos, um suporte material e, finalmente, uma organização textual.

Diante do exposto, pode-se perceber que os gêneros do discurso são de determinado modo, em certa função, em dadas esferas de atuação humana, o que possibilita reconhecê-los e produzi-los sempre que se fizer necessário. Caso não fosse dessa forma, acabaria por ter a primazia de uma produção de individual e individualizante, desprovida de traços de um trabalho construído socialmente, o que dificultaria a leitura e compreensão de textos (KOCH, 2015).

Com relação a isso, deve-se observar que o domínio da situação comunicativa passa pelo domínio do gênero, já que ele será escolhido em função do momento de produção do discurso, estabelecendo uma relação entre o meio e a finalidade a que se destina. Isso expõe a necessidade de conhecer o maior número possível deles, a fim de haver maior facilidade de expressão, bem como de compreensão de mundo, características tão necessárias às exigências dos tempos a imprime atuais.

É necessário deixar claro que, nas escolhas que realiza, o autor de um imprime sua marca individual; todavia não pode ignorar a relativa estabilidade dos gêneros textuais, o que não o caracteriza como um sujeito inteiramente livre, que tudo pode dizer em descaso com as regulamentações sociais, nem como sujeito totalmente submisso, que nada pode dizer, sem fugir das prescrições sociais. Realmente, a noção de gênero é respaldada em práticas sociais e em saberes socioculturais, porém, eles podem sofrer variações em sua unidade temática, forma composicional e estilo, o que leva a concluir



Literatura de Cordel

que não são instrumentos rígidos e estanques, ao contrário, possuem uma plasticidade e uma dinamicidade decorrentes da própria dinâmica da vida social e cultural, assim como do trabalho dos autores (ALVES, 2012).

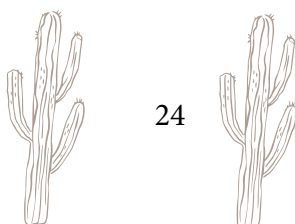
Nesse ponto, a escola se articula como veículo capaz de levar os alunos a entrar em contato com maior número possível de gêneros textuais, fazendo com que eles sejam não somente ferramenta de comunicação, mas também objeto de ensino aprendizagem, mantendo-os sempre atualizados com a dinâmica desse assunto.

Deve-se ressaltar que, na sua missão de ensinar os alunos a ler, escrever e a falar, a instituição escolar sempre trabalhou com os gêneros textuais, já que toda forma de comunicação se cristaliza em forma de linguagem específicas. A particularidade reside no fato de que ocorre um desdobramento no qual o gênero textual deixa de ser apenas um instrumento de comunicação e passa a ser também objeto de ensino aprendizagem. O cuidado que realmente se deve ter é de penas não tornar esse trabalho, na escola, como mero pretexto para a gramaticalização da língua, deixando de lado uma gama de informações que podem ser extraídas do texto.

O trabalho com a Literatura de Cordel na modalidade oral segundo Gomes-Santos (2012, p. 10):

é importante compreender melhor a natureza da exposição oral porque, ela assume na escola uma dupla função: é ao mesmo tempo, um instrumento de trabalho do professor – afinal, grande parte das atividades de ensino é organizada por meio de exposições orais – e uma tarefa escolar importante a ser realizada pelo aluno – de transmitir aos outros os conhecimentos aprendidos.

Dessa maneira, é possível afirmar que o ensino e a aprendizagem da oralidade ultrapassam os limites da sala de aula. Levando o aluno a ser sujeito ativo no meio em que vive e a escola exercendo sua função social.

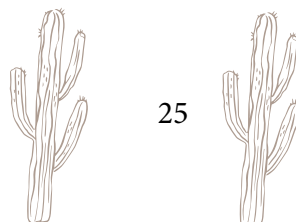


Literatura de Cordel

Como as esferas de utilização da língua são bastante heterogêneas e diversificadas, os gêneros também apresentam uma grande heterogeneidade, incluindo-se desde o mais banal diálogo cotidiano até a mais sofisticada tese científica, passando pela poesia, narrativa ou qualquer outro tipo de texto. É justamente por esse motivo que Bakhtin (2010) distingue os gêneros textuais em duas categorias: a primeira diz respeito aos gêneros primários, que são constituídos em esferas sociais cotidianas das relações humanas; já os gêneros secundários se relacionam a outras esferas, mais complexas, de interação social, as quais são, muitas vezes, mediadas pela escrita e apresentam uma forma composicional que absorve e transmuta os gêneros primários. Além disso, não se pode deixar de observar que alguns gêneros possuem maior facilidade de refletir a individualidade da língua, enquanto que, outros, por possuírem um formato padronizado, não o permitem. No primeiro caso, pode-se encontrar como exemplo os gêneros literários.

Schneuwly (2012) define algumas dimensões para os gêneros primários: troca, interação, controle mútuo pela situação; funcionamento imediato do gênero como entidade global que controla todo o processo como uma só unidade; pouco ou nenhum controle metalinguístico da ação linguística em curso. Já para os secundários, define-se como não controlados diretamente pela situação, o que não equivale a dizer que são descontextualizados, mas apenas sem contexto imediato.

Esse mesmo autor esclarece ainda três particularidades dos gêneros secundários: a primeira é que são modos diversificados de referência a um contexto linguisticamente criado, o que significa que, por conta do aumento na complexidade do texto, há necessidade de se criar uma coesão interna; a particularidade seguinte se detém nos modos de desdobramento do gênero, uma vez que, quanto mais autônomo em relação a uma situação imediata, mais o aparelho linguístico, criado na língua para falar dele, se enriquece e, conseqüentemente, se torna complexo; a terceira especificidade estabelece que a gestão eficaz dos gêneros secundários pressupõe a existência e a construção de um aparelho psíquico de produção da linguagem que não se baseia pelo imediatismo, mas sim, pela existência de níveis de decisão, de operações discursivas transversais (SCHNEUWLY, 2012).



Literatura de Cordel

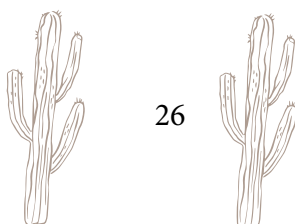
Vale lembrar que a concepção de gênero proposta por Bakhtin (2010) não é estática, mas sim, está sujeita a mudanças não só decorrentes das transformações sociais, advindas de novos procedimentos de organização e acabamento da arquitetura verbal, como também de modificações do lugar atribuído ao ouvinte, o que significa dizer que as mudanças que ocorram no gênero jamais podem ser separadas das transformações históricas dos estilos da língua. Para ilustrar esse fato pode-se tomar como base a linguagem e mesmo a temática que vem sendo utilizada em muitos folhetos de cordel produzidos mais recentemente.

É importante que se chame a atenção para o fato de que, se a literatura recorre às camadas correspondentes da literatura popular para atender às suas necessidades ela faz uso obrigatoriamente dos gêneros do discurso, através dos quais essas camadas se atualizaram (BAKHTIN, 2010). Isso leva a concluir que o popular e o erudito possuem uma relação de dupla articulação, ou seja, um sempre toma conhecimento do outro, mais cedo ou mais tarde.

No que diz respeito à literatura de cordel, percebe-se com nitidez esse entrecruzamento que envolve o popular e o erudito, uma vez que todo um cuidado com as construções composicionais convive com uma linguagem que, na maioria das vezes, se aproxima da oralidade e do coloquial.

É importante esclarecer que o termo “gênero textual” costuma designar os textos materializados que podem ser encontrados no dia-a-dia e que apresentam características, sócio comunicativas, definidas de conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característicos. Além disso, é fundamental a noção de que eles não se definem por aspectos formais, quer se trate de suporte em que os textos aparecem que determina o gênero, enquanto que em outros serão as funções (MARCUSCHI, 2010).

Ora, já que o desenvolvimento é considerado como um processo de apropriação das experiências acumuladas pela sociedade no curso de sua história, as noções de prática social e de atividade, assim como as de práticas e atividades da linguagem, são fundamentais, uma vez que a primeira fornece uma visão contextual e social das experiências humanas; enquanto que a segunda adota um



Literatura de Cordel

ponto de vista psicológico com a finalidade de abarcar os mecanismos de construção interna dessas experiências, isto é, as capacidades necessárias para produzir e compreender a linguagem (SCHE-NEUWLY, 2012). Sobre as práticas de linguagem, Scheneuwly (2012, p. 51) esclarece:

As práticas de linguagem são consideradas aquisições acumuladas pelos grupos sociais no curso de história. Numa perspectiva interacionista, são, a uma só vez, o reflexo e o principal instrumento de interação social. É devido a essas mediações comunicativas, que se cristalizam na forma de gêneros, que as significações sociais são progressivamente construídas.

O mesmo autor segue alertando para o fato de que as práticas implicam tanto em dimensões sociais, como cognitivas e linguísticas do funcionamento da linguagem, numa situação de comunicação particular. A fim de analisá-las, as interpretações feitas pelos agentes da situação são essenciais e dependem da identidade social dos atores, das representações que tem dos usos possíveis da linguagem e das funções que eles privilegiam, em consonância com a sua trajetória. Nesse sentido, as práticas sociais são o lugar de manifestações do indivíduo e do social na linguagem.

Ao analisar essa questão das práticas de linguagem, percebeu-se o quão rico pode ser o texto da literatura de cordel, na medida em que muitas informações terão a fornecer aos alunos, principalmente se pertencerem a uma classe social que não costuma ter um contato mais próximo com a cultura popular e, conseqüentemente, com camadas sociais muito diferentes da sua, dentro de uma perspectiva que preze pela exposição e reflexão das reais condições de vida de seus integrantes.

Aliás, entende-se que, quanto mais precisa for a definição das dimensões ensináveis de um gênero, mais fácil se tornará a apropriação deste como instrumento, o que possibilitará o desenvolvimento de capacidade de linguagem diversas que a ele estão associadas, isto é, quando se tem um objeto de trabalho devidamente descrito e explicitado, conseqüentemente ele se tornará acessível a todos nas práticas de linguagem e aprendizagem (SCHENEUWLY, 2012).



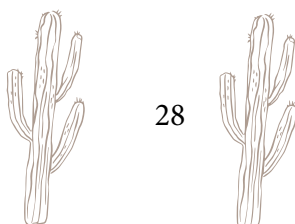
Literatura de Cordel

Ao tomarem contato com um determinado gênero na sala de aula, neste caso especificamente, o texto de cordel, os alunos aprendem a falar sobre esse gênero e, mais do que isso, constroem progressivamente conhecimentos sobre ele. Ao mesmo tempo, pelo fato de que a linguagem toma a forma de palavras características daquela modalidade textual, assim como apresenta regras específicas, os alunos são levados a uma atitude reflexiva, não só com relação à linguagem, mas também no que diz respeito à realidade social, histórica e cultural em que ela é originada.

Entretanto, a escolha de um gênero discursivo, como ferramenta e objeto de ensino, deve ser cuidadosamente analisada, pois a maturidade dos alunos, seja ela psicológica ou cognitiva, deve ser observada de forma criteriosa. Não se deve encarar a aprendizagem da expressão como um procedimento único e isolado, mas sim como uma série que deve ir se aprofundando aos poucos, numa evolução gradativa, sem que haja rompimentos radicais e desnecessários, uma vez que não é possível classificar os gêneros de maneira absoluta. Quanto a isso, o próprio Bakhtin (2010, p. 280) já chama a atenção:

Ficariamos tentados a pensar que a diversidade dos gêneros do discurso é tamanha que não há e não poderia haver um terreno comum para seu estudo: como efeito, como colocar no mesmo terreno de estudo fenômeno tão disparres como a réplica cotidiana (que pode reduzir-se a uma única palavra) dual, o romance (em vários tomos), a ordem padronizada que já é imperativa por sua entonação e a obra lírica profundamente individual, etc.? A diversidade e funcional parece tornar os traços comuns a todos os gêneros do discurso abstratos e inoperantes.

Quando se fala em literatura de cordel, há de se questionar a melhor série e/ou ano para ser trabalhada em sala de aula, uma vez que, por possuir um leque de opções sobre os mais variados temas, uma visão precipitada pode levar à sensação de poder abordá-la em qualquer série e/ou ano, o



Literatura de Cordel

que, com base no que já foi dito, não deixa de ser uma verdade, desde que se respeite a maturidade e o desenvolvimento intelectual dos alunos, sob pena de não se alcançar o efeito desejado no contato com mais um gênero textual, principalmente porque essa literatura faz parte da cultura popular, produção artística, muitas vezes, colocada à margem, especialmente nas classes sociais mais privilegiadas.

Contudo, como esta proposta visa à formação de leitores, o trabalho com cordel deve ir além do contato frio com mais um gênero textual e buscar fazer uma reflexão, que leve os alunos, principalmente aqueles de classes sociais mais privilegiados e que não costumam valorizar a cultura popular, a perceber uma realidade social e cultural diferente da sua, a fim de desenvolver o respeito e a tolerância, não só com relação às diversas manifestações artísticas, mas também no acabamento o da maneira de viver e pensar do outro.

Ao chegarem à 3ª série do Ensino Médio, os alunos, anualmente, já apresentam um interesse acerca dos conteúdos que serão abordados no vestibular seriado, que se inicia a partir da 1ª série do Ensino Médio. Por conta disso, como forma de estruturar uma base de conhecimentos em direta ligação com o conteúdo programático exigido nas provas de admissão para ingresso nas Universidades públicas federais e estaduais do estado da Paraíba, especificamente, faz-se necessária à abordagem acerca dos gêneros literários, além de noções de metrificacão e rima em aulas de Literatura, as quais, embora não sejam exigidas pela Lei de Diretrizes e Base da Educaçãõ Nacional (LDBEN), já são uma realidade nas escolas particulares de grande parte do estado da Paraíba.

Aproveitamos o mote (para usar um termo bem característico da cantoria popular) das necessidades do alunado da 3ª série “A” – Noturno do ensino médio, em somatório com os objetivos propostos neste trabalho, entende-se ser, o último ano da referida modalidade de ensino, o mais indicado para uma abordagem que vá além do conteudismo e busque um enfoque mais profundo, capaz de levantar amplas discussões e reflexões, ainda que não se possa neste momento, garantir a eficácia e real mudança de postura que essa proposta possa provocar.

A intensão primordial é que os traços associados ao gênero não se restrinjam às aparências



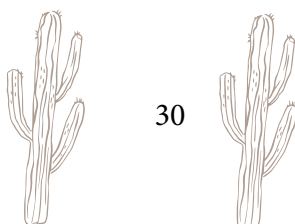
formais, porquanto essas são apenas as maneiras pelas quais as relações e as interações mais fundamentadas são realizadas no ato de comunicação. Ao reconhecer e trabalhar com o cordel, mobilizam-se conjuntos multidimensionais tanto da própria compreensão da situação, das próprias metas e atividades, quanto das dos outros. Ter clara a compreensão de gênero com o qual se está tendo contato é perceber o decoro, no sentido mais fundamental, isto é, que atitude e posição são apropriadas para o mundo, no qual se está engajado naquele momento.

O gênero textual é uma categoria multidimensional e fluída que ganha significado através de seu uso como ferramenta interpretativa e construtiva, por isso, a sua redução a alguns poucos itens formais que devem ser seguidos por razões de propriedade deixa escapar a vida que está incorporada no momento genericamente formado. Na condição de professores, se forem proporcionados aos alunos apenas os elementos formais de qualquer gênero com o qual precisam trabalhar, será oferecida apenas uma escravidão irrefletida às práticas correntes e nenhum meio para que possam estar prontos a entender as mudanças advindas da evolução do mundo (BAZERMAN, 2016).

Aos profissionais da educação seria muito mais proveitoso dar, não só a si mesmo como também aos alunos, meios para entender as formas de vida incorporadas à prática simbólica corrente, para avaliar as consequências da retórica recebida e, a partir daí, tentar transformar tanto o mundo retórico, quando tal transformação é aconselhável, quanto aos próprios indivíduos (BAZERMAN, 2016).

Isso se torna possível porque o texto muito tem a informar acerca da estrutura social, política, cultural e econômica em que foi gerado, principalmente no que diz respeito ao autor, conforme ensina Bakhtin (2010, p. 283):

O enunciado – oral e escrito, primário e secundário, em qualquer esfera da comunicação verbal – é individual, e por isso pode refletir a individualidade de quem fala (ou escreve). Em outras palavras, possui um estilo individual. Os gêneros mais propícios são os literários – neles o estilo individual faz parte do



Literatura de Cordel

empreendimento enunciativo enquanto tal e constitui uma de suas diretrizes -; se bem que, no âmbito da literatura, a diversidade dos gêneros ofereça uma ampla gama de variadas de expressão à individualidade, provendo à diversidade de suas necessidades.

É preciso apenas o cuidado para que não se concebam os gêneros como modelos estanques nem como estruturas rígidas, mas como formas culturais e cognitivas de ação social corporificadas na linguagem, o que leva a percebê-los como entidades dinâmicas, cujos limites e demarcações se tornam fluídos.

Na medida em que se reconhece isso, pode-se arriscar dizer que boa parte dessas atividades discursivas serve para atividades de controle social e cognitivo, já que, quando se quer exercer qualquer tipo de poder ou influência, recorre-se ao discurso. Na verdade, o meio em que o ser humano vive e se acha imerso vai muito além de seu ambiente físico e contorno imediato, pois está envolto também por sua história, pela sociedade e pelo discurso. A linguagem sempre envolve as vivências, em gêneros. Dentro desse contexto, a noção de que a língua é, uma atividade sócio interativa de caráter cognitivo, sistemática e, instauradora de ordens diversas na sociedade, é central (MARCUSCHI, 2010).

É justamente para resgatar a história, o discurso e a sociedade em que o texto de cordel está inserido que se propõe um planejamento de trabalho com esse tipo de texto em sala de aula. O que se busca, na verdade, não é apenas colocar o aluno em contato com a literatura de cordel, como se fosse mais um gênero textual dentro de uma cadeia de vários outros, mas sim, desenvolver nos mesmos, uma capacidade de reflexão que os deixe aptos a exercerem sua capacidade de ação diante da realidade que deve se desnudar.

Cordel e leitura: texto e mundo

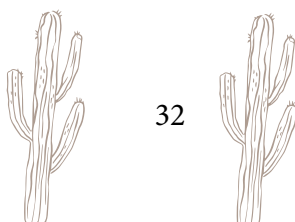


Neste momento, faz-se importante salientar a importância do Cordel como gênero textual, possuindo um grupo determinado de leitores com o qual se identifica e se expressa. As ansiedades e expectativas sociais, quanto aos folhetos, provocam resultados que vão além do simples ato de leitura por diversão e informação. O cordel promove um conhecimento de mundo nascido da ideologia com o qual comungam os indivíduos, autores e leitores, participantes de sua tessitura. Soares (2011) faz importantes considerações sobre tais condições no âmbito social quando indaga sobre a relação entre eles: seria a leitura enunciação, diálogo? Essa pergunta gera aqui boa parte da reflexão que envolve meio, produção e circulação do cordel no processo de sentidos e de difusão de um discurso legitimado por determinado grupo.

Os conceitos envolvidos auxiliam numa postura que se quer longe dos preconceitos. Soares (2011, p. 18-19) afirma que:

Qualquer enunciação, por mais significativa e completa que seja, constitui apenas uma fração de uma corrente de comunicação verbal ininterrupta que constitui, por sua vez, um momento na evolução contínua, em todas as direções, de um grupo social determinado. Um importante problema decorre daí; o estudo das relações entre a interação concreta e a situação extralinguística não só a situação imediata, mas também, através dela, o contexto social mais amplo. Leitura – enunciado - é também uma fração de uma corrente verbal ininterrupta.

Como se pode observar, o texto de cordel enquanto ato enunciativo resulta numa ação ideologicamente construída, na qual sujeitos se localizam e impõem sua visão de mundo previamente, ou melhor, paralelamente construída. O reducionismo ao tratamento do cordel, no processo de leitura, pode levar a uma falsa, para não dizer inconsistente, avaliação de seu papel, o que significa afirmar



que existe uma tentativa de esvaziar seu discurso, já que certa relatividade está associada a um campo vasto de interesse.

Defende-se que todas as formas de depreciação do gênero, enquanto formação discursiva é um índice de exclusão. O conjunto de valores utilizados para analisar sua aparição condiz, em sua maioria, com convencionalismos que tem por objetivo a interdição. Quando leitores e autores, sujeitos do discurso, expressam, pela linguagem, sua visão de mundo, estão trazendo ao âmbito linguístico os fatores extralinguísticos que compõem seu universo ideológico. Entender a leitura como forma de resistência é afirmar que: se há textos, há sempre, por trás deles, esses sujeitos discursivos e uma luta constante pelo direito de dizer.

A compreensão para o termo “leitura” não é de ato algo simples de conceituação. As teorias que abordam o tema são divididas, segundo Koch (2015), em três vertentes básicas de procedimento: a primeira focada no autor; a segunda focada no texto e, a última, na interação autor-texto-leitor. A vertente centrada no autor revela uma postura de passividade do leitor, no processo de construção do pensamento e dos sentidos almejados pelo texto, cabendo a ele apenas a ação de apreender as intenções do autor no exercício da leitura. Quando o deslocamento promove o texto como circunstância primordial para o exercício da leitura, o leitor é considerado como todo aquele que compreende o código linguístico e é capaz de aferir o sentido que o texto propõe, já que este tem em si um forte apelo ontológico, deixando nele todas as possibilidades de interpretação expostas e não permitindo fugas à sua infalível edificação.

O autor é um mero índice; o leitor, um selecionador de sentidos que preexistem no texto. E, por fim, quando da interação autor-texto-leitor, a leitura será tomada amplamente, como um processo de produção de sentidos. Neste último caso, a participação ativa do leitor é ressaltada como ponto de partida e ponto final de qualquer autor e de qualquer escrita. Quem vai ler? Essa é uma pergunta que está antes de ó que se lê? E é anterior também a “quem escreverá o texto”? Porém, só se pode admitir a existência de cada um dentro desta equação autor-texto-leitor e não fora dela.

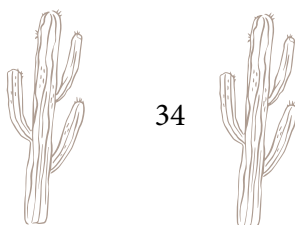


Literatura de Cordel

Todavia não se pode deixar de ratificar que “Não há teoria hegemônica ou que seja a mais correta e definitiva. Ler é um ato de produção e apropriação de sentido que nunca é definitivo e completo” (MARCUSCHI, 2010, p. 34). Sua ação é sempre parte de um complexo sistema social, de uma vasta rede de interesses. Entender o funcionamento do processo de leitura pode ajudar, mas não ilustra o suficientemente, o porquê da longa tradição cordealista no país. Ficar estáticos mediante a engrenagem psíquica cognoscível da leitura não explicará o valor cultural e a resistência do cordel por tanto tempo: sua existência, como reflexo cultural de um povo, não só passa pela ideologia como é essencialmente construído por ela. O mundo onde surge é modificado por ele e a partir dele também se modifica.

Neste sentido, pode-se compor uma trajetória da leitura de cordel em três modalidades para o seu melhor entendimento e desenvolvimento: a fase oral, a fase de expansão e a atualidade. Há, entre as proposições, um fluxo contínuo, um movimento progressivo e paralelo entre as partes. A divisão, porém, não é um índice temporal ou histórico do gênero, busca-se aqui relacionar estágios de emissão e recepção destes enquanto enunciados. Não há limites temporais entre eles, pois podem acontecer em um mesmo momento. Mas há ações distintas que impulsionam a transformação do cordel e consequentemente sua existência em meio aos avanços da sociedade, sobretudo os tecnológicos. A técnica é uma forma de conservar discursos e poderes. Essas ações, como se pode ver, comunicam-se e interagem de um mesmo sistema discursivo.

Na primeira proposição registra-se o período em que o cordel tem seu principal contato com seu público leitor através da cantoria, realizada, em sua maioria, pelos cantadores, geralmente autores dos livretos e da leitura em voz alta por um indivíduo alfabetizado, ora extra grupo, ora, integrante do grupo. Nessa fase, as principais características do gênero são definidas como também o é seu caráter de elo de identificação social. A transmissão oral de conhecimento é uma das formas mais conhecidas de interação na história do homem como ser social. Contudo, na história da literatura e seus leitores há um fato particular que não está eximido de intensão: levados por essa primícia pode-se confundir



Literatura de Cordel

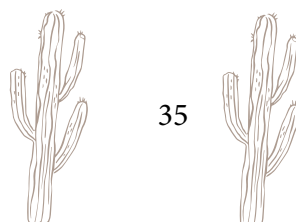
na relação com um grupo, um lugar determinado para este momento, mas acredita-se que ele ainda não acessou e está em contínuo desenvolvimento.

Galvão (2015, p. 58) coloca que:

Sabe-se, por exemplo, que, na época em que sobretudo os fatos mais antigos foram escritos, a sociedade era ainda muito marcada pela presença da oralidade e sobretudo a poesia era considerada um gênero oral, escrita para ser lida ou em voz alta, mesmo nos gêneros eruditos, a ponto de Antônio Cândido (1980) ter caracterizado o público leitor brasileiro na época – inclusive a elite – como um “público de auditores” – de qualquer tipo de literatura.

O que a autora constata como uma característica da época é a ocorrência do alto índice de analfabetismo. É preciso dizer que a literatura, a qual Cândido se refere, é a que era consumida pelas classes mais abastadas, porém não se deixa de perceber que essas condições de leitura estarão presentes na construção panorâmica da experiência com o cordel, mas que as circunstâncias sociais configuram exatamente outra relação com os ouvintes. Decerto não se pode retirar, do campo de considerações a esse respeito, a comunidade de leitores e suas condições de leitura. Esses “saraus públicos e particulares” constituem uma ocorrência regular, mas provavelmente não é o principal motivo e tampouco se encontra isolado em determinada fase do gênero. Se é que se pode concordar que esse é o elemento caracterizador de uma primícia, deve-se perguntar: por que até a década de 80 esta forma de leitura pôde ser constatada, sobretudo, no interior do Brasil? (COSTA, 2008).

Com o advento do rádio, por exemplo, ser um ouvinte das pelejas e das aventuras constituía um novo procedimento para um mesmo contato textual. Daí uma nova pergunta: haveria uma linha da evolução da leitura, distinguindo regiões e comunidades no país e nos tempos atuais geridos pela comunicação? Já que são fortes os indícios da oralidade na essência do cordel, e disso, não há a menor sombra de dúvida, não se pode deixar de indagar: como seria a ação de ler se acaso os números de



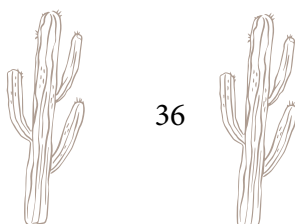
Literatura de Cordel

privilegiados pelo sistema meritocrático da educação brasileira indicassem uma população de leitores bem perto do ideal, para um padrão de país desenvolvido? E se o sistema educacional fosse mais democrático e abrangente, ao invés de exclusivista?

Antes de se tentar responder às perguntas é preciso que se repita que o cordel é uma forma de resistência popular, mas não uma expressão de ignorância da qual o popular sempre foi marcado. Os mais politicamente corretos podem sustentar opiniões, mesmo que bem-intencionados, excludentes. Nessa luta, os caracteres da segunda fase se revelam e, aos poucos, o cordel vai aferindo novas modalidades de insurgência e expansão de sua oralidade, sua segunda proposição. O fascínio do livro, enquanto objeto e escrita, não tirou dele seu caráter identificador. Posicionamentos, tais como: o da escrita literária, que por muito tempo desconsiderou o cordel, enquanto literatura são reflexos dos mecanismos do poder; manifestações como essas geram uma série de ações que podem causar certas confusões. Que código escrito normatizado é um domínio de determinado grupo da sociedade, os que geralmente ditam as regras, aqui não se discorda, porém esse é sempre um objeto de desejo, na luta dialógica, e não possui um caráter único. Várias são as formas que geram o indivíduo inapto enquanto conceito de exclusão.

Da língua escrita apropriam-se as classes dominantes, fazendo dela discurso de verdade, repositório de um saber de classe, apresentado como saber legítimo. O acesso à escrita pelas camadas populares pode, por isso, significar a renúncia a seu próprio saber e a seu próprio discurso, a sujeição ao saber do dominante. (SOARES, 2006, p. 22)

O que se deve analisar, neste caso, é que esse domínio não é válido, como também não é o lugar ocupado por essas classes. A instabilidade é um princípio que fere o conceito estático de linearidade de poder. Quando se legitima determinados usos, como é o caso de Soares, acima, está-se contribuindo para este preceito de conservação. Deve-se lembrar sempre que a “leitura é também contra



Literatura de Cordel

poder e residência” (CHIAPPINI, 2005, p. 179). Tanto a língua oral quanto a escrita constituem-se em objetos de poder que são disputados a todo o momento pelos indivíduos pertencentes a qualquer organização social. Chiappini (2005) dá um exemplo ao citar como os nativos colonizados da América Hispânica usaram a escrita dos vencedores para manter sua identidade e resistir culturalmente à colonização.

Existe uma estrutura, é certo, que inventa e reinventa os meios e tecnologias capazes de regular o avanço dos menos privilegiados. Os avanços tecnológicos quando implantados em uma comunidade são realentadas na sua evolução, quando se adota como segmento orientador a sua distribuição, que vai da pirâmide social até sua base. Quando o cordel transita pelas duas modalidades da língua, enquanto construto social, ele demonstra a afirmação de um grupo que lança mão a direitos sobre o exercício de igualdade na busca pelo poder. Se tais adventos tecnológicos constituem propriedade confessa da classe dominante em batalha, caberá ao povo sua apropriação. É interessante notar que, nas comunidades onde os cordéis são elaborados por poetas analfabetos, a figura de um mediador, aquele que faz o registro escrito entre o oral e o papel, põe sob o serviço do cantador, o código dito averso a essa experiência poética.

Todos os indivíduos plenos em suas faculdades de utilização do código linguístico são capazes de dominar a escrita. E essa não é uma ação alienadora, mas sim dialógica. Sentindo a necessidade de atingir, não apenas um público letrado, mas também o analfabeto, os cordealistas se apropriaram não só do registro escrito como também o da oralidade, o que leva a concluir que as classes que dominavam o código escrito não ficaram sua bandeira de posse sob o gênero. Na verdade, viraram-se as costas para aquele tipo de literatura vendida nas praças e feiras sempre acompanhada de pandeiros, violas e violões, chamando a atenção, mais tarde, das populações urbanas proletárias por natureza. O livreto é uma demonstração fiel de luta. Não é a leitura proporcionada diretamente aos dominantes, mas um artigo de consumo popular e coletivo.

O livro ainda é um objeto de luxo dados os padrões econômicos do país. Mesmo com a de-



Literatura de Cordel

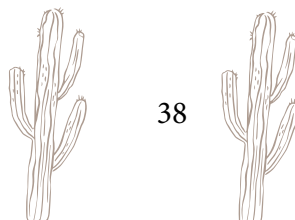
monstração de crescimento do hábito de leitura, hoje ainda o poder de compra de milhões de brasileiros limita o número de leitores, o que não deixa de ser mais uma arma em favor da exclusão. Contudo o que se nota é que as publicações cordealistas ultrapassaram as barreiras de acesso à leitura e à posse de textos impressos. Arrisca-se a dizer que aonde o livro não chegou; o cordel, no mínimo, visitou. Baratos? Por que não? Mas o menor custo não significa um menor cultural.

Cabe aqui dizer que a didática e a pedagogia são representantes disciplinares de um poder, que contribuem para materialização de preconceitos, sob vigília ou fora das atividades escolares a poesia do cordel. Os índices de analfabetismo diminuíram em todo o território nacional, mas ainda é alarmante sua aparição. Contudo não é a solução deste problema que ditará a identificação de leitores, conforme Soares (2006, p. 24) esclarece:

A alfabetização – passo primeiro nesse processo – tem o caráter de um “rito de passagem” que, conduzindo as camadas populares do limiar de um mundo discursivo novo, ao mesmo tempo onde pode destitui-las de seu próprio discurso, resguardando assim a hegemonia do discurso dominante.

Nos cordéis, o mundo dos populares encontra outro veículo para se expressar. Não são eles descritos por outro, suas falas não são imaginadas de fora de uma realidade, ela nasce e se espalha em um espaço e, como o efeito de uma onda, atinge novas instâncias.

Ser uma expressão cultural faz o cordel um elemento de identidade de um povo, reverbera em si a memória e o discurso de verdade para uma comunidade. A deparar-se com o cordel, qualquer estudioso irá apontar a vitalidade com que o gênero resiste, através do tempo, mais como um fenômeno cultural e textual ímpar. As condições de produção mudaram, a organização editorial mudou, seus temas e personagens são cada vez mais atuais, sua forma já não é tão artesanal como antes e, mesmo assim, os livretos mantêm uma forte ocorrência em todo o território brasileiro como uma tipologia textual forte.



Literatura de Cordel

Os autores, hoje, se organizam em associações e academias, num sistema de rede onde a Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC) tem papel similar ao da Academia Brasileira de letras e, coincidentemente, ambas situadas no Rio de Janeiro. As produções dos cordealistas ganharam de vez as salas de aula universitárias; autores como, por exemplo, Patativa do Assaré são cada vez mais estudados em sua produção literária. O tardio reconhecimento acadêmico não impediu a progressão dos textos, fruto da persistência de um gênero literário que se firmou com o tempo em suas regras e peculiaridades. As implicações que envolvem o cordel e suas leituras não são passíveis de uma conceituação fácil ou de métodos bem determinados.

Eles já são vendidos comumente dependurados em barbantes, em feiras e praças públicas, dessa forma aumentaram os espaços de atuação. Encontram-se hoje, em algumas livrarias, cordéis para todos os gostos, ainda que não tenha mudado muito o interesse das editoras pela literatura popular. Mas ter um ambiente, mesmo que reduzido, nas prateleiras onde figuram os best-sellers², é uma prova de que a literatura de cordel mantém um grupo de leitores que transitam nos salões de consumo das grandes letras e dos mais vendidos. Contudo, por trás dessa aceitação, uma vigília constante de um saber que limita a atuação do cordel nos seus domínios. Esses censores se produzem nas câmeras de editoração.

Galvão (2015, p. 169) chama a atenção à perseguição da ditadura militar a alguns livretos “os depoimentos e os estudos sobre o tema revelam que muitos poemas foram censurados, apreendidos e queimados, principalmente no período pós-64. As razões para a censura eram, sobretudo, de ordem moral e política”. Essa prática faz parte de um conjunto maior que delimita a atuação do texto sob o caráter discursivo. O que Galvão (2015) chama de “leituras proibidas” tem relação direta com a ideia de Foucault (2007) de interdição do discurso.

Para entender esta, mesmo tímida, porém sólida, instituição textual com a qual se caracteriza o cordel, é necessário que se compreendam os processos de formação de sentido e leitura, que eles provocam, ou melhor, a que eles estão explícita ou implicitamente envolvidos. É preciso primeiro

2 <https://www.livrariaflorence.com.br/editora/best-seller?>



Literatura de Cordel

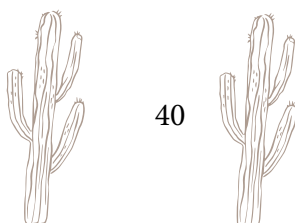
definir, se possível, o que é leitura. Pode-se afirmar que ler é uma ação em que o indivíduo, leitor, em contato com o texto, gera significados e apreende daí conhecimentos, desenvolvendo um pensamento. Afirma-se que ler é uma capacidade de ser atingido pela informação produzida por um emissor, autor, no processo de comunicação.

Há os que defendem a leitura como um processo de interação, no qual se dá a construção e manutenção do social. O texto, nessas concepções de leitura, é visto sob pontos referenciais de observação: autor, texto, leitor, cada um com suas limitações de abordagem, dada a complexidade do processo. Mas, em todas as formas destaca-se a participação da escola ainda a aprovar, ou reprová-lo, determinados discursos. Esse posicionamento, nas palavras de Zilberman (2015, p. 114), reflete:

Uma escola que responde positivamente a um sistema vigente, sem querer alterá-lo e expandi-lo, assume a leitura enquanto reprodução valorizando a paráfrase do texto lido, duplicando a visão hierarquizada e autoritária da cultura, incentivando a recepção passiva e mecânica.

Daí a importância de que a literatura de cordel deixe de ser, nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) uma representação folclórica, para passar a ser estudada como gênero literário e textual. Mas esse procedimento, de certa forma, não é algo fácil de implementar, pois são necessárias reformas que vão, desde o pensamento disciplinar da Literatura e de seus protocolos, até a ação pedagógica que rege a escola enquanto instituição. A ingenuidade, o desconhecimento ou mesmo a suposta nulidade política são discursos que valorizam outros discursos: o do preconceito e o da exclusão.

Nesta perspectiva, o que se pode entender por ensino de literatura na escola talvez tenha como produto final a substituição de certos protocolos por outros, sendo os mais desejáveis, os que mais próximos estiverem dos protocolos que emanam dos pontos centrais da comunidade interpretativa oficial. (LAJOLO, 2001, p. 96)



Literatura de Cordel

A literatura de cordel, por mais vigiada e limitada dentro dos meios constitutivos do saber, aponta sempre para um embate com um conhecimento, responsável pela criação de uma realidade que se quer diferente e traz em si a confirmação de uma sociedade estratificada e conservadora. Mas a circulação desses textos nas universidades e escolas demonstra também os esforços de apropriação definitiva do discurso do outro como forma de manutenção do poder.

E hoje? Qual a atuação do cordel na construção diária de realidade e luta contra as diferenças na mesma? Alguns afirmam que o cordel é um tipo de literatura, uma expressão cultural que está fadada ao desaparecimento e, por esta razão, deve ser estudado e catalogado como gênero em extinção. Alegam também, os ignorantes que, pela crescente urbanização das cidades, a evolução tecnológica dos meios de comunicação, pela modernização do mercado editorial, os livretos deixarão de ser produzidos ou serão absorvidos pelos modelos convencionais vigentes. Seus argumentos baseiam-se na novidade da técnica e no gosto pelos novos objetos de leitura. Porém, deve-se afirmar que o cordel, como qualquer atividade cultural, é tão dinâmico quanto essas novidades.

Desconhecem alguns, que esse gênero é sustentado pela desigualdade social e econômica e, enquanto essa não cessar, sua criação também não cessará. As modificações não serão evitadas, pois nelas reside o princípio ativo que regula sua aparição. Não se pode esquecer que os livretos fazem parte de uma intrínseca rede de referências de comunidades a elas aliadas. Neste sentido, a memória é uma das formas que preservam a ligação entre os indivíduos de uma sociedade. E o cordel, como produção cultural e textual, falará de memórias, mas ele mesmo se constituirá como tal.

A comercialização de cópias de alguns livretos em grande escala exhibe, sob a forma das tiragens, a importante relevância do gênero para determinado grupo de leitores confesos, dos cordéis na sociedade. Galvão (2015) dá este respaldo, relevando o depoimento de Ariano Suassuna, na sua pesquisa. Nele, o escritor afirma que o cordel “A lamentável morte do Presidente Getúlio Vargas”, de



Literatura de Cordel

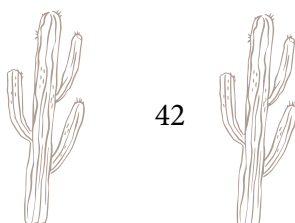
Firmino de Paula, alcançou o número de setenta mil (70.000) exemplares, vendidos num período de 48 (quarente e oito) horas. Para Suassuna (2002), grande estudioso e apreciador da cultura popular, “se setenta mil (70.000) pessoas compraram folhetos, era porque eles tinham o interesse em ver aquele acontecimento que tinha causado uma impressão tão grande a eles, que eles queriam ver tratados nos termos da literatura que é a deles” (SUASSUNA, 2002 apud GALVÃO, 2015, p. 184).

Na lógica defendida e constatada por ela, esses leitores poderiam buscar outros meios de comunicação para o contato com a informação, contudo, não é a descrição do fato em si que colabora para a procura e vendagem, e sim a forma textual com que ele é exposto. A materialidade do leitor constrói e é construída pela materialidade do gênero textual cordel. Mais que um jogo de comunicação, o cordel é uma atividade literária que não admite servir ao processo mecânico de leitura. Esta relação entre veículo, informação, leitor e linguagem faz parte de instâncias maiores de formação de sentidos. Os textos, enfim, não podem ser desligados de uma relação de contingências e de construção de uma realidade. Os textos procuram sujeitos, estes tecem textos e com eles cobrem seus corpos sociais, que não suportam mais as intempéries do tempo e do meio.

O cordel no pedacinho do Brasil: o Nordeste

No Brasil os primeiros folhetos de cordel foram trazidos pelos colonizadores portugueses, em suas bagagens, bem no início da nossa colonização. Depois da chegada desses livretos ao nosso país, só três séculos depois, é que surgiram os primeiros folhetos de autoria brasileira, na Região Nordeste do país. Curiosamente o cordel se propagou no Nordeste brasileiro, região rica em manifestações culturais. De acordo com Melo (2013, p. 12),

No Nordeste, por condições sociais e culturais peculiares, foi possível o surgimento da literatura de cordel, de maneira como se tornou hoje em dia característica da própria fisionomia cultural da região. Fatores de formação social



Literatura de Cordel

contribuíram para isso; a organização da sociedade patriarcal, o surgimento de manifestações messiânicas, o aparecimento de bando de cangaceiros ou bandidos, as secas periódicas provocando desequilíbrios, econômicos e sociais, as lutas de famílias deram oportunidade, entre outros fatores, para que se verificasse o surgimento de grupos de cantadores como instrumento de pensamento coletivo, nas manifestações da memória popular.

De acordo com os pressupostos de Melo (2013), o cordel desempenhou várias funções aqui no nordeste, como: veículo do campo, para fins educativos, políticos e, inclusive, sanitários em campanhas de vacinação contra a tuberculose. Veículo de campanhas político-partidárias; funções equivalentes a outras atividades artesanais como estratégia de sobrevivência entre poetas populares, pequenos proprietários de tipografias.

Outro papel importante exercido pela literatura de cordel diz respeito à sua função como auxiliar de alfabetização. Sabe-se que incontáveis nordestinos carentes de alfabetização aprenderam a ler deletreando estes livrinhos de feira através de outras pessoas alfabetizadas. Numa época em que as cartilhas de alfabetização eram raras e não chegava gratuitamente ao homem rural, o folheto de cordel cumpria espontaneamente esta alta missão social.

O cordel sofreu várias transformações de Portugal para o Brasil, pois no Brasil nunca houve a produção de cordéis escritos em prosa como em Portugal, toda a nossa produção se deu exclusivamente em versos que carrega como características próprias uma das variantes linguísticas do Brasil, que se presentifica no discurso do homem camponês.

O ponto de partida da poesia popular nordestina, impressa, inicia-se com o paraibano Leandro Gomes de Barros, o mais famoso poeta popular. Isso por que: “não há dúvida de que, até hoje, nenhum outro poeta da literatura de cordel conseguiu igualar-se quer em qualidade de versos quer em penetração popular” (LUYTEN, 2005, p. 53-54).



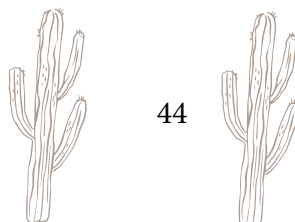
Literatura de Cordel

A partir de então a literatura de cordel propagou-se aqui no Nordeste, na forma de folhetos, por volta de 1990. Depois de 1990, outros nomes de autores de folhetos surgiram: Antônio Guedes, João Martins de Athayde, Antônio da Cruz, José Adão Filho, Laurindo Gomes Maciel, Manoel Caboclo e Silva e Antônio Gonçalves Dias, etc. Enfatizando aqui um dos mais renomados poetas da Literatura Cordealista Nordestina, Antônio Gonçalves Dias, mais conhecido por Patativa do Assaré, destacou-se por cantar em versos a via dura do sertanejo, a diferença de classes e também as coisas de sua terra: as festas, os costumes e a natureza.

Sou um caboclo rocêro,
Sem letra e sem estrução,
O meu verso tem o chêro
Da poêra do sertão;
Vivo esta solidade
Bem distante da cidade
Onde a ciência gunverna.
Tudo meu é natura,
Não sou capaz de gosta
Da poesia moderna. (PATATIVA DO ASSARÉ, 2007, p. 78).

À medida que ao progresso foi chegando, a poesia de cordel foi mudando, ao longo dos anos sofreu alterações. Historicamente, as temáticas apresentadas nas poesias de cordéis eram extremamente diversificadas, romances tradicionalistas, até assuntos históricos brasileiros, relacionados à religião, ao misticismo, à vida do campo, desastres, crimes, acontecimentos da atualidade mundial. É assim que Luyten (2005, p. 56) a caracteriza:

Essa poesia, a literatura de cordel, ao longo dos anos sofreu uma mudança,



Literatura de Cordel

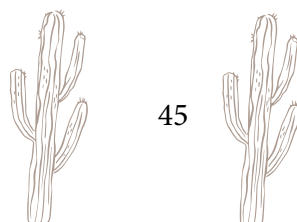
não na sua estrutura, mas sim na essência. Antigamente, ela era portadora de anseios de paz, de tradição e veículo único de lazer e informação. Hoje, ela é portadora, outras coisas, de reivindicações de cunho social e político.

Então, apesar de consideráveis mudanças, as instituições responsáveis pela formação do leitor parecem não ter dado conta de sanar os desencontros que se evidenciam no relacionamento poesia e escola. Fazem-se, portanto, necessárias reivindicações no sentido de levar em consideração a integração leitor-texto, pois, para que essa interação ocorra é impreterível que os elementos constitutivos específicos do poema estejam enraizados no contexto cultural e social do leitor, por isso a inclusão desse gênero discursivo, o cordel, ser aqui destacado como indispensável no currículo escolar.

Uma vez que esses textos são a concretização dos discursos que acontecem nas mais variadas situações, e estão impregnados de visão de mundo proporcionada pela cultura e resultam, necessariamente, das escolhas e combinações feitas no complexo universo que é a língua. Eles precisam estar onde o leitor está. Isto porque, esses textos orais ou escritos, mostram de forma concreta o universo de seu autor: o que pensa, como pensa, e como expressa esse pensamento. Na verdade, muito mais, expressa a vivência do povo em toda a sua plenitude.

A LITERATURA DE CORDEL E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DESSE GÊNERO NA SALA DE AULA

Sabendo dos desafios do ensino de língua materna nos dias atuais e da importância de apresentar aos alunos as diversidades de gêneros textuais, o presente estudo dar ênfase à utilidade da Literatura de Cordel para os alunos das séries finais do Ensino Médio. O propósito primeiro é evidenciar que o trabalho com o gênero textual Cordel é dinâmico e capaz de despertar a criatividade dos alunos incentivando-os na tarefa de ler, recitar e escrever folhetos.



Literatura de Cordel

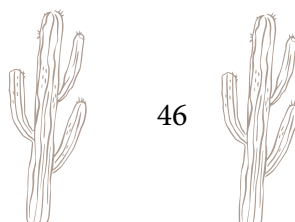
Considerando que a Literatura de Cordel já fez parte das nossas tradições, antes da chegada das mídias que nos trouxe um mundo de inovações de novidades, que nos atrai e faz com que deixemos de lado nossas próprias origens culturais, a Literatura de Cordel é de suma importância nesse resgate de nossas raízes culturais. Ela dá ênfase tanto à riqueza, quanto à expressividade da nossa cultura. Portanto, é uma maneira de despertar o senso crítico, econômico, político e histórico dessa manifestação popular.

Pensando assim, levar a Literatura de Cordel até à escola significa motivar o aluno a conhecer mais da formação cultural de nosso povo, pois o Cordel em sua temática não narra apenas ficção, mas também fatos acontecidos que retratam o cotidiano e a realidade vivida por esses cordelistas. Além do mais, pode ser utilizado como um importante instrumento no processo de incentivo à leitura com foco na oralidade, já que são fáceis de memorizá-los. Sendo o Cordel uma das mais expressivas formas da cultura nordestina, e nós como descendentes dessa cultura não podíamos deixar essa tradição desaparecer.

O que é literatura?

Da arte de escrever ao signo desenhado artisticamente, a Literatura, em sua oralidade primordial, tornou-se escrita e, ao longo dos anos, ganhou espaço nos diversos suportes, constituiu-se signo. Da estaticidade do tempo medieval passando pela ideia clássica de que seria o conjunto canônico do bem dizer, essa arte foi submetida a postulados rígidos que tolham a criação do autor (COELHO, 2011). Com o advento da liberdade formal, no Romantismo, a Literatura passa a ser a expressão do eu, da existência humana; é a verdade individual e sua carga de subjetividade a trazer para a Literatura, especificando-se aqui, a Brasileira, o sentimento de nacionalidade, o patriotismo, a cor local.

As manifestações conceituais e de estilo foram acontecendo e acompanharam o tempo, desdobrando-se em movimentos literários que se renovam, tanto em forma quanto em conteúdo.



Literatura de Cordel

O Romantismo brasileiro trouxe para a Literatura o viço da liberdade de expressão e um idealismo peculiar, além de uma crítica social nascente, que ganhou forças com o Modernismo e perdura na contemporaneidade. O certo é que falamos muito em movimentos literários, sem nos atermos às definições do que venha a ser Literatura e qual a sua função. São inúmeras as definições do que venha a ser Literatura e qual a sua função. São inúmeras as definições. Cabem aqui, no entanto, as que melhor se adequam ao universo de sua aplicação ao ensino.

Lajolo (2001) se interroga sobre o que é, de fato, literatura, percorrendo conceitos que abarcam as obras clássicas e também aqueles “poemas adormecidos em gavetas”. Para ela, a literatura é:

A porta de um mundo autônomo que, nascendo com ela, não se desfaz na última página do livro, no último verso do poema e na última fala da representação. [...]

Literatura não transmite nada. Cria. Dá existência plena ao que, sem ela, ficaria no caso do inomeado e, conseqüentemente, do não existente para cada um. E o que é fundamental, ao mesmo tempo em que cria, aponta para o provisório da criação. (LAJOLO, 2001, p. 43)

A visão de Lajolo (2001) amplia a compreensão do que venha a ser literatura enquanto arte da palavra, uma vez que nos possibilita pensar em mundos, tantos quantos os escritores possam dar vida. Literatura seria, portanto, a arte da palavra em movimento. Um movimento que evolui dentro de um panorama sócio histórico e cultural capaz de fazer com que o homem se reconheça seus pares a partir da sua leitura. Para ratificar o que pensamos acima, Cândido (2006) vai dizer que a literatura:

é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal da linguagem, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manipulação técnica, indispensável



Literatura de Cordel

à sua configuração, e implicando em uma atitude de gratuidade. (CÂNDIDO, 2006, p. 53)

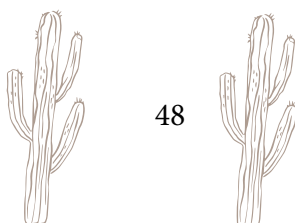
Completando o pensamento de Cândido (2006) acima, sobre Literatura, Coelho (2011) apresenta algumas interpretações que abordam palavras-chave como: arte organizada, arte e linguagem, humanização, extensão do ver. Por fim, ela nos apresenta o seu conceito como o corpo que é a matéria verbal, o espírito que lhe dá existência real é o do escritor. Mas o elemento principal para a Literatura é o “sistema de signos, [...] também a literatura possui um imprevisível ou hipotético, quem dá à obra o seu significado definitivo, é o leitor” (COELHO, 2011, p. 36).

É própria da literatura a reiteração da realidade, do homem e de sua interação com o mundo, revelar visões diferentes daquelas que comumente são reconhecidas e ainda se revela perpetuadamente nas formas diversas diante da sociedade. É Cândido (2006) que mais uma vez nos diz isso:

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. (CÂNDIDO, 2006, p. 174)

Salientamos ainda outra definição dada por Cândido (2006), quando fala na introdução de sua obra, sobre as acepções entre prosa e poesia e de como elas se diversificam mediante as línguas dos povos. Segundo o estudioso, todas se relacionam ao conceito geral de literatura, lembremos o que diz:

Em português, não há dúvida: a literatura é o conjunto das produções feitas com base na criação de um estilo que é finalidade de si mesmo e não instrumento para demonstração ou exposição. Mais restritamente, é o conjunto



Literatura de Cordel

de obras em estilo literário que manifestam o intuito de criar um objeto expressivo, fictício na maior parte. Noutras línguas, porém as coisas são menos simples, e demonstram com mais força do que na nossa, o alto conceito que se faz geralmente da poesia como categoria privilegiada de criação espiritual (CÂNDIDO, 2006, p. 178).

O que consideramos relevante, dentro dos conceitos de literatura explicitados e corroborado por todos acima, para o ensino, é a sua condição humanizadora. O aluno, leitor de literatura, em geral, desenvolve essa possibilidade, desde que lhe seja apresentado adequadamente à forma, se não a ideal, mas a que lhe permitirá esse salto qualitativo dentro de seu crescimento enquanto ser em processo. Pensando desse modo, recortamos textos pertencentes à Literatura Popular para aplicarmos a nossa intervenção em sala de aula. E em alguns momentos utilizamos textos da literatura erudita em consonância com o que propõe Pinheiro (2013) quando mostra em seu estudo a pertinência da questão do ensino da literatura na escola aliando a literatura popular ao cânone para promover um letramento satisfatório.

Literatura de cordel: tradição oral e escrita

A literatura de Cordel também conhecida no Brasil como folheto é um gênero literário popular escrito frequentemente na forma rimada, originada em relatos orais e depois impresso em folhetos. O folheto é o principal suporte de circulação, sempre com número de páginas múltiplos de quatro e em pequeno formato. Circula por várias cidades do Nordeste por meio de vendedores ambulantes, nas feiras e nas ruas do comércio. É possível encontrar coletâneas de cordéis em livros e em sítios especializados.

O gênero Cordel configura-se por trabalhar a oralidade do aluno visto que esta habilidade



Literatura de Cordel

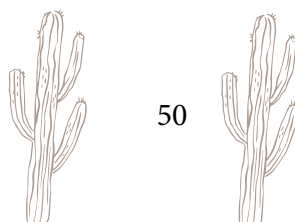
é aperfeiçoada na escola, muito embora o aluno já chegue à escola sabendo se comunicar, mas é necessário desenvolver no mesmo, atividades que favoreçam o gosto por textos em que se exercita a oralidade. Segundo Porto (2009, p. 22)

No processo de ensino-aprendizagem da língua, o professor deve promover situações que incentivem os alunos a falar, a expor e debater suas ideias, percebendo, nos diferentes discursos, diferentes intenções. Deve promover ainda atividades que possibilitem ao aluno tornar-se um falante cada vez mais ativo e competente. [...] o professor deve planejar e desenvolver um trabalho com a oralidade.

A leitura oral pode representar de início uma dificuldade tanto para o professor quanto para os alunos. No entanto, a Literatura de Cordel facilita a desenvoltura e o aprendizado dessa modalidade devido seu ritmo e da aproximação da poesia popular com os acontecimentos reais e por ser de uma linguagem próxima do cotidiano do aluno. Além do mais, a leitura oral de Cordéis possibilita também que os alunos percebam a beleza da cultura popular através da experiência concreta de leitura das mais variadas obras em vez de se apegar a modelos teóricos que futuramente são facilmente confrontados com outros estudos.

Vale salientar que o próprio gênero Cordel surgiu da modalidade oral. Ele possui um caráter fortemente oral tanto na composição quanto na transmissão. Na década de 1920, os contadores em geral se agrupavam nas casas-grandes ou em residências urbanas organizando festejos para participarem de desafios (denominada peleja) ou contar versos próprios ou alheios.

O folheto impresso demorou a surgir porque esses poetas escreviam suas composições em tiras de papel ou em cadernos, mas não tinham a intenção de publicá-los como folhetos. No entanto, por volta de 1930 a publicação de folhetos passou a ganhar grande relevância. Muitos desses poetas após conseguirem editar e vender seus folhetos passaram a se dedicar mais à produção de seus versos



Literatura de Cordel

e assim se organizaram os Cordéis que hoje temos acesso nos mais variados temas.

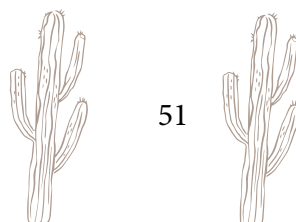
Analisando essas modalidades orais da poesia popular e aproveitando os tão diferentes temas que são tratados nos folhetos, o Cordel deve ser uma das opções de leitura na sala de aula. Para isso, é preciso ressaltar que do mesmo modo que os Cordéis nasceram na oralidade, necessitam também ter uma realização oral adequada. Restringir o folheto à leitura silenciosa é limitar seu poder de comunicação e enfraquecer sua recepção e aceitação. Para isso é preciso dar voz ao folheto de Cordel em sala de aula. Sobre essa metodologia de leitura. (PINHEIRO, 2007 apud LIMA, 2013, p. 6) declara que:

Nossa perspectiva busca enfatizar o folheto como Literatura - e não meramente como informação, jornalismo e outras abordagens de caráter pragmático. Qualquer que seja a escolha, um aspecto precisa ser reforçado: o folheto é para ser lido. Ele pede voz. A sala de aula nos parece bastante adequada para a vivência da leitura de folhetos, uma vez que poderá ser transformada num lugar de experimentação de diferentes modos de realização oral.

Logo, a leitura oral se faz necessária na sala de aula para que os alunos tenham contato com os mais diversos textos literários e não apenas como informação sobre a literatura e seus períodos, mas sobre textos de literatura popular, que contribua assim para tornar o aluno um leitor reflexivo a partir da experiência.

Portanto, a oralidade deve ser usada, avaliada progressivamente, devendo sempre considerar: a participação individual do aluno, a sua exposição, a fluência de sua fala, a participação organizada, o seu desembaraço e as suas contribuições. E ainda, de acordo com Porto (2009, p. 45) “saber escutar com respeito os mais diferentes tipos de interlocutores é fundamental. Se não houver ouvinte, a interação não acontece”. Logo, é preciso desenvolver nos alunos a competência de saber escutar o outro, o que favorece, inclusive, a convivência social.

Somos de tal maneira, ligados à língua escrita que se torna muito difícil imaginar a vida



fora do mundo colocado no papel. Mas na antiguidade a forma que encontravam para preservar suas histórias, suas tradições e sua cultura era a memória e para fazer com que essas histórias chegassem até as pessoas era através da oralidade.

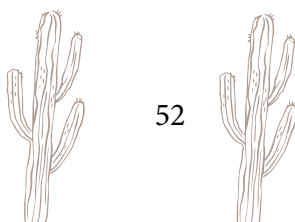
Pode parecer surpreendente, mas a escrita é uma invenção recente que data de 5.000 anos, mesmo depois de sua invenção, precisou de um tempo para que os homens se acostumassem com essa nova tecnologia. Além de tudo isso, uma das formas mais antigas das gerações maduras passarem ensinamentos para as gerações mais novas é pela contação de histórias, muito usual nas sociedades sem escritas e sem escola. O Cordel surgiu justamente dessa classe do campo que buscava através dos trovadores maneira de retratar seus amores, seus sofrimentos e suas ambições.

Literatura popular

A Literatura popular tem sua origem na “literatura oral”, denominação que, segundo Cascudo (1993), é de 1881. A princípio, seria ela limitada aos provérbios, adivinhações, contos, frases-feitas, orações, cantos, no entanto ampliou-se a horizontes maiores e foi desenvolvida para a declamação, para o canto e a leitura em voz alta para pequenos grupos.

De acordo com Cascudo (1993), a literatura oral brasileira reúne todas as manifestações da recreação popular, mantidas e movimentadas pela tradição, e é composta por elementos trazidos pelos indígenas, portugueses e africanos para a memória e uso do povo atual.

Era tradição medieval contar histórias nas comunidades e, segundo Evaristo (2013), isso acontecia quando um narrador contava suas experiências e, ao mesmo tempo, transmitia algum ensinamento, seja por meio de um provérbio, uma norma de vida ou uma sugestão prática. O estudioso ainda completa que o marinheiro, o camponês e o artesão eram principais contadores, uma vez que estavam sempre passando por várias regiões e transmitindo seus conhecimentos adquiridos nos lugares por onde passavam.



Literatura de Cordel

Cascudo (1993, p. 34) afirma que “a produção literária destinada ao povo independe perfeitamente da vontade do autor”, pois as novidades contadas são de interesse do povo que ouve as histórias e guarda o enredo, o assunto, a ação, mas nunca o nome do autor. Com a modernidade e a industrialização, os homens passaram a não mais trocar tantas experiências, as relações humanas se transformaram e, dessa forma, o interesse pela narrativa oral acabou se perdendo, assim como o contador de histórias. Além disso, de acordo com Evaristo (2013), o advento da imprensa modificou essa narrativa oral, tornando-a literatura impressa, havendo praticamente a transposição do oral para o escrito, como que uma interligação da cultura popular e da literária.

As fábulas são expressões populares, consideradas iniciadoras da literatura oral, conforme Cascudo (1993), e inserem animais com comportamentos e atitudes semelhantes aos humanos. Nelas, os animais discutem, decidem, castigam, premiam, ou seja, substituem o homem em suas virtudes e vícios. Esopo, foi um grande colecionador e divulgador de fábulas indianas e gregas e, cinco séculos e meio antes de Cristo, reuniu contos, fábulas e apólogos, vividos por animais com almas humanas.

A lenda, por sua vez, prende-se à religiosidade (sua constante), explica as origens das coisas, dos hábitos, mistérios. Nela, quase sempre o sobrenatural é indispensável. Originária do latim “*legenda*” (coisas que devem ser lidas), é um gênero narrativo vindo dos primeiros séculos do Cristianismo, que reunia histórias de santos. A lenda indígena não teve tanta extensão quanto à fábula ou mito, ou seja, ela é mais lembrada pelos livros que pelo povo. Ela não constitui um elemento vivo na literatura oral brasileira, está apenas nos limites de interesse indígena.

O mito, segundo Jesus e Brandão (2003), mostra a cultura e o pensamento do homem antigo, além de visar ao entretenimento. Assim, mostra a relação do homem com o mundo. Ela afirma, ainda, que a presença de seres sobrenaturais, como deuses, é uma característica marcante desse gênero.

O conto, outro gênero popular, tem método simples de exposição, é narrativa clara, com sequência lógica. De acordo com Bakhtin (2003), o conto não deve ser visto apenas como fato individual, mas como uma enunciação que se adequa ao grupo, isto é, dependendo da (as) pessoa (as) a



Literatura de Cordel

quem ele é contado, isto é realizado de uma maneira diferente. Além disso, o espaço físico e histórico em que a narração é feita também influencia no modo de narrar.

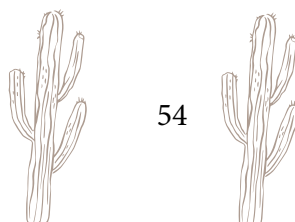
Cascudo (1993) apresentou uma classificação dos contos, baseada nos gêneros, que foi aprovada pela Sociedade Brasileira de Folclore - SBF. Eis a classificação:

- Contos de Encantamento (conto de fadas);
- Contos de Exemplo (o elemento natural é o conselho. Não há presença de santo).
- Contos de animais (fábulas, onde os animais vivem o exemplo dos homens);
- Contos religiosos (contos de intervenção divina, confundidos com lendas);
- Contos Etiológicos (explica o porquê das coisas: o porquê do pescoço longo da girafa, a cauda dos macacos etc.);
- Demônio Logrado (o demônio é derrotado);
- Contos de Adivinhação (uma adivinhação dará vitória ao rei);
- Natureza Denunciante (o mal é denunciado de alguma forma);
- Contos Acumulativos (trava-línguas, histórias sem fim, de encadeamento, articulação);
- Ciclo da Morte (a morte personalizada é sempre vencedora).

Assim com os contos, as fábulas, as lendas, os mitos, entre outros, o cordel, objeto de nosso estudo, também está ligado à tradição popular. Dessa forma, foi (e é) divulgado e transmitido há muitas culturas e lugares. Poucos sabem, mas a literatura de cordel foi muito difundida em alguns países da Europa antes de chegar ao Brasil.

A literatura de cordel (ou folhetos) no Brasil

Na primeira metade do século XIX, surgiu, no Brasil, uma literatura popular em verso,



Literatura de Cordel

desenvolvida no Nordeste rural, a qual se caracterizou pelo processo simplificado e democrático de criação e difusão da mensagem. Seus próprios autores, poetas semianalfabetos, compunham e editavam, de maneira simbólica - em papel barato, com tamanho pequeno, impresso em fundos de quintais - e divulgavam oralmente em lugares públicos, sendo, assim, feita e divulgada do povo para o povo. Ainda, segundo Abreu (2009, p. 86), “não se sabe quem foi o primeiro a imprimir seus poemas, mas, seguramente, Leandro de Barros foi o responsável pelo início da publicação sistemática”.

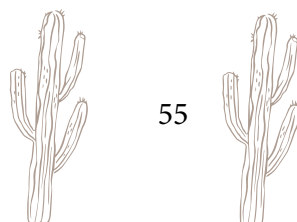
Entretanto, antes dessa publicação sistemática a que se refere Abreu, surgiram, em 1930, os primeiros cantadores da poesia popular do Nordeste: Ugulino de Sabugi e seu irmão Nicandro de Agostinho Nunes da Costa, considerado pai da poesia popular. Depois deles, outros tantos se fizeram notar como cantadores desse tipo de poesia.

Os trabalhadores que viviam no campo foram afetados pela crise na virada do século XIX para o século XX e saíram em busca de dias melhores, levando consigo lembranças de contos e histórias de príncipes e princesas, mocinhas indefesas, homens valentes e cantorias dos repentistas. Assim, transmitiram essas lembranças num papel, já nas cidades. No início,

Os primeiros poetas costumavam anotar suas composições em tiras de papel ou em cadernos, como forma de registro de seus poemas, sem intenção de editá-los. Muitos rejeitavam a publicação, acreditando ser melhor conservá-los exclusivamente para apresentações orais (ABREU, 2009, p. 92).

Depois de Leandro Gomes, primeiro divulgador sob forma de publicação, pelo menos mais uns vinte e três poetas publicaram poemas em forma de cordel, até 1930. Entre estes: José Adão Filho, Firmino Teixeira do Amaral, João Martins de Athayde, Francisco Chagas Batista, Silvino Pirauá, José Pacheco, etc. A maior parte desses poetas nasceu no campo e tiveram pouca ou nenhuma instrução formal, entretanto, alguns aprenderam a ler sozinhos, outros, com auxílio de amigos ou parentes.

De acordo com Luyten (2005), em plena vitalidade, o cordel foi desacreditado por Sílvio



Literatura de Cordel

Romero, que afirmava que o advento da comunicação dos jornais iria atrapalhar seu desenvolvimento e, em 1930 e em 1960 (aproximadamente), também se acreditava em sua “falência”, uma vez que surgiram o rádio e a televisão. Hoje, em pleno século XXI, verificamos que essas “previsões” não se concretizaram, pois ainda há muitos cordealistas espalhados pelo Brasil (apesar de, atualmente, não haver grande divulgação - principalmente fora do nordeste).

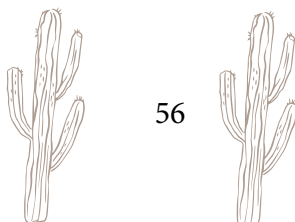
Apesar de ligar-se à tradição medieval, Evaristo (2013, p. 67) explica que:

o cordel absorveu algumas tendências da modernidade, entre eles a veiculação de informações: alguns fatos do cotidiano passam a constituir, muitas vezes, a sua temática. Além disso, assume também um sentido individual, quando o texto e o leitor estão em um contato direto, quando a leitura é solitária ou silenciosa.

Devido à sua linguagem simples, de fácil memorização, espalhou-se entre o sertanejo de pouco ou nenhuma leitura, visto que alguém o decorava, memorizava-o e divulgava oralmente (e ainda hoje há a exploração oral). Desse modo, tornou-se leitura coletiva e, segundo Queiroz (2012), ironicamente classificaram-no como “literatura sem leitor”. Não há público especial para os folhetos, ou seja, não se destinam exclusivamente a crianças, mulheres ou adolescentes, pois são feitos para serem lidos por todos.

Os folhetos, até 1910, eram vendidos nas casas dos poetas (o caso de Leandro Gomes), pelo correio ou nas ruas (as maiores vendas eram realizadas nas viagens dos poetas ou revendedores - nas cidades, fazendas ou vilarejos). Em 1911, Francisco Chagas Batista abriu uma pequena loja de livros usados e folhetos para atender a sua freguesia. Depois de 1920, são encontrados também em mercados públicos.

Nessa época, para conseguir vender seus folhetos, o poeta fazia a leitura oral de trechos e, assim, despertava o interesse do público, que queria saber o final da história. A verdade é que o cor-



dealista, além de poeta, é um verdadeiro repórter, uma vez que narra situações públicas, econômicas, sociais e políticas, inclusive dando sua opinião.

O cordel no ensino de Língua Portuguesa

O quadro educacional brasileiro apresenta-se ainda em descontentamento. Vários fatores apontam o longo caminho em busca da qualidade. O Brasil encontra-se em desvantagem na área da educação em comparações com outros países em equivalência. No entanto, análises feitas sobre a recente atuação do sistema de ensino também apontam progressos significativos que se consistem rumo à superação do atraso educacional.

Em se tratando da área de Língua Portuguesa, é necessário redefinir claramente nossos objetivos e refletir sobre o que, quando, como e para que ensinar e aprender a língua materna, dando enfoque à necessidade de ampliar o domínio da língua e da linguagem, aprendizagem fundamental para o exercício da cidadania, uma vez que essa é uma garantia para a participação ativa na vida social. Em outras palavras, a escola deve propor um ensino organizado de modo que o discente possa desenvolver seus conhecimentos linguísticos.

As práticas de linguagem são um conjunto, e é o sujeito que desenvolve sua capacidade de uso da linguagem e de reflexão sobre ela em situações significativas de interlocução, portanto, as propostas de ensino de Língua Portuguesa devem organizar-se, considerando a diversidade de textos que circulam socialmente. Assim organizado, o ensino pode constituir-se em fonte efetiva de autonomia para o sujeito. É o que sugere Bezerra (1999 apud DIONISIO, 2012, p. 43):

Havendo, na sociedade atual, uma grande variedade de textos exigidos pelas múltiplas e complexas relações sociais, é necessário que o livro amplie variedade textual. Por isso, encontramos recomendações de que o ensino de Língua Portuguesa gire em torno do texto, de modo a desenvolver compe-



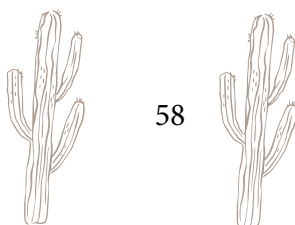
Literatura de Cordel

tências linguísticas, textuais e comunicativas dos alunos, possibilitando-lhes uma convivência mais inclusiva no mundo letrado de hoje (não no sentido de simplesmente aceita-lo, mas principalmente, de questioná-lo, de imprimir-lhe mudanças). Assim, a ênfase na leitura [...] considerando seus aspectos enunciativos, discursivos temáticos, estruturais e linguísticos (que variam conforme as situações comunicativas), caracteriza-se como uma das renovações mais apregoadas no ensino de nossa língua, embora ainda insuficientemente praticada.

Objetivos tão amplos certamente não serão alcançados com ensino fragmentado. Por isso, o conhecimento que se quer proporcionar ou construir no cidadão deve ser reflexivo e crítico. Para tanto, a UNESCO adotou quatro premissas como indispensáveis à educação no mundo contemporâneo: Aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser. São saberes cuja conquista ultrapassa a mera aquisição de informação, uma vez que abarcam a formação humana e social do indivíduo” (BRASIL, 2002).

Tais premissas traduzem os objetivos da educação que se tem hoje nas sociedades contemporâneas. Isto porque, as competências desejadas para uma formação do sujeito responsável em sua participação social fundamentaram-se no ato de comunicar-se à consecução de objetivos instrumentais. Então, cabe aos professores da área de Linguagem Código e Suas Tecnologias, com especificidade, o Componente Curricular Língua Portuguesa conduzirem o aprendizado de modo que o aluno entenda o substrato comum, abrangente e articulado das línguas.

Assim, é essencial que o professor conheça os conceitos que estruturam seu componente curricular e a relação deste com os conceitos estruturantes dos demais componentes curriculares, a fim de conduzir o ensino de forma que o aluno possa estabelecer as sínteses necessárias para a aquisição e o desenvolvimento das competências gerais previstas para a área, é igualmente necessário



Literatura de Cordel

que o professor ganhe autonomia em relação ao ensino e crie seus próprios métodos. Dessa forma, utilizando métodos e linguagens específicas, as aprendizagens simbolizam as principais maneiras de analisar a realidade e intervir nela.

O objetivo de desenvolver competências não desvirtua a aquisição de saberes disciplinados, que historicamente, compete à escola transmitir. Os alunos acumulam saberes, mas não conseguem mobilizar aquilo que aprenderam em situações reais. Assim, a posse de competências e habilidades podem garantir a globalidade do comportamento do aluno diante de desafios. Contudo, aquisição de conhecimentos deve levar o aluno a compreender que tudo aquilo que faz, aprende e estuda faz parte de um contexto, sendo assim, ele deverá adquirir essas habilidades não só como consumidor, mas também como produtor de cultura, daí, deve-se garantir que o aluno adquira autonomia para aprender a aprender (MEDVIEDEV, 2012).

Nesta perspectiva o ensino de língua materna está a exigir uma educação capaz de fazer frente aos desafios da contemporaneidade para a compreensão das complexas relações sociais e culturais instituídas neste novo milênio.

Por essa razão, os profissionais que atuam na área são convocados a participar de uma educação que assegure aos nossos jovens as condições para o ingresso na vida adulta, aptos a atuarem nos diversos contextos sociais, bem como oferecer a cada um a possibilidade de se construir como ser pensante e autônomo, com identidade própria, socialmente referida tanto a dimensão local na sociedade brasileira, quanto a dimensão mundial. E por fim, aderir ao compromisso com uma educação para a liberdade, que proporcione a autonomia e a desalienação dos sujeitos leitores.

O gênero textual cordel na sala de aula

A tradição da literatura oral, popular é muito antiga e permanece até nossos dias, mesmo com o surgimento da tradição literária culta, embora ainda pouco divulgada. Então, conhecida pelo



Literatura de Cordel

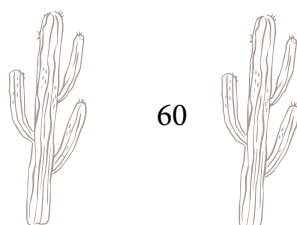
nome de literatura de cordel, é uma forma de comunicação universal que surgiu na Europa com a imprensa e a partir de então se difundiu. Um dos traços mais pertinentes desse gênero é o fato de ser um tipo de poesia narrativa e de caráter popular, já que os cordelistas contam através dos versos as histórias com riquezas de detalhes incomparáveis.

Foi por volta dos séculos XI e XII, na Idade Média, que esse gênero de literatura popular se propagou por toda a Europa. O crescimento desse tipo de literatura, transmitida preferencialmente de forma oral, ocorreu com o surgimento das várias línguas nacionais, utilizadas pelo povo, em objeção à língua das elites, o latim.

As máquinas impressoras ajudaram a estender esse tipo de literatura a um público de leitores maior. Na Espanha, as folhinhas de Cordel impressas chamavam-se pliego suelta; na Inglaterra, chapbook, na França, literatura de colportage e em Portugal esses livretos ganharam várias denominações, como: folhetos, folhetos volantes, literatura de cegos e por fim, cordel-Cordel, porque as folhas eram penduradas ou dobradas em barbantes para atrair a clientela.

O camponês e o marinheiro eram os contadores de história por excelência: um porque detinha o conhecimento das tradições de seu lugar e outro porque o adquiria através das constantes viagens realizadas. Posteriormente, o artesão assumiu essa função, aperfeiçoando-a, na medida em que seu contexto possibilitava, ao mestre, o conhecimento profundo das tradições de sua região e, ao aprendiz migrante, as experiências trazidas dos lugares por onde passara. Na era moderna, ainda segundo Benjamin, surge a figura do operário, com atividades e atitudes isoladas, além da substituição dos conselhos, exemplos, da sabedoria que vem de longe-espacial e temporal – pela informação sobre acontecimentos próximos (ANTUNES, 2012).

O desenvolvimento industrial alterou as relações entre os homens. As experiências não são mais comunicáveis, as trocas humanas caminham para a extinção. Com isso, a narração de histórias tende ao mesmo fim. As relações educativas e comunitárias vão aos poucos perdendo seu valor, até chegar à atual sociedade de consumo, na qual a exacerbação do individual chega a seu ápice. Em



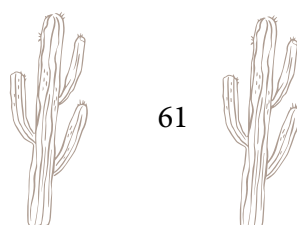
Literatura de Cordel

termos atuais, pode-se dizer que o cordel mantém, enquanto narrativa, algumas características de origem, como a função social educativa, de ensinamento, aconselhamento, e não apenas entretenimento ou fruição industrial, são contados, oralmente, trechos de histórias para grupos ouvintes. Muitos dos consumidores não são alfabetizados, mas mesmo assim adquirem os livretes para que alguém os leia para eles. Por outro lado, o cordel absorveu algumas tendências da modernidade, entre elas a veiculação de informações: alguns fatos do cotidiano passam a constituir, muitas vezes, a sua temática. Além disso, assume também um sentido individual, quando o texto e o leitor estão em um contato direto, quando a leitura é solitária ou silenciosa (ANTUNES, 2012).

Hoje, a literatura de cordel enfrenta também novos mecanismos de mediatização, entre eles o computador. Em Recife, por exemplo, foram lançados folhetos editados e impressos por computador. Nesse sentido, o que ocorre não é a total integração dessa produção, que poderia até ser veiculada online, mas o uso da informática enquanto instrumento. Mesmo assim, há uma descaracterização em relação ao momento anterior. Por exemplo, com relação às capas, tradicionalmente elaboradas por artistas gráficos que confeccionam as xilogravuras, agora são utilizadas imagens já prontas, do próprio computador. Talvez essa “transfiguração” seja constitutiva, revele a versatilidade inerente a essa arte, inclusive enquanto mecanismo de sobrevivência. O fato é que a literatura de cordel continua acompanhando as mudanças e inovações ao longo do tempo, incorporando alguns elementos novos e mantendo outros.

Uma das formas de mediação do ensino da linguagem ocorre por meio dos gêneros textuais. De acordo com Marcuschi (2010)

Os gêneros textuais são textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativo característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas (MARCUSCHI, 2010, p. 155).

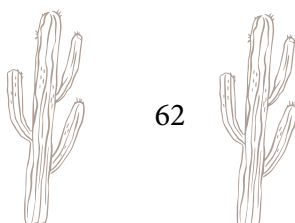


Portanto, cada gênero tem suas particularidades para cumprir as suas funções comunicativas. Assim, diante dessas vastas especificidades e utilidades dos gêneros textuais tendo como objetivo orientar e direcionar o trabalho do professor com a linguagem na sala de aula. Porque é na escola que o professor deve procurar trabalhar com a diversidade de gêneros textuais tratando cada um de acordo com as condições materiais de que o aluno dispõe fora da escola, ou seja, devem ser levadas em consideração as condições socioeconômicas do aluno.

Como bem aborda os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p. 71), “formar leitores é algo que requer condições favoráveis, não só em relação aos recursos materiais disponíveis, mas, principalmente, em relação ao uso que se faz deles nas práticas de leitura”. Os Parâmetros Curriculares Nacionais enfatizam que para formar leitores é necessária a junção de vários recursos e, principalmente como será conduzido o trabalho com o gênero textual em estudo, pois apenas ler e fazer interpretação não leva o aluno a reconhecer a verdadeira importância e a função social da leitura e da produção de diversos gêneros textuais.

Por conseguinte, é necessário o domínio dos gêneros, quanto maior for sua competência, melhor será seu desempenho, o que lhe permite prever quadros de sentidos e comportamentos nas diferentes situações de comunicação com que se depara cotidianamente. Esse conhecimento possibilita de antemão a melhor escolha de vocabulário para a ocasião e ainda a adequação de uma prática social. No que diz respeito ao trabalho com a Literatura de Cordel na sala de aula se dar devido a grande proporção que a cultura popular tem na sociedade, já que a Literatura de Cordel é conhecida como patrimônio histórico e cultural do povo nordestino e brasileiro. A utilização do Cordel no ambiente escolar deve explorar todas as possibilidades de sentidos oriundos do texto como as vozes sociais que tratam de vários temas.

Logo, o Cordel como gênero do discurso contribui na formação do aluno possibilitando o



Literatura de Cordel

domínio de outros conteúdos. O professor poderá mostrar as variantes regionais, o conceito de moralidade e de religiosidade do povo brasileiro, despertar nos alunos interesse pela criação de poemas, conduzi-los para que conheçam e compreendam como é retratada a realidade nesses poemas. De acordo com Marinho e Pinheiro (2012, p. 128):

Experiências culturais fortes e determinantes de grandes obras artísticas como o Cordel – seu valor não está apenas nisto – estão praticamente esquecidas e a escola pode ser um espaço de divulgação destas experiências. Sobretudo mostrando o que nelas há de vivo, de fervescente, como ela vem sobrevivendo e adaptando-se aos novos contextos socioculturais. Como elas têm resistido em meio ao rolo compressor da cultura de massa.

Os autores deixam claro que se faz necessário, procedimentos metodológicos que orientem o trabalho com o Cordel, terá que favorecer o diálogo com a cultura da qual o aluno emana e poderá buscar novas vivências e conhecimentos, além do mais propiciar ao mesmo conhecer a contribuição do Cordel na formação do povo brasileiro. Autores como Marinho e Pinheiro (2012) apresentam algumas sugestões para o trabalho com a literatura de Cordel: atividades envolvendo toda a escola podem ser realizadas, uma boa estratégia é a realização de uma Feira de Literatura de Cordel.

A Feira pode ser realizada em uma tarde, uma manhã, durante um dia, por exemplo, ser uma atividade específica, mas também figurar dentro de uma semana cultural, artísticas etc. Ela pode compreender diferentes atividades, a citar:

- Folheteiros vendendo seus folhetos;
- Emboladores e violeiros cantando, fazendo desafios, improvisado;
- Exposição de xilogravuras e de folhetos antigos e/ou novos;
- Murais com reportagens sobre cordelistas e literatura de cordel em geral;
- Palestras e oficinas de criação de poemas de cordel, realizadas pelos alunos e/ou poe-



tas locais.

A feira pode conter outras atrações. Tudo dependerá de como o trabalho será feito, como os alunos foram estimulados e das considerações materiais para trabalhar, assim como da própria inventividade. O mais importante de tudo isso é que a Literatura de Cordel seja percebida como uma produção cultural de grande valor e que precisa ser conhecida, preservada e cada vez mais integrada à experiência de vida de nossas gerações. Portanto, muitas são as possibilidades do trabalho com o gênero Cordel na sala de aula.

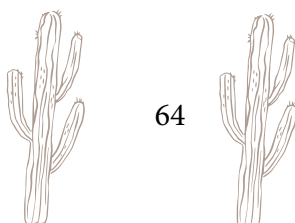
Para finalizar, o trabalho com a Literatura de Cordel na modalidade oral segundo Santos (2012, p. 10):

é importante compreender melhor a natureza da exposição oral porque, ela assume na escola uma dupla função: é ao mesmo tempo, um instrumento de trabalho do professor – afinal, grande parte das atividades de ensino é organizada por meio de exposições orais – e uma tarefa escolar importante a ser realizada pelo aluno – de transmitir aos outros os conhecimentos aprendidos.

Dessa maneira, é possível afirmar que o ensino e a aprendizagem da oralidade ultrapassam os limites da sala de aula. Levando o aluno a ser sujeito ativo no meio em que vive e a escola exercendo sua função social.

A formação do leitor em contextos teórico-metodológicos

A formação do leitor, na escola, está ligada ao conceito de competência literária, definida por Colomer (2003) como algo que deve ser aprendido socialmente, pois os textos escritos inserem-se em um contexto histórico-social e há a necessidade de apreender essas relações para compreendê-los.

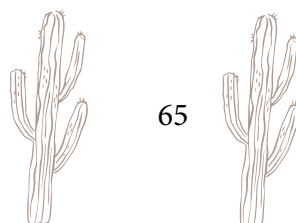


Literatura de Cordel

Essa competência deveria, a priori, ser formada na escola, mas esta por sua vez mudou sua configuração e sua atuação ao longo de sua criação. Mais recentemente, na década de 80, a principal função da escola era a de alfabetizar. Hoje ela precisa letrar para formar a competência literária em seus alunos. No entanto, como aponta Zilberman (2009), resta saber se ela está preparada para enfrentar esse desafio. Segundo a autora, a escola revela uma crise e consequentemente uma crise no ensino da leitura, já muito propalada pelos organismos avaliativos externos.

Essa crise perpassa todos os âmbitos: federais, estaduais e municipais, que têm demonstrado um descaso com a formação docente, cada vez mais precária e aligeirada. Descaso esse também observado com relação à situação dos prédios, dos bens materiais das escolas e da instalação de bibliotecas. Uma gama de situações problemáticas da realidade escolar, apesar do discurso teórico falacioso sobre a importância da escola, da leitura e do seu papel na formação do indivíduo. Neste sentido, recorrer à leitura da literatura seria, portanto, uma saída plausível para a escola na formação do leitor literário e também na revisão do seu papel (ZILBERMAN, 2009).

Solé (1998) também considera que a leitura é ensinada de maneira equivocada na escola. Em geral é solicitada aos estudantes uma leitura em voz alta do texto, seguida de perguntas elaboradas pelo professor ou apresentadas no livro didático e, depois disso, os discentes preenchem fichas sobre os aspectos de sintaxe morfológica, ortografia, vocabulário e em raras exceções de compreensão leitora. Esta sequência de atividades se tornou comum, com pouco espaço para ações de fato ligadas ao letramento literário, inclusive no ensino médio. Tais práticas baseadas na relação de pergunta-resposta são categorizadas pelos manuais didáticos, pela escola e pelos próprios professores como atividades de compreensão leitora, mas para Solé (1998, p. 35), elas se “referem, neste caso, à avaliação da compreensão leitora”. Fica latente que tudo está centrado no resultado da leitura e não no seu processo de ensino. Estas atividades levam a crer que se nem a leitura de modo geral é ensinada apropriadamente nas escolas, menos ainda são tratadas adequadamente as leituras literárias que visam ao letramento literário.



Literatura de Cordel

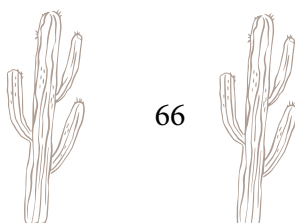
Segundo Kleiman (2008), o professor precisa perceber a complexidade do processo de leitura para que encontre maneiras de sistematizá-lo e contribuir, de fato, com o letramento literário. A questão que se põe “não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura [...] mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização” (COSSON, 2007, p. 23). Ou seja, a escola perde uma oportunidade de aproximar a literatura dos estudantes, ao deixar de encaminhar um trabalho de maneira que eles realmente possam aprender a ler literatura. Da mesma forma, Solé (1998) considera que:

O problema do ensino da leitura na escola não se situa no nível do método, mas na própria conceitualização do que é a leitura, da forma em que é avaliada pelas equipes de professores, do papel que ocupa no Projeto Curricular da Escola, dos meios que se arbitram para favorecê-la, e naturalmente, das propostas metodológicas que se adotam para ensiná-las (SOLÉ, 1998, p. 33).

Nesse sentido, é presente na escola o equívoco de que a aquisição do ensino da leitura se refere ao ensino do código alfabético. Mas esse procedimento não garante a efetivação da leitura e, muito menos, o processo de letramento literário. Portanto, a intervenção do professor de maneira adequada para lidar com as obras e inserir a criança em atividades com sentido é de fundamental importância.

Inúmeras propostas de trabalhos com a leitura já foram abordadas para obtenção de um melhor desempenho na formação de alunos leitores e conseqüentemente produtores de textos. É bastante visível a crise de leitura refletida na insuficiência que se presentifica hoje em dia no nosso alunado, razão maior do fracasso escolar que se tem atualmente em nosso sistema educacional. Esse fato é constatado em vários momentos: concursos malsucedidos, redações mal elaboradas em vestibulares (ENEM), avaliações recorrentes em sala de aula, interpretações de textos confusas. Essa insatisfação é geral por parte dos docentes e discentes.

Diante desse contexto, surge a necessidade de nós, enquanto professores-leitores críticos, re-



pensarmos sobre nossas posturas relacionadas aos trabalhos de leitura desenvolvidos em salas de aula para a formação de alunos-leitores-críticos. Uma vez que a formação desse tipo de leitor é primordial para que o mesmo não venha cair em disparidade, pois vivemos numa sociedade, na qual o processo de exclusão social surge nesse contexto, no mundo e para o mundo da leitura. Dentro desta perspectiva, as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2008, p. 89) destacam:

E na escola? Que leitor formar? Evidentemente, qualquer pessoa comprometida com a educação logo pensará que compete à escola formar leitores críticos, e esse tem sido, efetivamente, o objetivo perseguido nas práticas escolares, amparadas pelos discursos dos teóricos da linguagem e pelos documentos oficiais das últimas décadas.

Assim, as práticas de leituras na escola devem destacar “a ideia de apropriação por parte dos alunos, através da escrita, dos conhecimentos acumulados ao longo da história” (BEZERRA, 1999 apud DIONISIO, 2012, p. 39). Desse modo, é necessário alcançar o letramento, que diz respeito às inúmeras práticas sociais que integram direta ou indiretamente a produção e/ou leitura de materiais escritos. É nesse contexto, que, desejamos acertar os nossos alunos, para a formação do cidadão-leitor-crítico, conhecedor de seus direitos e deveres para com a sociedade, possibilitando ao mesmo uma visão do meio social no qual está inserido.

O preconceito linguístico no ambiente escolar

As práticas de linguagem são um conjunto e é o sujeito que desenvolve sua capacidade de uso da linguagem e de reflexão sobre ela em situações significativas de interlocução, portanto, as propostas de ensino de língua portuguesa devem organizar-se, considerando a diversidade de textos que circulam socialmente. Assim organizado, o ensino de língua portuguesa pode constituir-se em fonte



Literatura de Cordel

efetiva de autonomia para o sujeito.

No Brasil os primeiros folhetos de cordel foram trazidos pelos colonizadores portugueses, em suas bagagens, bem no início da nossa colonização. Depois da chegada desses livretos ao nosso país, só três séculos depois, é que surgiram os primeiros folhetos de autoria brasileira, na Região Nordeste do país. Curiosamente o cordel se propagou no Nordeste brasileiro, região rica em manifestações culturais.

De acordo com Melo (2013, p.12),

No Nordeste, por condições sociais e culturais peculiares, foi possível o surgimento da literatura de cordel, de maneira como se tornou hoje em dia característica da própria fisionomia cultural da região. Fatores de formação social contribuíram para isso; a organização da sociedade patriarcal, o surgimento de manifestações messiânicas, o aparecimento de bando de cangaceiros ou bandidos, as secas periódicas provocando desequilíbrios, econômicos e sociais, as lutas de famílias deram oportunidade, entre outros fatores, para que se verificasse o surgimento de grupos de cantadores como instrumento do pensamento coletivo, nas manifestações da memória popular.

A literatura de cordel, gênero poético profundamente enraizado na cultura brasileira, apresenta-se ainda com certa dificuldade, devido à linguagem usada em seus textos e, conseqüentemente por convenções de uma língua padrão estabelecida ao longo dos séculos por um sistema evidenciado nas escolas. É o que Melo (2013, p. 9) evidencia:

Essas criações artísticas de ordem popular, pelo imprevisto da imaginação, pela delicadeza da sensibilidade, pelo poder de observação, pela força de expressão, pela instituição poética, pelo arrojo das imagens, pelo sentido de crítica, de protesto e de luta social que muitas vezes apresenta, estão a exigir



a atenção.

De fato, a leitura com textos dessa natureza literária proporciona observações e discussões com relação à exterioridade da língua (gem) e seus contextos de produção, bem como despertará o senso crítico no aluno e sua sensibilidade de “ler pelo prazer de ler”.

Nesse sentido, destaca-se aqui o trabalho com a poesia de cordel, um dos elementos mais fortes da cultura nordestina. Em que se misturam humor, crítica social, vida religiosa e política para além de outros temas. Apresenta uma linguagem denominada popular, carregada de elementos que favorecem a memorização: as rimas, o ritmo, a musicalidade, etc. Traços que marcam esse gênero poético e ajudam o ouvinte a memorizar o texto. Uma variante linguística de prestígio que se presentifica no discurso do homem camponês. Nesse sentido, os Parâmetros Curriculares Nacionais (2001) apontam:

É fundamental que a escola assuma a valorização da cultura de seu próprio grupo e ao mesmo tempo, busque ultrapassar seus limites, propiciando às crianças e aos jovens de diferentes grupos sociais o acesso ao saber, tanto no que diz respeito aos conhecimentos socialmente relevantes da cultura brasileira no âmbito nacional e regional. (BRASIL, 2001, p. 41)

Nessa condição, a proposta apresentada tem o intuito de valorizar a cultura brasileira nordestina com a poesia cordealista, dando destaque ao incentivo à leitura, por ser atrativo para o aluno, visto que emerge como possibilidade de um maior incremento aos usos que são feitos das variedades linguísticas.

Pode-se dizer que, apesar de ainda imperar no tecido social uma atitude “corretiva” e preconceituosa em relação às formas canônicas de expressão linguística as propostas de transformação do ensino de língua portuguesa consideraram-se em práticas de ensino em que tanto ponto de partida quanto o ponto de chegada é o uso da linguagem. Então, é praticamente consensual que as práticas



Literatura de Cordel

devem partir do uso possível aos alunos para permitir a conquista de novas habilidades linguísticas, particularmente daquelas associadas aos padrões da escrita, sempre considerando que: a razão de ser das propostas de leitura e escrita é a compreensão ativa e não a decodificação e o silêncio.

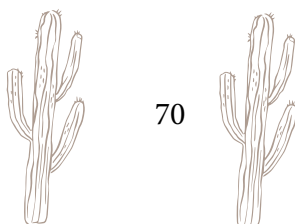
É fundamental que entendamos o contexto atual no qual nossos alunos estão inseridos para que possamos auxiliá-los em relação a uma leitura que transcenda o superficial, numa perspectiva, histórico-crítica contextualizada. De modo que, o ensino seja organizado, a fim de garantir aos sujeitos os conhecimentos discursivos e linguísticos, bem como, “refletir sobre os fenômenos da linguagem, particularmente os que tocam a questão da variedade linguística, combatendo a estigmatização, discriminação e preconceitos relativos ao uso da língua” (BRASIL, 2001, p. 59).

Diante disso, o ensino de um modo geral, e em sala de aula em particular, deve possibilitar ao sujeito leitor o encontro, a aproximação com os mais diversos gêneros textuais. Visto que, a apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas. Assim, os gêneros estão a exigir espaço nas práticas das aulas de língua materna, e é preciso que professores e alunos tornem-se interlocutores do processo, ensino-aprendizagem, privilegiando práticas de leitura cuja percepção entrelace aspectos culturais, religiosos, políticos, econômicos e sociais.

Desse modo, Porto (2005 apud DIONISIO, 2012, p. 50) destaca:

À medida que passam a conhecer e fazer uso de vários gêneros discursivos os alunos aprendem a controlar a linguagem, o propósito da escrita, o conteúdo e o contexto. É necessário também que se conscientizem de como a linguagem funciona para transmitir o conteúdo oralmente ou por escrito. Devem, portanto, aprender a organizar os diferentes tipos de conhecimentos e de formação de acordo com a situação comunicativa específica.

A poesia de cordel através de autores como Manoel Caboclo e Silva e Antônio Gonçalves



Literatura de Cordel

Dias (Patativa do Assaré) tem possibilitado “entrever os equívocos da língua materializados na opacidade da linguagem” (NOBREGA, 2014, p. 34), visto que se trata de um elemento discursivo fundador de sentidos, de dizeres, de memórias, capaz de propor aos leitores os diferentes olhares em sentido e relação às formas de construção, sentido e historicidade.



Capítulo

2

**PERCURSO METODOLÓ-
GICO DA PESQUISA**



TIPO DA PESQUISA

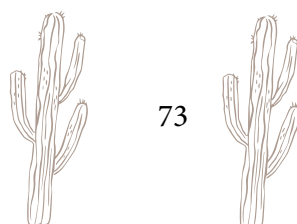
O atual estudo pode ser compreendido como uma pesquisa descritiva com abordagem quantitativa e qualitativa, por levar a entender processos em que se desenvolve o objeto de estudo. A escolha desse tipo de pesquisa se justifica por ser mais adequado para compreender as contribuições que a literatura popular de cordel pode trazer para o processo de ensino aprendizagem na formação de leitores.

A pesquisa é uma importante forma de se produzir conhecimento, que foi se estruturando com o tempo, criando seus objetos e métodos, definindo as relações que os pesquisadores devem estabelecer com seus objetos de conhecimento, em um processo de discussão profundo e polêmico entre os cientistas. Segundo Gil (2006, p. 421) “pode-se definir pesquisa como o processo formal e sistêmico de desenvolvimento do método científico, que tem como objetivo descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos”.

Para Malhotra (2011, p.106), a pesquisa descritiva “é um tipo de pesquisa que tem como principal objetivo o fornecimento de critérios sobre a situação problema enfrentados pelo pesquisador e sua compreensão”. As pesquisas descritivas objetivam a descrição de determinada população, fenômeno ou estabelecimento de relações entre as variáveis. Esse tipo de estudo tem como característica mais significativa à utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como os questionários e a observação sistemática. Ainda segundo Malhotra (2011, p. 108), a pesquisa descritiva “é um tipo de pesquisa que tem como principal objetivo a descrição de algo”.

Conforme aponta Minayo (2001), a pesquisa qualitativa preocupa-se com uma realidade que não pode ser quantificada, respondendo a questões muito particulares, trabalhando com um universo de significados, crenças e valores e que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos fenômenos que podem não ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Apresenta ainda, aspectos qualitativos e quantitativos, já que segundo Gunther (2006) são



abordagens que podem complementar-se em pesquisas das ciências humanas:

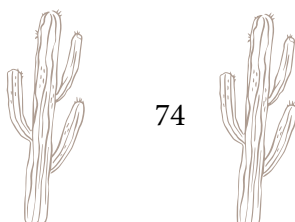
Enquanto participante de processo de construção de conhecimento, idealmente o pesquisador não deveria escolher entre um método ou outro, mas utilizar as várias abordagens qualitativas e quantitativas que se adequam à sua questão de pesquisa. Do ponto de vista prático existem razões de ordens diversas, que podem induzir um pesquisador a escolher uma abordagem ou outra (GUNTHER, 2006, p. 27).

Na pesquisa, o método quantitativo é caracterizado “pela quantificação tanto na coleta como no tratamento das informações com o objetivo de garantir resultados e evitar distorções de análise e interpretações” (DIHEL e TATIM, 2004, p. 51). É importante destacar que, para Minayo (2001), o pesquisador deve ser capaz de identificar e analisar profundamente dados não mensuráveis, como sentimentos, sensações, percepções, pensamentos, intenções, comportamentos passados, entendimentos de razões, significados e motivações de um determinado grupo de indivíduos em relação a um problema específico.

Justamente nessa perspectiva é que a pesquisa qualitativa refere-se a um trabalho empírico, por meio do desenvolvimento de uma investigação de campo que visa reunir e organizar um conjunto comprobatório de informações, sendo que as informações retiradas desta pesquisa são documentadas, abrangendo qualquer tipo de informação disponível, escrita ou oral, que se preste para fundamentar o relatório do caso que será, por sua vez, objeto de análise crítica pelos informantes ou qualquer interessado (CHIZZOTTI, 2003).

CARACTERIZAÇÃO E LOCALIZAÇÃO DA ÁREA PESQUISADA

A presente pesquisa foi realizada na E. E. E. M. “Professor José Olímpio Maia” (Figura 1),



Literatura de Cordel

localizada na cidade Brejo do Cruz-PB (Figura 2), fundada no ano de 1961 no governo de Pedro Moreno Gondim, com área construída de 1.870,71 metros quadrados e foi inaugurada com base na Lei nº 5.192 de 28 de janeiro de 1971. A referida escola está localizada a Rua Horácio Pimenta, nº 225, Zona Norte do município de Brejo do Cruz – PB.

A escola foi construída graças aos esforços dos moradores e lideranças políticas locais, que após várias reivindicações e movimentos, caminhadas de lutas organizadas e abaixo-assinados foram contemplados com a construção da mesma. Destaca-se que apresenta em sua estrutura física: 04 salas de aula, 01 sala para diretoria com banheiro, 01 sala para vice-diretora, 01 Secretaria, 01 sala para professores com banheiro, 01 biblioteca, 01 Laboratório de Informática, 01 Laboratório de Matemática, 01 Sala de Vídeo, 01 Sala de Robótica, 01 Laboratório de Ciências, 01 Sala de Recursos Multifuncionais, 01 Quadra Poliesportiva, 01 cozinha com duas dispensas, 01 Almoxarifado, 06 banheiros para alunos, 02 banheiros para funcionários, 01 Refeitório e rampas adequadas para atender alunos com necessidades especiais.

Figura 1 - Fachada da E. E. E. M. Professor José Olímpio Maia, campo da pesquisa.



FONTE: Pesquisador

Figura 2 - Vista aérea da cidade de Brejo do Cruz – PB

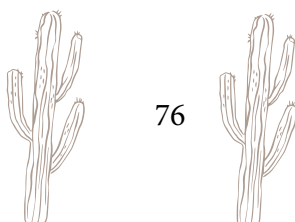


FONTE: Pesquisador

A referida escola, atendendo aos dispositivos contidos no Regimento Escolar, encontra-se funcionando nos turnos matutino e noturno, distribuídos assim em 03 turmas, as quais oferecem Educação de 1ª, 2ª e 3ª série do Ensino Médio em regime seriado, atendendo, portanto, alunos de 13 anos de idade acima, de ambos os sexos, tendo neste ano letivo de 2019 um total de 93 alunos matriculados.

Possui uma equipe escolar formada por 23 funcionários, distribuídos nas seguintes funções: 01 Gestor Escolar, 01 Coordenador Administrativo, 01 Secretária Geral, 01 Auxiliares de Secretaria, 01 Auxiliar de Laboratório de informática, 02 Inspectores de Alunos, 02 merendeiras, 02 Auxiliares de Serviços Gerais (ASG), 02 Porteiros, 01 Professores de Apoio Pedagógico, 09 Professores, todos graduados em áreas específicas e em sua maioria, tem especialização.

A Escola conta com alguns recursos advindos do Estado da Paraíba através do Fundo de



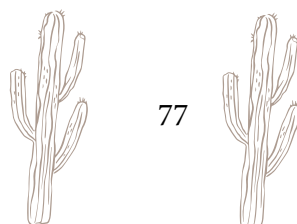
Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (FUNDEB) como: merenda escolar, transporte escolar, acervo literário e livro didático para o aluno e o professor através do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) 2019 para os alunos. É uma instituição mantida pelo poder público e administrado pela Secretaria de Estado da Educação, Estado da Paraíba.

Os alunos são advindos de famílias de classe baixa em que a maioria ganha um salário mínimo, as mães são domésticas, costureiras, os pais serventes, agricultores, marceneiros, mecânicos, pescadores, pedreiros, vigilantes e trabalhadores das diversas fábricas de peças artesanais como: redes, tapetes, cochas de cama e panos de pratos existentes na nossa cidade.

Brejo do Cruz é um município brasileiro do estado da Paraíba (Brasil), localizado na microrregião de Catolé do Rocha. De acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), no ano de 2010 sua população era estimada em mais ou menos 13.123 habitantes. Área territorial de 399 km². Essa cidade é citada na música Brejo do Cruz de Chico Buarque em homenagem ao amigo e também compositor e cantor Zé Ramalho, natural desta cidade. É também citada na música “Avôhai”, do Zé Ramalho.

O referido município é considerado um dos mais antigos da Paraíba. Em 1600 o português Antônio Barroso Pereira resolveu cultivar um pequeno sítio que se chamava Olho D'Água do Meio. Coube, entretanto, a Manoel da Cruz Oliveira Lêdo, famoso desbravador do sertão paraibano, a fundação do povoado, por volta de 1700, instalando-se no sítio Olho D'Água dos Boqueirões que seria mais tarde a cidade de Brejo do Cruz.

Em 1752, Manoel da Cruz Oliveira, construiu uma capela em homenagem a Nossa Senhora dos Milagres. A fertilidade do solo atraiu muita gente para aquela região onde construíram seus sítios e fazendas. Por volta de 1850 foi cultivado um pequeno sítio que pertencia a família Viana, no mesmo local onde se encontra edificada a cidade. Alguns anos depois, chegava Antônio Pedro, comerciante, que montou uma bodega e logo em seguida (1920) construiu uma latada, dando origem à feira que



Literatura de Cordel

alcançou grande fama em toda a região. Em 1928 o Sr. Candinho Saldanha montou uma empresa que beneficiava o algodão. A iniciativa alcançou grande sucesso e contribuiu para o rápido crescimento do povoado, gerando empregos e incrementando a movimentação natural dos produtos. Em 1939, Candinho vem a falecer e a sua empresa encerra as atividades, mas a estrutura que se formou no povoado, garante-lhe prosperidade e crescimento.

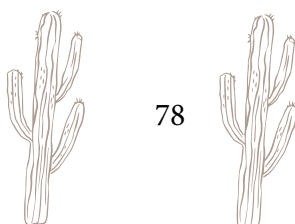
O município está incluído na área geográfica de abrangência do semiárido brasileiro, definida pelo Ministério da Integração Nacional em 2005. Esta delimitação tem como critérios o índice pluviométrico, o índice de aridez e o risco de seca. O clima é classificado como Bsh-semiárido quente com chuvas de verão, com 7 a 8 meses secos, e temperaturas variando entre 25 a 38 graus Celsius. Segundo a divisão do Estado da Paraíba em regiões bioclimáticas o clima do município é do tipo 4bTh-tropical quente de seca acentuada.

Brejo do Cruz situa-se nos domínios da bacia hidrográfica do Rio Piranhas, região do Médio Piranhas. Seus principais cursos d' água são os riachos: Tapera, Grande, Poço da Cruz, Escuro, Fundo, das Lajes, dos Bois, Poço da Onça e do Jacu. Conta ainda com as lagoas: Polarinho, das Marrecas e Caminho do Brejo. O relevo varia de ondulado (cotas de 125 metros) a fortemente ondulado, na serra do Brejo do Cruz, com altitude de 582 metros.

A principal atividade econômica do município até a década de 80 foi à agropecuária, sobretudo com a produção de algodão, feijão e milho, no entanto, na década de 90 começou nesta cidade a produção industrial de redes de dormir que acabou se tornando a principal fonte de renda da cidade até os dias atuais.

POPULAÇÃO E CRITÉRIOS DE INCLUSÃO DA PESQUISA

Na presente pesquisa envolvemos uma amostra de trinta e dois alunos da 3ª Série "A" Noturno da escola já mencionada anteriormente, equivalendo a 95% do total de 36 alunos matriculados, a



qual se deu pelo fato dos sujeitos investigados estarem saindo de uma etapa de transição na escola e na vida, que é a conclusão do ensino médio.

Também foram sujeitos do estudo 02 professoras da turma pesquisada, sendo 01 professora de Língua Portuguesa e uma professora de Arte, onde as mesmas receberam um questionário, contendo em anexo uma carta de apresentação com as informações sobre a pesquisa, bem como orientações sobre o preenchimento do questionário e o resguardo da identificação do pesquisado.

Como critérios de inclusão para participação na presente pesquisa, elegemos os seguintes critérios: ser professor efetivo do quadro do Governo do Estado da Paraíba – Secretaria de Estado da Educação; ser aluno matriculado na instituição (Campo da Pesquisa); e concordar em participar da pesquisa.

INSTRUMENTO E PROCEDIMENTOS PARA COLETA DE DADOS

A atividade de coleta de dados foi realizada no período de março a abril de 2019, onde a princípio foram explicados os objetivos da pesquisa, através de uma conversa informal com o gestor para a entrega da Carta de Anuência (Apêndice A), a qual consiste na liberação do âmbito escola para a realização do estudo proposto. Em seguida foi apresentada a pesquisa para os educandos do 3ª série do Ensino Médio, explicando sua importância e todo o procedimento a ser seguido, além de apresentar o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) para os pais (Apêndice B) por serem menores de idade e o Termo de Assentimento (Apêndice C) que será assinado pelo próprio educando participante da pesquisa. Ressalta-se que o pesquisador responsável pela pesquisa é o regente titular da Disciplina Língua Portuguesa e Literatura.

O procedimento para a coleta de dados foi realizado em 4 etapas (Quadro 1), baseado numa sequência didática que se fundamenta numa construção do conhecimento a partir do mediador, que será a figura do professor regente da disciplina de Língua Portuguesa e Literatura. Oliveira (2013, p.



39) define sequência didática como:

um procedimento simples que compreende um conjunto de atividades conectadas entre si, e prescinde de um planejamento para delimitação de cada etapa e/ou atividade para trabalhar os conteúdos disciplinares de forma integrada para uma melhor dinâmica no processo ensino aprendizagem.

Para melhor compreensão de cada etapa foi desenvolvido um planejamento detalhado com objetivos a serem alcançados e recursos necessários para sua execução. Na tentativa de incluir o educando como agente ativo da pesquisa, na busca da sua autonomia em sala de aula é necessário que as atividades sejam expostas para que, juntos, estabeleçam o caminho a seguir baseado nas propostas que serão levadas pelo pesquisador.

Quadro 1 - Resumo das quatro etapas e objetivos desenvolvidos para coleta de dados 2019.

ETAPAS	OBJETIVOS
Diagnóstico – Questionário para professores e alunos (as)	Coletar dados pertinentes ao trabalho sobre como a atuação do professor por meio de práticas pedagógicas de leitura literária e letramento do gênero textual Cordel pode contribuir para a formação leitora e crítica dos alunos
Apresentação dos cordéis escolhidos pelo pesquisador e oficina literária para produção de Cordel e xilogravuras	Incentivar o contato com o cordel aproximando os alunos desse tipo de texto, levando-os a valorização da cultura popular conhecendo sua estrutura. Ensinar técnicas de como compor um cordel.
Feira de Literária de Cordel	Apresentar o texto literário da cultura popular produzido pelos alunos.
Questionário Avaliativo - Percepção dos alunos quanto a importância da produção literária de cordel	Refletir sobre as relações de intertextualidade utilizada no cordel verificando assim a absorção da importância dessa linguagem.



FONTE: Dados da Pesquisa (2019)

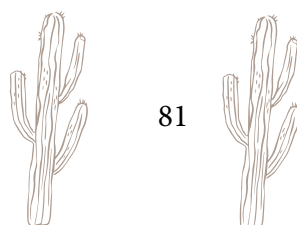
Diagnóstico – Questionário para professores e alunos (as)

Aplicação dos questionários (Apêndices E e F) com as professoras e alunos (as), contendo questões abertas e fechadas, na perspectiva de coletar dados pertinentes ao trabalho sobre como a atuação do professor por meio de práticas pedagógicas de leitura literária e letramento do gênero textual Cordel pode contribuir para a formação leitora e crítica dos alunos. O objetivo dos questionários esteve relacionado ao conhecimento do contexto de formação e desenvolvimento profissional em que os participantes estão inseridos, expressando a validade e fidelidade das informações fornecidas.

Apresentação dos cordéis escolhidos pelo pesquisador e oficina literária para produção de Cordel e xilogravuras

Em relação aos planos de aula, pautamos esse primeiro momento em uma leitura/análise das xilogravuras como representação típica do cordel, optamos por uma exploração mais detida da leitura das xilogravuras focando na interpretação das imagens a apresentação de um xilogravurista. O critério para escolha das xilogravuras foi de ser um número mais variado possível de autores e, imagens que representasse a região nordeste por suas coisas valiosas, como os violeiros, as festas populares e as brincadeiras.

A escolha dos cordéis foi para compreensão com o gênero e, para isso, desenvolveu-se uma mostra de apresentação com cenário baseado nos cordéis selecionados. Buscando incentivar o contato com o cordel aproximando os alunos desse tipo de texto, levando-os a valorização da cultura popular conhecendo sua estrutura e ensinando técnicas de como compor um cordel. Foi realizada uma socialização com os alunos sobre a apresentação do professor, como também os alunos contaram outras



histórias conhecidas.

Separamos para explorar a questão social presente no cordel da leitura dos textos que dialogam com esse apelo social um cordel em áudio, que ao mesmo tempo também frisa o teor oral da literatura popular. Pensamos nesse momento em apresentar mais uma modalidade oral de um cordel, sendo a leitura feita pelo próprio autor.

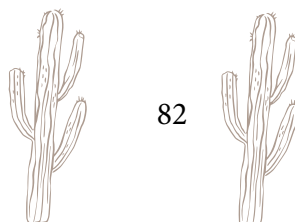
Além de o gênero ser prazeroso de se ler, devido ao seu ritmo quase que musical, fizemos uma espécie de roda de leitura em que cada um lia uma estrofe do cordel. Essa roda de leitura fez com que os alunos sentissem menos dificuldade na leitura, pois como sabemos a tarefa de ler em voz alta nem sempre é fácil. A leitura alternada exigia também que os alunos prestassem mais que a atenção para não perderem da leitura, nem do ritmo e nem serem surpreendida por ser sua vez de ler a estrofe seguinte.

Feira de Literária de Cordel e Xilogravuras

Para apresentar os textos literários da cultura popular produzido pelos alunos e utilizados durante a intervenção, produzimos uma Feira Literária juntamente com alunos e equipe escolar para divulgação dos trabalhos realizados. O envolvimento com atividades culturais é ação que integra o processo de formação do leitor desde suas primeiras experiências literárias.

Afirma-se que a encenação de obras literárias é uma forma sedutora e criativa para a formação de leitores, independentemente do nível de escolaridade em que será oportunizada. Promover eventos literários, disponibilizar livros, frequentar espaços de leitura, estimular o gosto pelo ato de ler, sensibilizar o público leitor, apresentar novas estratégias como a dramatização de obras é, com certeza, uma tarefa desafiadora e ao mesmo tempo motivadora para o professor.

Consideramos que um evento literário é um acontecimento organizado por especialistas com objetivos institucionais, comunitários ou promocionais. O evento literário pode ser um momento sig-



Literatura de Cordel

nificativo em que as pessoas envolvidas diretamente na sua organização e realização e o público, efetivam experiências com os textos literários e podem compartilhar impressões de leitura. Por esse motivo entende-se que a organização de eventos literários é uma contribuição valiosa para a formação de leitores e demonstra a função social da Literatura, na medida em que pode envolver diversos segmentos de um país, de uma cidade ou de uma instituição, como por exemplo, a escola.

Os eventos literários, de modo geral, são espaços voltados para a convivência, à difusão da cultura, agregando valores de cidadania já que muitos são realizados em um espaço aberto, são gratuitos e deixam a cultura literária ao alcance de todos. Nestes eventos é possível encontrar atividades culturais diversificadas, as quais não estão somente ligadas à leitura, mas também a outras manifestações culturais, como a música, a dança, as artes plásticas, o teatro e o cinema, entre outras.

Esses eventos literários foram se tornando cada vez mais diversificados, pois não apresentam como único propósito a comercialização de livros. Pretendem acima de tudo estimular o hábito da leitura e aproximar os leitores dos escritores para debate das ideias e celebração do encontro do criador com seu público, através de espaços democráticos de leitura.

Questionário Avaliativo - Percepção dos alunos quanto à importância da produção literária de cordel e xilogravuras

Para reflexão sobre as relações de intertextualidade utilizada no cordel verificando assim a absorção da importância dessa linguagem, foi realizado um novo questionário onde procurou-se avaliar o trabalho realizado durante a pesquisa.

TÉCNICA E ANÁLISE DOS DADOS

Para a análise qualitativa, a obtenção dos dados foi coletado e tabulado sobre a forma de

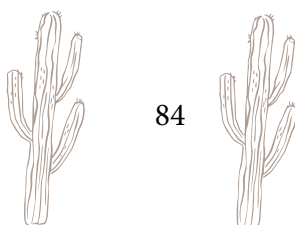


tabelas e/ou gráficos no programa Microsoft Office Excel 2010. Acredita-se que através dos gráficos, pode mostrar claramente a aquisição de um breve despertar em direção ao incentivo a leitura, através do cordel no processo de ensino aprendizagem. Sendo que a partir desses gráficos e da literatura consultada na pesquisa, que chegaremos à perspectiva que a hipótese prévia desta pesquisa tenha fundamento se confirmará e os objetivos traçados para esta investigação foram mensurados e confirmados.

ASPECTOS ÉTICOS E LEGAIS DA PESQUISA

Quanto ao procedimento ético, vale destacar que a pesquisa está em concordância com os princípios éticos de investigação, fundamentados de acordo com a legislação vigente e normas regulamentadas da pesquisa envolvendo seres humanos e devem seguir as exigências da Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS) 466/2012, sobre a ética em pesquisa onde envolvem pessoas.

Foi previamente enviada à documentação de solicitação formal a um comitê de ética para a realização da pesquisa, como também à instituição de ensino – E. E. E. M. Professor José Olímpio Maia, campo do estudo para a devida liberação. Os participantes da pesquisa, docentes, Gestor Escolar, Coordenador Pedagógico, alunos e pais de alunos, foram previamente informados com clareza sobre o estudo em questão e assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), caso quisessem participar. Foi dada também a garantia do anonimato e sigilo absoluto das informações prestadas.



Capítulo

3

**RESULTADOS E DISCUS-
SÕES**



VISÃO DAS PROFESSORAS E ALUNOS (AS) A RESPEITO DO TRABALHO COM A LITERATURA DE CORDEL EM SALA DE AULA

A coleta dos dados pertinentes ao trabalho sobre como a atuação do professor por meio de práticas pedagógicas de leitura literária e letramento do gênero textual Cordel pode contribuir para a formação leitora e crítica dos alunos, proporcionou o entendimento a respeito dessa etapa da pesquisa.

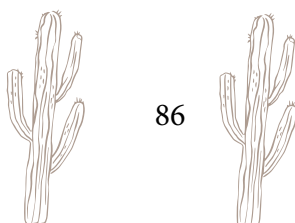
Mediante a intervenção socioescolar, após cumprida as etapas anteriores, apresentamos o resultado dos questionamentos, que foram feitos mediante questionário composto de questões abertas, com a finalidade de identificar a dificuldade de leitura e letramento na aprendizagem das Terceiras Séries do Ensino Médio, duas (02) professoras da referida escola. Deve-se esclarecer que mediante horários contrários de funcionamento da escola pesquisada, o número de pesquisadas foi reduzido, devido as mesmas exercerem atividades profissionais em outras escolas.

Em seu primeiro questionamento, foi perguntada a idade das professoras, que estão na faixa etária de 28 e 52 anos. Questionadas sobre os anos de exercícios das atividades profissionais na área do magistério, as 02 (duas) responderam que já possuem de 18 e 23 anos de exercício no magistério. Apresentam a mesma formação, sendo graduadas em Letras e Pós-Graduadas em Português: Língua e Literatura.

Com relação às oficinas pedagógicas as mesmas responderam com espontaneidade o seguinte:

P1: Acho muito importante o trabalho com oficinas pedagógicas em sala de aula sobre “literatura de Cordel”, pois percebo que, com a prática desse trabalho no ambiente escolar, nossos alunos se dedicam mais um pouco a leitura e produção de textos.

P2: Sim. Percebo que com essa estratégia de ensino os alunos se empolgam mais em participar das atividades propostas em sala de aula e conseguem de-



envolver com mais facilidade as competências e habilidades leitoras.

Verificamos que o professor deve investir e acreditar na sua capacidade de auxiliar seus alunos no processo de ensino e aprendizagem de leitura e letramento. É necessário que os profissionais da educação valorizem as novas práticas de ensino dentro de sala de aula sobre a literatura de cordel, em especial, a realização constante de oficinas pedagógicas e, que também adotem ética com relação aos seus alunos.

É preciso colocar a leitura como um andaime para uma efetiva reflexão social que leve o educando à formação e ao exercício da cidadania. Trata-se, então, de “ver a obra em uma cultura ativa não só no seio da literatura, mas na relação literatura/realidade” de acordo com Rouxel (2013, p. 159), pois a forma como a literatura está sendo trabalhada na escola apenas fortalece a resistência do alunado perante o texto literário.

Aludimos, assim, a um ensino que potencialize o diálogo multicultural, que traga para escola não somente a cultura valorizada, canônica, mas também as culturas locais, populares e a cultura de massas, para torná-las objetos de estudo e crítica e proporcionar um diálogo aos textos/enunciados/discursos das diversas culturas locais com os textos da cultura valorizada. “Assim, a escola formará um cidadão flexível, protagonista e multicultural em sua cultura” (ROJO, 2012, p. 115).

No que diz respeito as novas metodologias utilizadas em sala, P1 e P2 responderam que costumam sempre utilizar em suas aulas novas metodologias de ensino para motivar seus alunos a desenvolverem o processo de ensino aprendizagem acerca da leitura literária e letramento. E as novas metodologias usadas por elas são:

P1: Adoro trabalhar com “Rodas de Leituras”.

P2: Sempre procuro inovar minha prática pedagógica de sala de aula, trabalhando com produção e apresentação de Sarau Literário, Jantar Literário e



apresentação de seminário.

Nesse momento, diante do que as professoras responderam, podemos dizer então, que recuperar as metodologias e as práticas da leitura na escola e trazer para dentro dela o prazer de ler, favorecendo espaços de leitura e intercâmbios no ambiente escolar, proporciona aos discentes um repensar sobre a leitura em suas vidas e o que ela representa a sua formação profissional e humana.

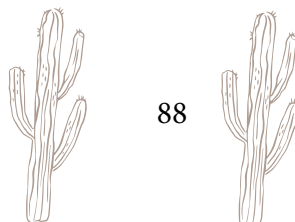
Guinski (2008), fala que é de suma importância que, o professor trabalhe em sala de aula com a leitura, para aguçar o gosto pela mesma, visto que, a grande parte da sociedade não tem o hábito da leitura em seu cotidiano, sabendo que formar leitores competentes é uma das funções inalienáveis da escola na contemporaneidade e implica favorecer a autonomia dos estudantes ante os diferentes propósitos da leitura. Quando questionadas a respeito de como é desenvolvida suas práticas de leitura diária, as professoras responderam o seguinte:

P1: Costumo desenvolver a prática de leitura diariamente com os meus alunos, pois não consigo iniciar o trabalho de sala de aula sem trabalhar qualquer tipo de leitura reflexiva, como: Um poema literário, uma citação, um conto, etc.

P2: Trabalho com a leitura de textos literários todos os dias da semana.

Ao refletirmos essas concepções percebemos que a forma como a leitura é enfatizada pelos professores mostra-nos que a prática diária da leitura oportuniza aos discentes a ampliação do seu universo vocabular e a contextualização, inferindo posicionamentos, reelaborando saberes a partir dos acumulados. Certamente, terão mais segurança em desvendar leitura e aprender novos conhecimentos, frente aos desafios que o mundo atual exige. Nesse contexto, argumenta Rangel (2010, p. 80):

Ler é uma prática, essencial para aprender. Nada substitui a leitura, mesmo numa época de proliferação dos recursos audiovisuais e da informática. A leitura é parte essencial do trabalho, do empenho, de perseverança, da dedicação



em aprender.

Questionadas sobre a importância da leitura, as professoras P1 e P2 afirmam por unanimidade que a leitura é de suma importância porque amplia, aprimora os horizontes e possibilita o fortalecimento de ideias e ações. Assim, ressalta uma das professoras pesquisadas:

P1: A leitura é uma atividade capaz de realizar mudanças na vida do indivíduo e suas relações com o mundo, oferecendo a possibilidade de transformações coletivas.

Isso implica dizer que a leitura é o processo pelo qual o indivíduo desenvolve seu pensamento, linguagem e sua capacidade de refletir, criticar, transformando os conhecimentos adquiridos em experiências para o seu dia a dia. Nesse sentido Pérez (2015, p. 48) firma que “a leitura é a mola propulsora na libertação do pensamento que possibilita desencadear reflexões e desenvolver ações para melhoria da cidadania e desenvolvimento do ser humano”.

No tocante a importância do trabalho pedagógico com o livro didático em sala, as professoras responderam de forma quase idênticas uma da outra, a citar:

P1: Considero o livro didático como a principal ferramenta pedagógica para trabalhar com os meus alunos em sala de aula, como também a leitura oral e escrita.

P2: Os principais recursos didáticos que utilizo para trabalhar a leitura em sala de aula com meus alunos são: o livro didático, os alunos e a leitura oral.

Diante das respostas das professoras supracitadas, observamos que as mesmas consideram o livro didático e a leitura oral e escrita, como sendo os recursos principais a serem utilizados para a efetivação do processo ensino e aprendizagem. Essa asserção torna patente a ideia de que o livro



Literatura de Cordel

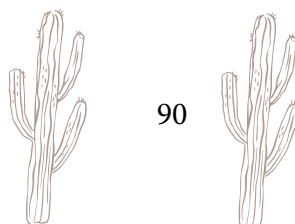
didático é o recurso tomado como mais importante na prática educativa, por constituir-se, muitas vezes, no único material escrito disponível na sala de aula e, conseqüentemente, na vida dos jovens e adolescentes da classe trabalhadora.

Fato esse, que empobrece a relação do discente com a leitura, pois a sala de aula deve ser o lugar privilegiado, onde os educandos entrem em contato com textos diversos e compreendam suas características. Percebemos realmente, com os discursos das professoras questionadas que a prática de ensino por elas abordada está centralizada exatamente para a questão da formação de um educando voltado para uma aprendizagem na qual o discente seja um indivíduo ativo e participativo.

Modelos de escrita são aprendidos através da leitura, com a prática os alunos serão capazes de produzir textos com eficácia, se tornarão escritores. Entre as estratégias didáticas de leitura os PCN apontam para leitura em que o professor lê o texto com a classe e durante a leitura, questiona os vestígios linguísticos presentes no texto e como tais atribuem diversos sentidos possíveis. Sobre esse tipo de leitura os PCN explicam:

A possibilidade de interrogar o texto, a diferenciação entre realidade e ficção, a identificação de elementos discriminatórios e recursos persuasivos, a interpretação de sentido figurado, a inferência sobre a intencionalidade do autor, são alguns dos aspectos dos conteúdos relacionados à compreensão de textos, para os quais a leitura colaborativa tem muito a contribuir. A compreensão crítica depende em grande medida desses procedimentos. (BRASIL, 1998, p. 45)

Então, para que se construa um senso ou uma compreensão crítica nos alunos é necessário estratégia de leitura, inclusive leitura com regularidade criando atitudes favoráveis dos alunos quanto à leitura. Usando de questionamentos para interpretação e de compreensão do texto. Desse modo, o ato de ler pode tornar-se um momento de satisfação, pois a leitura é um instrumento de ações trans-



formadoras que permite uma compreensão dos fatos, levando o leitor a refletir sobre o seu papel na sociedade, ou seja, interagindo com o mundo de forma crítica e reflexiva.

Visão dos alunos (as) a respeito do trabalho com a literatura de cordel em sala de aula

Nesse momento apresentamos a análise dos resultados do questionário aplicado na fase exploratória de nossa pesquisa. Isso se torna relevante uma vez que contextualizaremos os devidos resultados às práticas de leitura que foram planejadas e desenvolvidas para proporcionar a melhoria da compreensão leitora dos alunos envolvidos.

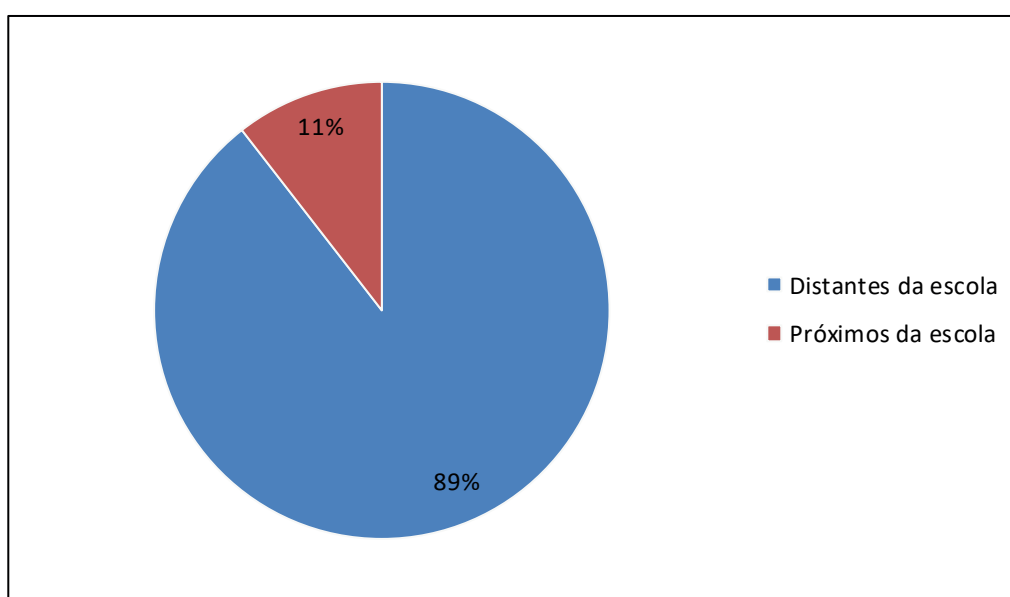
São adolescentes com idade entre 18 e 19 anos, num total de setenta alunos. Sobre as preferências de leitura, no geral, alegaram que gostam de ler textos que sejam fáceis. Disseram também que gostavam de ler poemas, associando o gênero a rimas e palavras bonitas. Não faltaram definições como: conto, histórias, expressões de sentimentos. E eles viam na leitura uma oportunidade para alcançar algo melhor como à liberdade, melhorar nos estudos etc. O que podemos depreender sobre isso? Os participantes já tiveram contato com a poesia, o gênero poema, e pelas respostas dadas por eles, bem como suas definições, esse contato estava presente nas suas práticas escolares de alguma forma, estavam dispostos a receberem a leitura do texto literário.

Inicialmente lançamos perguntas sobre a identificação histórico social dos participantes, com o intuito de identificarmos pistas sobre suas vidas e seus hábitos individuais. Destacamos a ênfase que demos às práticas de leituras dos participantes. Por último, vale salientar que este roteiro de questões não foi o único meio de obtermos dados sobre os alunos. As observações do pesquisador participante, bem como discussões em roda de conversa também foram ferramentas pedagógicas utilizadas para chegarmos ao plano de ação da intervenção socioescolar. A esse respeito Thiollent (2011, p. 79) diz que “a discussão formal com pequenos grupos é sempre um passo necessário, principalmente na fase exploratória da pesquisa”.



Quanto ao perfil dos alunos, questionamos sobre estilo de vida, lazer, formação de suas famílias entre outros. Assim, coletamos a resposta de 32 (trinta e dois) participantes, dos quais 89,5% são moradores de bairros distantes da escola e fazem o traslado para a escola através de ônibus, motocicletas e bicicletas. E apenas 10,5% dos alunos residem em bairros próximos à escola (Gráfico 1).

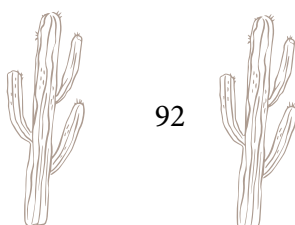
Gráfico 1 - Resultados do questionário sobre distância da moradia dos alunos da escola.



FONTE: Dados da pesquisa (2019).

Com relação ao questionamento sobre o que gostam de ler e por que gostam de ler esse tipo de leitura, destacamos que, 23% alunos informaram que não liam porque não gostavam; 11% não sabiam dizer; 22% liam e esqueciam; 11% preferiam ficar mexendo no celular e navegando na internet; 39% disseram que gostavam de histórias e narrativas (Gráfico 2).

Podemos observar que a leitura, para eles, correspondia exatamente ao que estava posto pela escola, nos livros didáticos e não representavam estímulos algum para eles. Os que afirmaram gostar de ler tinham como justificativas: o ato da leitura para estudar, apenas no ambiente escolar, cumprir



Literatura de Cordel

tarefas propostas pelos professores, passar de ano, apenas dois disseram que liam para divertir-se.

Os alunos que diziam gostar de narrativas representam uma maioria na turma participante, significa que as instâncias de leitura funcionam, mesmo de maneira precária, na escola, com predominância do gênero textual narrativo. Restou-nos à curiosidade sobre como seria o despertar para estratégias de leituras poéticas por eles de maneira consciente e autônoma.

Segundo Filipouski e Marchi (2009, p.11):

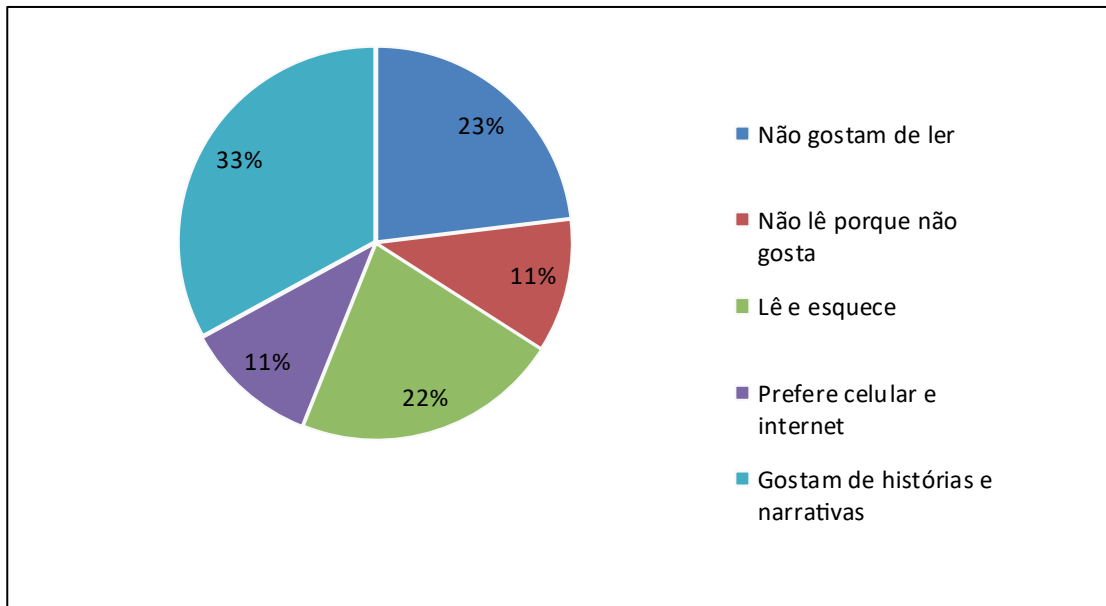
ao realizar a leitura literária, leitores precisam dar respostas a um texto recomendando-o a alguém, retomando-o em um conversa, aprendendo algo, refletindo a respeito das questões que ele aponta e reavaliando ou reforçando suas condutas pessoais, debatendo sobre ele, escrevendo um novo texto, relacionando-o aos demais textos conhecidos, ocupando prazerosamente suas horas de lazer.

Os professores chegaram à conclusão que é necessário, portanto, o cuidado por parte do professor, para que o conjunto de textos selecionados para leitura e estudo não seja formado apenas a partir de objetivos didáticos que a escola estabelece, mas levando em consideração o significado literário, isto é, quais gêneros representativos de quais tradições literárias, deverão ser oferecidos ao aluno, tendo em vista a funcionalidade destes no meio social.

O contexto escolar é apontado como o principal “promotor de leitura” e restringe-se a ele a responsabilidade de formar leitores, entretanto na maioria dos casos os procedimentos de ensino-aprendizagem aplicados em sala de aula, mais inibem o gosto pela leitura do que realmente o despertam e/ou influenciam. São apresentados aos alunos trechos ou obras completas dos quais deve-se extrair um conjunto de informações que torna a leitura alienada e não permite ao leitor atravessar a linha, não tão tênue, entre ler e decifrar sinais mecanicamente, é importante ressaltar que “reagimos assim ao que não nos interessa no momento” (CAMPOS, 2015).



Gráfico 2 - Resultados sobre o que os alunos gostam de ler na escola



FONTE: Dados da pesquisa (2019).

Quando questionados sobre os textos que mais gostavam de ler nas aulas do componente curricular Língua Portuguesa, 24% responderam leitura de poesia, 25% narrativas no livro didático, 17% histórias em quadrinhos, 17% não liam e 17% leem de tudo, como vemos no Gráfico 3. Percebemos que apesar de contraditório em relação aos dados da questão anterior, ainda se configurou a questão da leitura de forma obrigatória e com destaque para o livro didático. Indicando que eram utilizadas leitura de vários gêneros textuais que nesse suporte se ancoravam. Uma das práticas que foram observadas na biblioteca da escola pesquisada foi a leitura bem presente de Histórias em Quadrinhos e também as narrativas envolvendo histórias de aventuras e mistério eram bem acentuadas.

Fizemos um percurso paralelo junto ao regente da biblioteca para delinear esse perfil de leitor. Os leitores considerados autônomos, que pegam o livro para ler em casa estavam sempre figurando no contexto desses gêneros literários.

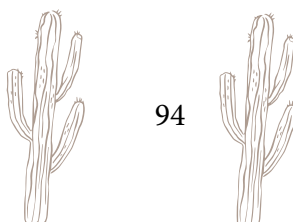
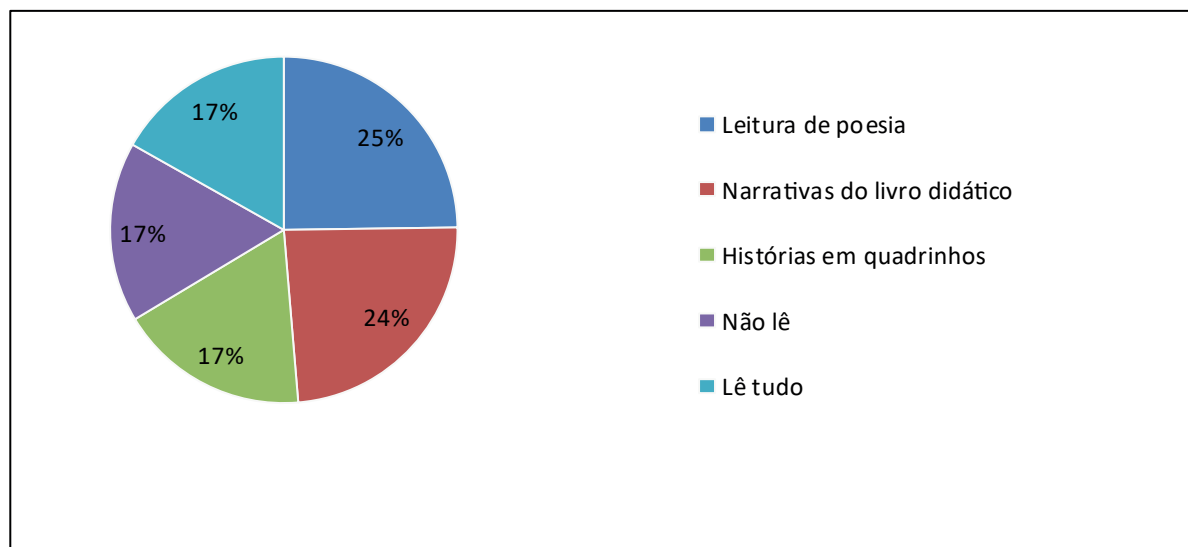


Gráfico 3 - Resultados sobre os textos preferenciais dos alunos.



FONTE: Dados da pesquisa (2019).

Outro aspecto evidenciado foi à preferência pela leitura de poesia. Sobre isso, acrescentamos que o número de leitores de poesia enquadra-se, na escola, dentro de uma linha acentuada, em virtude de eventos que ocorrem e motivados por algumas atividades culturais da escola.

Um aspecto que tem se demonstrado favorável à utilização dessa prática pedagógica no cotidiano escolar tem sido o apelo constante ao aperfeiçoamento da entonação durante a leitura. Este, aliás, é uma das importantes ligações construídas entre leitura e escrita da qual falávamos anteriormente, já que estabelece uma ligação diretamente análoga à compreensão e utilização da pontuação no texto escrito. A esse respeito, Nogueira (2014), afirma que:

A entoação da linguagem oral é peça fundamental na construção de sentido. A entoação faz parte das estratégias de reformulação textual na atividade de retextualização, na passagem do texto escrito para a oralidade, e cumpre sua função organizacional na manutenção da tipologia textual, orientando o



ouvinte quanto à forma do texto e dando uma certa “ordenação” ao evento narrativo. (NOGUEIRA, 2014, p. 81)

Dessa maneira, a utilização da linguagem poética se mostrou muito eficaz nesse sentido pela sua potencialidade no que se refere a centralidade da entonação na construção de sentido de um texto poético, o que se torna construtivo para os alunos em ambos os campos: oral e escrito.

Perguntamos o porquê da leitura do texto de Literatura e onde aconteceram essas leituras, obtivemos as seguintes respostas: 12% disseram que liam para desenvolver a leitura, na sala de aula; 24% afirmaram que liam para escrever na sala de aula, 22% liam para inspirar, na biblioteca e em casa; 25% liam para conhecer na biblioteca e 11% porque queriam e liam na escola e 4% não sabia responder (Gráfico 4).

Esses dados demonstram que as práticas de leitura literária não passavam por suas reflexões, pelo pensamento crítico e pela compreensão, porém revelou que inconscientemente eles já tinham um objetivo de leitura. O que podemos depreender, nesse aspecto, é que falta uma condução metodológica por parte dos, no sentido de desenvolver o gosto dos alunos pela leitura, ajudando-os a ampliar a autonomia e, conseqüentemente, atingirem o letramento literário desejado.

A escola precisa se preocupar em ter um lugar especial para a Literatura. Nesse sentido, a prática da leitura literária precisa ser conquistada e não obrigada, como reitera Anna Cláudia Ramos:

Sonho com o dia em que todos dentro da escola valorizem a leitura de literatura e não apenas livros didáticos ou informativos. Enquanto não mudarmos o pensamento atrasado de algumas pessoas, as leituras vão continuar emperrando em coisas pequenas. Enquanto o livro literário não entrar na escola como objeto de desejo, ele vai continuar sendo visto apenas como obrigação e dever. Literatura deveria abrir horizontes e pensamentos, abrir portas e janelas na alma dos leitores e jamais fechar as portas da imaginação. (RAMOS,



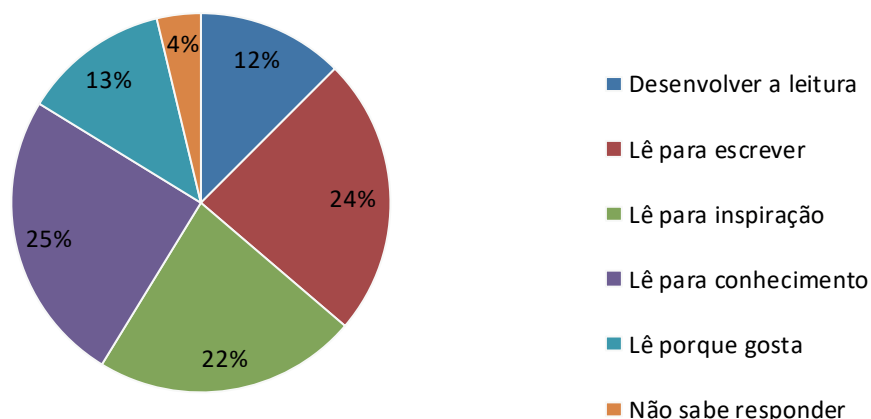
2018, p. 37).

As práticas sociais que articulam a leitura e a produção de textos em contextos diversificados são denominadas letramento. Entre esses contextos, a literatura ocupa uma posição privilegiada porque conduz ao domínio da palavra a partir dela mesma. Por força dessa característica, o letramento literário requer da escola um tratamento diferenciado que enfatize a experiência da Literatura.

O letramento literário é diferente dos outros tipos de letramento porque a literatura ocupa um lugar único em relação à linguagem, ou seja, cabe à literatura “tornar o mundo compreensível transformando a sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas” (COSSON, 2014, p. 17).

O letramento feito com textos literários proporciona um modo privilegiado de inserção no mundo da escrita, visto que conduz ao domínio da palavra a partir dela mesma. Finalmente, o letramento literário precisa da escola para se concretizar, isto é, ele demanda um processo educativo específico que a mera prática de leitura de textos literários não consegue sozinha efetivar: “o professor de literatura deve explorar as potencialidades do texto. O segredo maior da literatura é justamente o envolvimento único que ela nos proporciona em um mundo feito de palavras”. (COSSON, 2014, p. 29).

Gráfico 4 - Justificativas dos alunos sobre o porque leem textos literários.



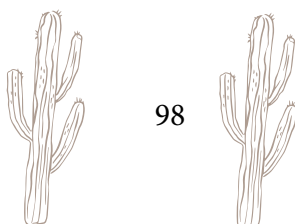
FONTE: Dados da pesquisa (2019).

Percebemos claramente, que alguns participantes responderam ao questionário de sondagem de forma imediata e superficial. Isso demonstrou também que era assim sua postura diante do texto, literário ou não. Esse item apresentou uma rápida consonância com o item anterior com relação às leituras de narrativas e poesias, o que também nos remete ao que Soares (2006) diz sobre a escolarização da leitura e suas instâncias.

O ato de ler faz com que o indivíduo leitor tenha respostas para o mundo e para o que está acontecendo ao seu redor. Quando uma pessoa lê, ela passa a ter uma nova opinião sobre o tema lido, desde política até assuntos relacionados à culinária. Desta forma, se a criança é estimulada a ler desde pequena ela com certeza será um adulto questionador e crítico, assim, o indivíduo que não lê não terá base literária e experiências para formar opinião sobre qualquer assunto.

Pessoas que não são leitoras têm a vida restrita à comunicação oral e dificilmente ampliam seus horizontes, por ter contato com ideias próximas das suas, nas conversas com amigos. [...] é nos livros que temos a chance de entrar em contato com o desconhecido, conhecer outras épocas e outros lugares e, com eles abrir a cabeça. Por isso, incentivar a formação de leitores é não apenas fundamental no mundo globalizado em que vivemos. É trabalhar pela sustentabilidade do planeta, ao garantir a convivência pacífica entre todos e o respeito à diversidade. (GROSSI, 2008, p. 03)

A leitura proporciona a descoberta de um mundo novo e fascinante. Para tanto, a apresentação da leitura para as crianças deve ser feita de uma maneira diferenciada e atrativa, para que assim elas possam ter uma visão prazerosa a respeito do ato de ler, de modo que seja um prazer e um hábito que ela acrescentará em sua vida sem que seja visto como algo obrigatório e enfadonho.



Os participantes demonstraram que a leitura pode ser realizada em sala de aula, aquela obrigatória na maioria das vezes, para responder e cumprir atividades e existe para eles a biblioteca, ou seja, uma instância onde oferece a possibilidade para a leitura literária mais voltada para o prazer de ler, criativo e prazeroso. O quadro aponta também que mesmo antes, em outros itens, onde eles dizem que não lê, a leitura acontece cotidianamente, mesmo que pareça ser apenas para ensinar conhecimentos didáticos, mesmo assim ocorre. As respostas apontam também para uma abertura que o professor tem junto a eles, rumo ao letramento literário pertinente.

Letramento é muito mais que uma habilidade ou competência. Ele envolve ler e escrever dentro de um contexto em que escrita e leitura façam sentido para a vida do aluno, isto é, o letramento só acontecerá quando o uso social da escrita for levado em consideração. Essa prática tem como objeto de reflexão, de ensino e aprendizagem, os aspectos sociais da língua. Diante desses fatores, o letramento considera o ensino a partir de uma sociedade e do uso adequado que ela faz dos textos orais e escritos. Nesse sentido, Kleiman (2007, p. 14) nos diz que:

Assumir o letramento como objetivo de ensino no contexto dos ciclos escolares implica adotar uma concepção social da escrita, em contraste com uma concepção de cunho tradicional que considera a aprendizagem de leitura e produção textual com a aprendizagem de competências e habilidades individuais. É possível identificar a promoção do letramento em cada ambiente de vivência dos sujeitos e perceber as divergências dentro de um mesmo grupo de alunos.

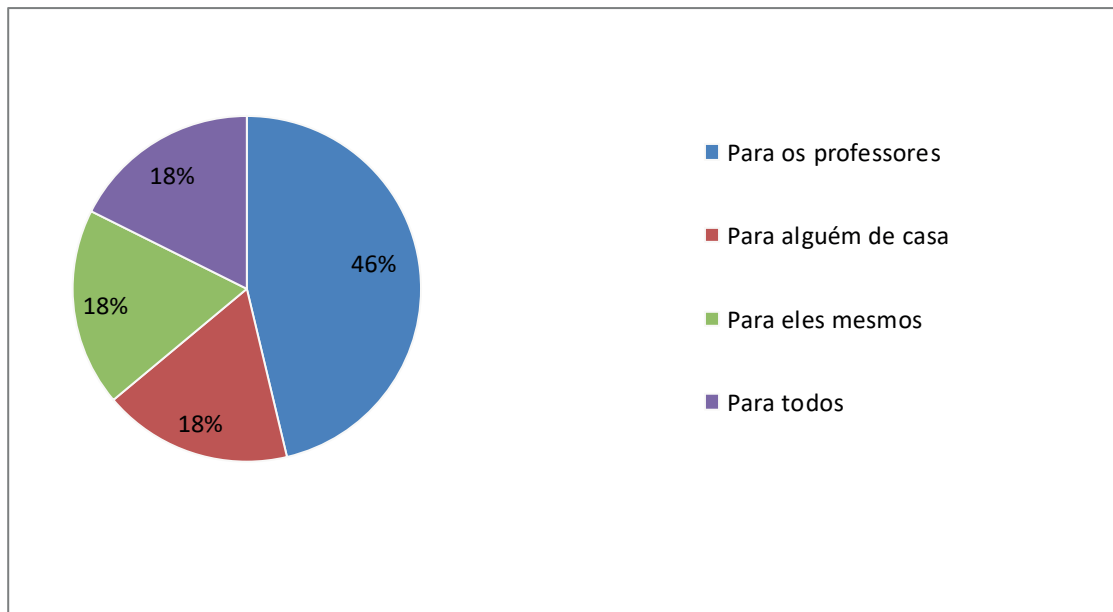
Continuando no aspecto da leitura, ao serem questionados para quem eles leem, observa-se no Gráfico 5 que 46% disseram para os professores; 18% afirmaram ler também para alguém de casa; 18% para eles mesmos; 18% para todos, conforme o Gráfico 5. O referido gráfico aponta para a indicação quanto aos sinais de que haveria ações de leituras literárias em outros contextos, fora do



Literatura de Cordel

ambiente escolar, apesar de não serem conscientes disso. Sugere que a leitura literária era tida como cumprimento de tarefas na sala de aula, provavelmente com objetivos didáticos restritos. Mas ficou demonstrado ainda, que mesmo diante de um contexto técnico de aprendizado da leitura literária, já havia aqueles aonde o gosto pelas letras já tinha encontrado seu espaço.

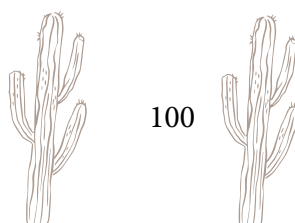
Gráfico 5 - Para quem os alunos leem.



FONTE: Dados da pesquisa (2019).

Para tornar o mundo um lugar melhor é necessário que se integre uma política de incentivo à leitura e a inclusão de novos leitores à educação. Pois, somente através do incentivo à leitura é que serão conquistados resultados efetivos para a educação.

é fundamental que as políticas de incentivo à leitura se descolem da mera organização de feiras ou da criação de bibliotecas e salas de leitura. O mais urgente é investir em material humano, com a formação de mediadores e bibliotecários capazes de semear o prazer da leitura por todo o país. Mediadores



Literatura de Cordel

são os instrumentos mais eficientes para fazer da leitura uma prática social mais difundida e aproveitada. (LINARD; LIMA, 2018, p. 09)

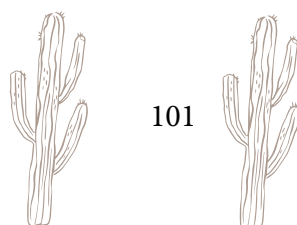
A ação de ler não é somente para entretenimento ou uso acadêmico, é também, uma ótima ferramenta que oferece ao leitor uma visão ampla do mundo, onde o sujeito pode contextualizar suas próprias experiências com o texto lido.

Assim a produção de leitura consiste no processo de interpretação desenvolvido por um sujeito-leitor que, defrontando-se com um texto, analisa, questiona com o objetivo de processar seu significado projetando sobre ele sua visão de mundo para estabelecer uma interação crítica com o texto. (INDURSKY; ZINN, 2015, p. 56)

O gostar de ler é construído em um processo que é individual e social ao mesmo tempo, pois ouvir histórias é pra quem sabe e também para aquele que não sabe ler. O professor deve entender e compreender as dificuldades particulares de cada aluno, e deve, ao mesmo tempo, estimulá-los a produzirem e ouvirem textos, para que assim ele possa desenvolver suas competências e habilidades, estimulando a leitura como um processo de libertação da criatividade e da reflexão crítica do cidadão.

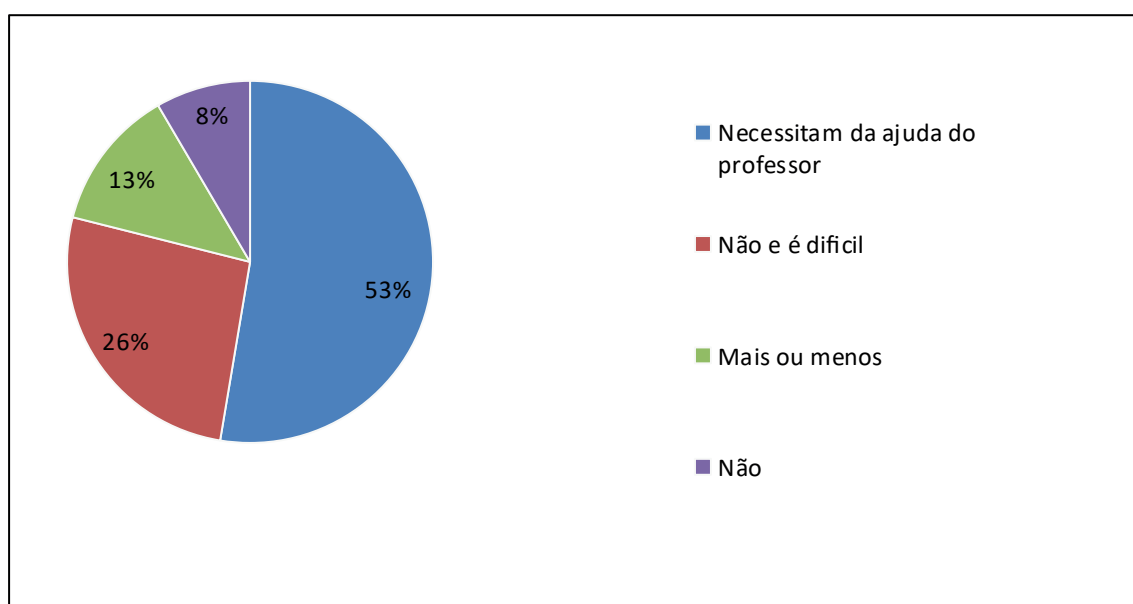
Com relação à dificuldade em compreender o texto literário, sua linguagem e mensagem, os participantes responderam da seguinte forma: 53% afirmaram que necessitavam de auxílio do professor; 26% não e que era difícil; 13% mais ou menos e 8% não. As respostas indicavam para a necessidade de podermos trabalhar a proposta do letramento literário e desenvolver estratégias com eles para alcançarmos o passo mais importante da leitura literária, que é a sua compreensão (Gráfico 6).

O ensino da leitura e da escrita deve ser influenciado por toda a sociedade, mas a escola toma posto principal nessa função, delegando aos professores o trabalho de chamar a atenção dos alunos para a leitura e a desenvolver a escrita de forma a expressar ideias e pensamentos. Os professores têm,



então, papel de mediadores do conhecimento. Segundo Martins (2014, p. 34) “a função do educador não seria precisamente ensinar e ler, mas a de criar condições para o educando realizar sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta”.

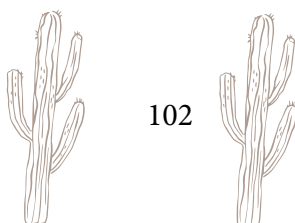
Gráfico 6 - Resultados da sondagem sobre dificuldades em compreender o texto literário, sua linguagem e mensagem.



FONTE: Dados da pesquisa (2019).

No entanto, não cabe só ao professor de Língua Portuguesa ensinar os alunos a ler. É preciso que todos os professores trabalhem em conjunto e estabeleçam metas relacionadas com as suas disciplinas, com o objetivo de ensinar o aluno a ler diferentes tipos de textos e a perceber diferentes formas de leitura e entendimento.

Não falo de ensino programado, que reduz tudo a um condicionamento pelo texto, mas penso que a escola precisa ensinar os alunos a ler e a entender não



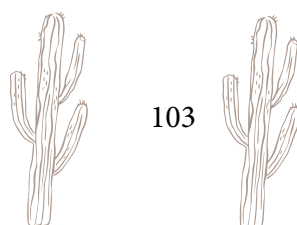
só as palavras, as histórias das analogias, mas também os textos específicos de cada matéria, as provas de cada área, as instruções de como fazer algo, etc. A leitura não pode ficar restrita à literatura e ao noticiário. (CAGLIARI, 1994, p. 149)

Assim, o aluno terá mais amparos para a sua leitura racional e emocional e, principalmente, para a leitura de mundo. Freire (2007) disse que “a leitura de mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele”. Dessa forma, o desenvolvimento da leitura quando é bem trabalhado, permite ao aluno despojar de todos os benefícios que uma leitura de qualidade traz. Fazer parte da sociedade como um cidadão ativo, com pensamentos críticos e ideais condizentes são resultados de uma boa educação literária.

Como forma de compreender a questão anterior de forma mais detalhada foi perguntado como compreender o texto literário, 57% afirmaram ficar esperando a explicação da professora sobre o texto; 17% liam novamente e combinavam respostas; 19% só liam uma vez e olhava se tinha figuras e 7% não responderam (Gráfico 7). Para Kügler (2013), o ensino da literatura não se resume no transporte da mensagem para o emissor através do texto, uma vez que a literatura é tratada como um meio de comunicação.

Desta forma, a leitura do texto literário está centrada na interação que se dá entre o leitor e o texto para que haja a compreensão. Assim:

Compreender um texto significa ao mesmo tempo personalizá-lo. A aludida relação entre o compreender e a personalização do texto, na recepção, fica clara se se entender que o compreender constitui-se, antes de tudo, pelo fato de que o sujeito que compreende percebe, juntamente com o objeto da percepção, a si próprio (KÜGLER, 2013, p. 35).



Literatura de Cordel

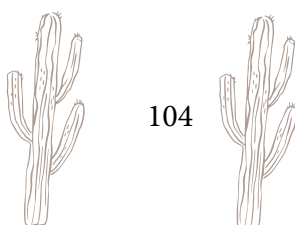
Como se pode perceber, a leitura não é vista como uma mera decodificação dos dados presentes no texto, e sim a articulação de autoconhecimento. Após esse diagnóstico tratamos, na intervenção, de observar as fases do processamento da leitura, que são apontadas por Cosson (2014) e como estavam sendo realizadas por eles, focalizando bem a etapa da interpretação do texto.

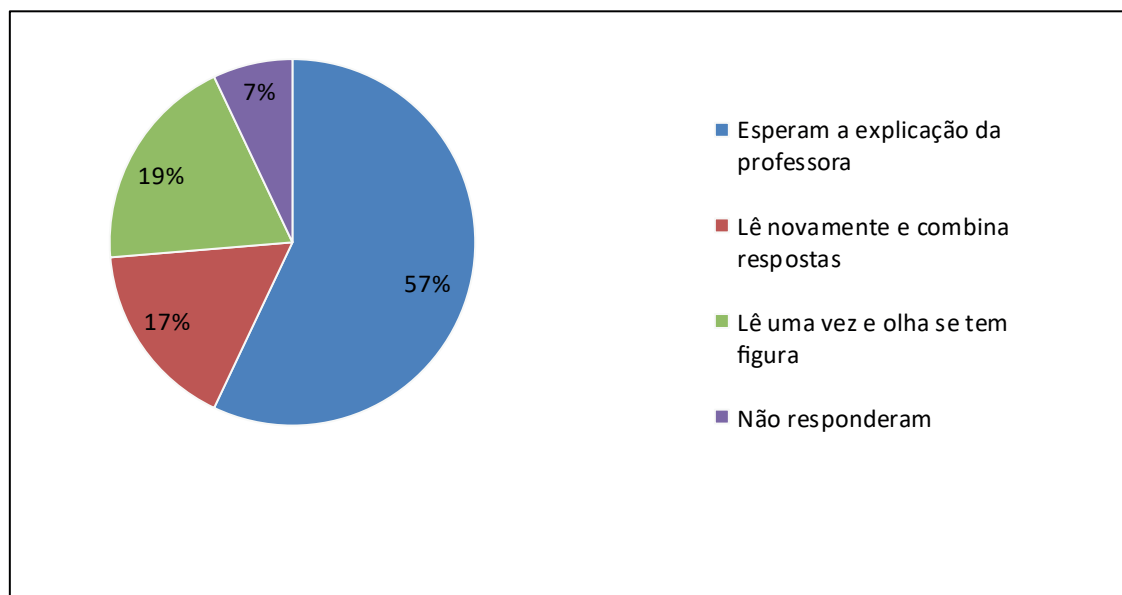
Diante desses resultados compreendemos que o cordel é mais uma tentativa de veicular conteúdo imprescindível para a formação da cidadania e se apresenta como um mediador entre a comunidade e escola, sendo algo inovador, quando não deveria ser, pois essa manifestação é característica do povo nordestino e deveria fazer parte do cotidiano da vida escolar e da comunidade.

Percebemos que falta ao sistema de ensino das escolas a sensibilidade para divulgá-lo e encará-lo como um recurso pedagógico permanente no desenvolvimento de currículo escolar e do diálogo com a comunidade. Comunidade essa que traz riquezas nos seus conhecimentos que, por essência, educam por si só (SILVA, 2013).

Vale ressaltar que a importância da leitura não se limita a sala de aula. Ler é tão importante no contexto escolar como na vida. Ler é somar-se ao mundo, é fazer-se menos indecifrável, é encantar-se com as diferenças (CAMPOS, 2015). O homem que lê, é o homem que evolui, que se deixa invadir pela palavras, que deixa a palavra torná-lo um indivíduo melhor. Um indivíduo que pensa por si próprio.

Gráfico 7 - Resultados da sondagem de como fazem para compreender o texto literário.





FONTE: Dados da pesquisa (2019).

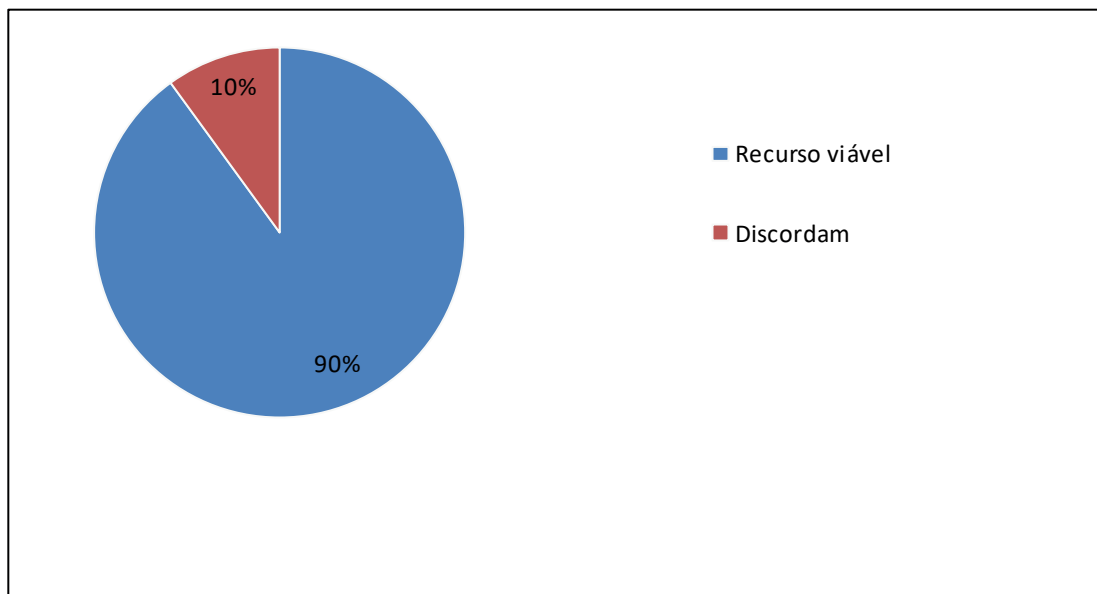
Chegando ao ponto culminante da nossa pesquisa, indagamos as participantes sobre se acredita que o Cordel pode ser utilizado como recurso didático em sala de aula, sendo este eficaz no estímulo a leitura, por ser um conteúdo simples e divertido. Os dados obtidos foram: 90% confirmam que este recurso é bastante viável, acreditam na afirmação, e apenas 10% dos participantes discordam com a afirmação (Gráfico 8).

Os termos desse último item, não simbolizam para um final, mas para um novo início, uma extensão ou resultado da interação deles com o lido sendo a impressão sintetizada da leitura do texto literário que queríamos investigar.

Ao término, discutimos esses dados para que o plano elaborado para a intervenção socioescolar considerasse que as ações de leitura literária que vinham acontecendo na escola necessitavam de um planejamento e de uma ação de cunho pedagógico voltada especificamente para a compreensão do texto, para o letramento literário. Foi posto que a poesia popular seria abordada para causar o alcance dos objetivos traçados pelo plano de ação anteriormente.



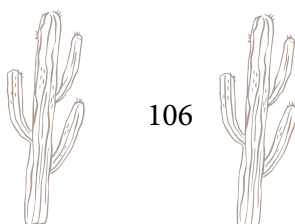
Gráfico 8 - Resultados da sondagem se acreditam que o cordel pode ser utilizado como recurso didático em sala de aula, sendo este eficaz no estímulo a leitura, por ser um conteúdo simples e divertido.



FONTE: Dados da pesquisa (2019).

Entende-se, portanto, que os docentes de modo geral, podem dispor de embasamento teórico para elaborar estratégias que visem aproximar o aluno do texto literário. Podem ser elaborados, por exemplo, projetos metodológicos, propostas de sequências didáticas organizadas a partir da leitura de textos literários, os quais podem oportunizar: exposições, relatos orais e escritos, feira literária, dramatizações e outras atividades que de acordo com a criatividade do professor dão ao aluno espaços para exercer sua imaginação e aprimorar a proficiência leitora, fazendo com que dentro do espaço escolar ele possa desenvolver a apreciação do texto literário.

RESULTADO DA APRESENTAÇÃO DOS CORDÉIS ESCOLHIDOS PELO PESQUISADOR E OFICINA LITERÁRIA PARA PRODUÇÃO DE CORDEL E XILOGRAVURAS



Literatura de Cordel

Realizamos um encontro didático pedagógico, o qual tinha como objetivo preparar uma oficina de intervenção pedagógica para ser desenvolvida no âmbito escolar (Figura 3 e 4). Assim evidenciou-se o envolvimento de outros profissionais na execução do projeto para o bom desenvolvimento do trabalho, incentivando o contato com o cordel aproximando os alunos desse tipo de texto, levando-os a valorização da cultura popular conhecendo sua estrutura.

Na apresentação da proposta, foi informado que a turma ia contar, ler e escrever cordéis selecionados pelo pesquisador. Esse momento inicial destinou-se a compreensão dos cordéis e do estabelecimento pessoal com o gênero e, para isso, foi desenvolvida uma mostra de apresentação com cenário baseado nos cordéis selecionados.

Figura 3 – Decoração utilizada na apresentação da proposta de trabalho para a comunidade escolar.



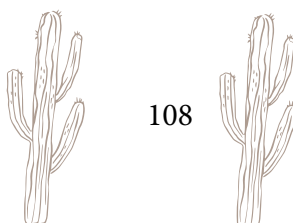
FONTE: Pesquisador (2019).

Figura 4 – Alunos, funcionários e professores no momento da apresentação e apreciação do projeto.



FONTE: Pesquisador (2019).

Nessa primeira aproximação, o professor encenou: utilizando todos os recursos que tornam uma narrativa oral “viva”, isto é, o trabalho de respiração, a entonação, o gestual, a mímica, entre outros, um cordel explicando o motivo da escolha para turma. Após, foi realizado uma socialização com os alunos sobre a apresentação do professor, como também os alunos contaram outras histórias conhecidas.



Literatura de Cordel

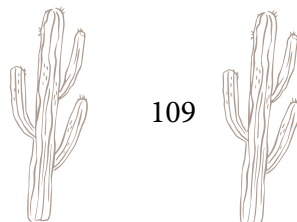
Começamos com uma problematização instigando os alunos a falarem sobre os seus conhecimentos prévios acerca da Literatura de Cordel e a Xilogravura. Para tal, fizemos as perguntas como “Vocês sabem o que é cordel?”; “Vocês sabem o que venha ser uma Xilogravura?”; “Vocês já ouviram um cordel?”; “Conhecem algum cordelista?”; “Já ouviram falar de Patativa do Assaré?”; “Sabem quais são os temas tratados nos cordéis da literatura brasileira?”. Após este momento de problematização, propomos aos alunos que registrassem seus conhecimentos prévios em um cartaz intitulado “O que já sabemos sobre a literatura de cordel” e esclarecemos que, durante as aulas sobre este tema, eles deverão preencher outro cartaz, intitulado “O que aprendemos sobre a literatura de cordel nordestina e seus encantamentos?”.

Para terminar esta etapa inicial, promovemos a exibição do vídeo¹ recomendado. Solicitamos que os alunos fechassem os olhos e desfrutassem da leitura. Distribuímos cópias do cordel lido, promovendo uma leitura coletiva e pedimos aos alunos que tentassem relacionar as características principais de tal texto, observando a estrutura, o vocabulário e o tema tratado. Após a leitura e a análise, promovemos uma discussão acerca das descobertas, que foram registradas no cartaz “O que aprendemos sobre a literatura de cordel”.

Em um segundo momento, dando continuidade à programação temática das atividades programadas para realização da oficina, falamos acerca do assunto. Os alunos participantes, após ouvirem atentamente a explanação sobre o assunto já mencionado anteriormente, iniciaram uma apresentação com a declamação de uma das mais belas modalidades (ou seria uma toada) da cantoria nordestina que é o mote “Mulher nova, bonita e carinhosa / faz o homem gemer sem sentir dor”, magistralmente desenvolvido por Otacílio Guedes Patriota (Otacílio Batista), arranjado por Zé Ramalho e gravado por Amelinha e, em seguida encenaram a narrativa da canção.

Assim evidenciou-se o envolvimento de todos os discentes que estavam presentes na sala de aula da referida escola na execução da oficina e que de certa forma, contribuiu para o bom desenvolvimento do trabalho.

1 Leitura do Cordel: https://www.youtube.com/watch?v=lvf_daKutNI



Literatura de Cordel

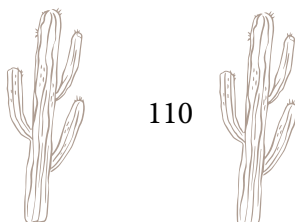
A oficina literária na visão de Mancelos (2010, p. 156) é um “estudo crítico, que transmite e exerce técnicas utilizadas por escritores de diversas épocas, culturas e correntes, para a elaboração de textos literários ou mesmo não literários”. Esta ação teve a duração de 20 horas e as atividades foram desenvolvidas em etapas, onde a primeira constou da leitura dos Cordéis selecionados, partindo do pressuposto que cada educando teve a sua experiência de leitura e contato individual com a materialidade da obra literária, para que pudessem destacar o que mais chamou a sua atenção. As escolhas foram acompanhadas da discussão sobre assuntos e temas transversais que foram abordados ao longo da leitura, na Oficina. Esse planejamento foi importante para atender o objetivo da Oficina, que foi permitir um contato direto com o gênero textual “Cordel”, bem como despertar o educando para a produção literária e para a interpretação textual.

A continuidade dos trabalhos referentes à oficina desenvolveu-se por etapas, onde foi apresentado um cordel para a análise do conhecimento dos discentes em relação a essa leitura. Na sequência, a exposição de vários cordéis, proporcionando um contato direto dos alunos com esta modalidade textual, e, a arrecadação de folhetos na comunidade escolar. Através de textos teóricos apresentamos algumas características da Literatura de Cordel e possibilidades de leitura, além de aspectos teóricos e históricos, bem como a produção dessa poesia.

Como a linguagem cordealista é de fácil compreensão, permite a facilidade na leitura e na interpretação textual. Foram realizadas atividades coletivas que constaram de leituras de cordéis, análise e produção textual. No caso das apresentações, quando compuseram o cenário e figurino dos personagens, os alunos buscaram caracterizar os espaços do ambiente escolar, bem como os sujeitos de maneira estereotipada. A segunda etapa foi o trabalho de leitura dramática do texto para ensiná-los a ler em voz alta, um cordel e torná-lo dinâmico e emocionante a releitura.

A SECA E O INVERNO – Patativa do Assaré²

2 Cordel: https://www.youtube.com/watch?v=lvf_daKutNI



Literatura de Cordel

Na seca inclemente no nosso Nordeste
O sol é mais quente e o céu, mais azul
E o povo se achando sem chão e sem veste
Viaja à procura das terras do Sul

Porém quando chove tudo é riso e festa
O campo e a floresta prometem fartura
Escutam-se as notas alegres e graves
Dos cantos das aves louvando a natura

Alegre esvoaça e gargalha o jacu
Apita a nambu e geme a juriti
E a brisa farfalha por entre os verdes
Beijando os primores do meu Cariri

De noite notamos as graças eternas
Nas lindas lanternas de mil vaga-lumes
Na copa da mata os ramos embalam
E as flores exalam suaves perfumes

Se o dia desponta vem nova alegria
A gente aprecia o mais lindo compasso
Além do balido das lindas ovelhas
Enxames de abelhas zumbindo no espaço



Literatura de Cordel

E o forte caboclo da sua palhoça
No rumo da roça de marcha apressada
Vai cheio de vida sorrindo e contente
Lançar a semente na terra molhada

Das mãos deste bravo caboclo roceiro
Fiel prazenteiro modesto e feliz
É que o ouro branco sai para o processo
Fazer o progresso do nosso país.

É importante destacar que ao ler, o aluno se expõe, assim, o professor deverá:

Colocar [...] ali o seu saber dominando seu prazer, se sua leitura for ato de simpatia tanto para o auditório quanto para o texto e seu autor, se ele conseguir fazer entender a necessidade de escrever despertando nossas mais obscuras necessidades de compreensão, então os livros se abrem largamente, e a multidão daqueles que se acreditavam excluídos da leitura se colocam bem ali atrás dele (PENNAC, 2016, p. 196).

A terceira etapa foi fazer uma pequena apresentação em grupo de um cordel escolhido, extraíndo a parte que achou marcante, para que ocorresse a avaliação dessa socialização pelos educandos e pelo professor. Esta etapa foi fundamental para que o trabalho em grupo pudesse contribuir de forma positiva na produção da Feira Literária de Cordéis e Xilogravura. Já a quarta etapa visou despertar o educando para a escrita, onde tiveram que escrever um cordel de autoria própria ou reproduzir um cordel, partindo de um desfecho diferenciado ou contraproposta do cordel escolhido (Figura 5).

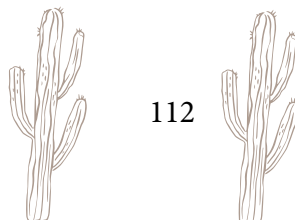
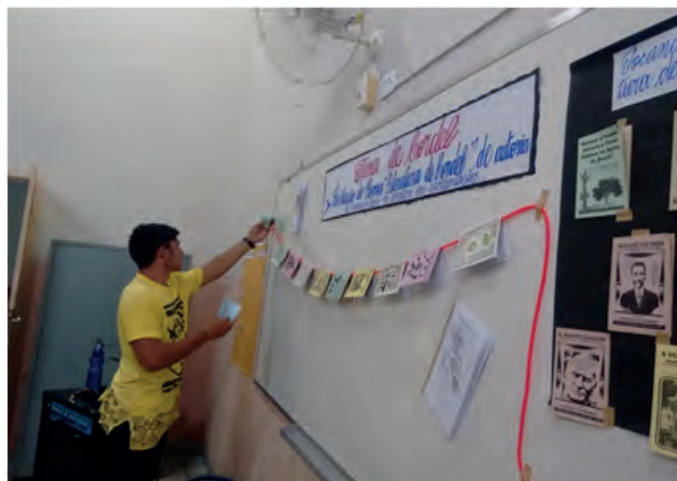


Figura 5 – Exposição dos cordéis produzidos pelos alunos.

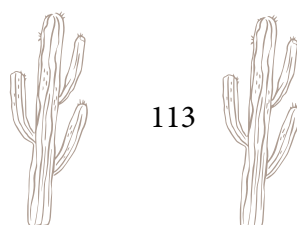


FONTE: Pesquisador (2019).

Os alunos foram convidados a produzir um cordel, cujo tema teve uma relevância social. Trouxemos para a sala jornais e artigos atuais que falavam sobre os problemas enfrentados na atualidade. Discutimos com os alunos qual a abordagem que eles dariam ao cordel. A princípio, pedimos que dividissem em grupos e elaborassem uma estrofe a partir de um problema vivenciado, exemplo: qualidade da educação, saúde pública, transporte, corrupção, saneamento básico, violência, drogas, etc.

Em seguida, começaram a registrar o cordel da turma a partir das colocações dos alunos, incentivamos a adequarem o texto, a melhorarem as rimas, a fazerem substituições, a aperfeiçoarem o que produziram nos grupos. Como um mediador, auxiliamos sem que nossa opinião prevalecesse. Ao terminarem, pedimos aos alunos que fizessem a releitura do cordel mais uma vez e fizessem as mudanças necessárias.

A escrita de um texto é algo provisório e que requer do escritor uma ação recursiva sobre o material que está sendo produzido. A produção escrita de



Literatura de Cordel

textos envolve ações com a linguagem e ações sobre a linguagem. As ações com a linguagem requerem tomar a linguagem como um instrumento por meio do qual as intenções comunicativas do escritor são veiculadas. Por outro lado, as ações sobre a linguagem requerem que o escritor tome o próprio escrito como um objeto de reflexão e análise, alterando-o quando necessário até que fique satisfeito com o produto. Neste cenário teórico, a revisão textual é, sem dúvida, uma instância constitutiva da escrita de textos e não algo externo a ela. (SPINILLO, 2010, p. 89)

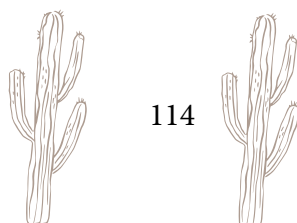
A quarta etapa foi à revisão do cordel produzido pelos educandos, o qual foi socializado com um colega, através de um sorteio, para que pudessem fazer as considerações e sugestões de melhorias. Destaca-se que o pesquisador fez as considerações necessárias em cada produção. A última etapa foi à produção de Cordéis para ser exposta na Feira Literária de Cordéis e Xilogravura.

Para a aprendizagem da arte da xilogravura, realizamos oficina prática e adaptada para que os alunos produzissem suas próprias xilogravuras para ilustrar os cordéis produzidos na etapa anterior. De início, exibimos os vídeos³ recomendados e após a exibição, dividimos a turma em duplas e lançamos o desafio da produção de uma xilogravura e que representasse um dos cordéis já lidos anteriormente. Disponibilizamos os materiais necessários para a execução da tarefa (Figura 6).

As xilogravuras produzidas foram ser expostas na Feira Literária de Cordel e Xilogravura e depois, nas dependências da escola como forma de valorização ao trabalho desenvolvido pelos alunos.

Como educadores que somos não é possível fecharmos os olhos diante da questão da linguagem como “caminho de invenção da cidadania” (FREIRE, 2007, p. 41). Se o homem se constitui via linguagem, não há dúvidas de que a escola é, também, responsável por essa constituição. Por outro lado, se a escrita é uma das principais chaves para a aquisição do conhecimento, ensinar a ler e a es-

3 Como fazer sua própria xilogravura: <https://www.youtube.com/watch?v=4p96AWO5Kgw> e <https://www.youtube.com/watch?v=nrpAjNZ4Ml4>

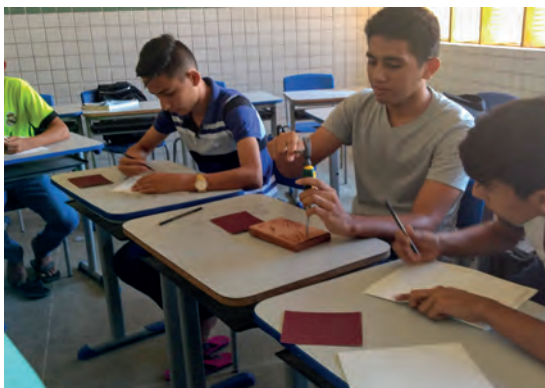


Literatura de Cordel

crever de modo a atender os usos sociais que o mundo letrado requer significa promover a inserção social. Então, quando a escola promove o letramento, ela está, na verdade, promovendo a inclusão social e dando ao aluno condição para o pleno exercício da sua cidadania.

O letramento se torna, nesse contexto, uma “questão de vida” (BOZZA, 2005, p. 249). Para tanto, o currículo escolar deve oferecer um espaço para que as práticas de letramento se operacionalizem. O papel transformador da escola amplia-se cada vez mais nessa era marcada pela competição em que progressos científicos e avanços tecnológicos definem novas exigências para os jovens que ingressarão no mercado de trabalho. Tal realidade exige uma revisão dos currículos escolares e da função da escola no que diz respeito à formação de um ser pleno, permitindo aos jovens ter acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente elaborados e reconhecidos como necessários ao exercício da cidadania.

Figura 6 – Etapas da oficina de xilogravuras.





FONTE: Pesquisador (2019).

Para ser satisfatória em sua missão, a escola deve manter a aprendizagem, a permanência e o sucesso escolar, o que só é possível através do uso legítimo da palavra, em suma, via letramento. Por isso, essa atividade favoreceu a compreensão junto com os professores da língua materna do Ensino Médio como efetivar práticas de letramento no ambiente escolar, valorizando-as como requisito para o exercício da cidadania, através dos diversos gêneros textuais, por exemplo, o cordel.

Considerando o modelo ideológico de letramento, a ancoragem epistemológica da ação docente passou a ser a da perspectiva de língua como objeto social, o que implicou, dentre outras vertentes, teorizações sobre o letramento. Nesse contexto, contudo, é importante que se focalizem dois papéis atribuídos ao professor em sala de aula, o de mediador e o de agente de letramento.

Os papéis e as imagens atribuídas ao professor, segundo Oliveira (2010), são historicamente construídos de acordo com suas ações em sala de aula e tendem a subsidiar o trabalho docente nas práticas pedagógicas. Nesse contexto, de uma imagem de transmissor dos saberes, pautada numa relação autoritária e monovocal, característica do modelo autônomo de letramento, o professor passou a uma imagem de mediador, vinculada a um processo de apropriação do conhecimento.

A imagem do professor como mediador, contudo, apesar de tentar superar a metáfora do co-



nhhecimento transmitido Oliveira (2010), tem sido interpretada de maneira equivocada, tomada como metáfora espacial cotidiana de Kleiman (2006), pois considera a representação social do professor mediador como aquele que está no meio, como um sujeito que tem papel intermediário e não de construção conjunta de conhecimento. Longe de indicar aquele “que exerce um papel intermediário entre dois interessados numa negociação, naquele que arbitra” (KLEIMAN, 2006, p. 80), tal conceito se vincula às concepções de Vygotsky sobre a consideração da linguagem como instrumento psicológico de mediação simbólica, mais especificamente sobre a importância da interação para o processo de desenvolvimento das funções superiores dos alunos e para a construção do conhecimento.

Surge, assim, a necessidade de o professor agir como um agente de letramento conforme Kleiman (2006), ou seja, como mobilizador de conhecimentos prévios, de estratégias e de recursos necessários para a inserção dos alunos em práticas sociais de letramento em contexto escolar, além de facultar-lhes a participação nas práticas sociais de uso situado da escrita. Nesse caso, o professor afasta-se da concepção de reproduzidor de conhecimento e da relação hierarquizante em sala de aula, vinculadas ao modelo autônomo de letramento (SOARES, 2006).

REALIZAÇÃO DA FEIRA LITERÁRIA DE CORDEL E XILOGRAVURA

A prática da feira é uma estratégia de instigar os alunos a ter um conhecimento abrangente com base na leitura e oportuniza o uso da linguagem em diversas situações, valorizando e aperfeiçoando a oralidade, além de despertar no aluno o gosto pela leitura e pela escrita.

Não há dúvidas de que, na sociedade em que vivemos, urge a necessidade de que essa dicotomia apontada por Freire deixe de existir e que o letramento seja um direito de todos. Somente quando a leitura da palavra ensinada na escola fizer sentido para o aluno e encontrar sentido em sua leitura de mundo teremos resultados mais favoráveis no diz respeito ao ensino da língua materna no Brasil. Somente quando isso acontecer, teremos cidadãos mais aptos de usarem a palavra como instrumento de



transformação social rumo a uma sociedade que faça ouvir a voz daquele que constrói a sua história e pouco espaço tem para gozar dos seus bens: o povo.

Nessa perspectiva, as práticas de letramento estarão mergulhadas no emaranhado de relações nas quais o aluno está inserido, fazendo parte do seu contexto social vivido e pressupondo uma visão sobre o que é linguagem verbal. Partindo da premissa de que a unidade básica da linguagem verbal é o texto, o aluno do Ensino Médio deve, por excelência, ser considerado um produtor de textos “aquele que pode ser entendido pelos textos que produz e que o constituem como ser humano. O texto só existe na sociedade e é produto de uma história social e cultural, único em cada contexto (...) o homem visto como um texto que constrói textos” (BRASIL, 2002, p. 139).

Uma das atividades que contemplam esse perfil de trabalho com a linguagem, favorecendo o letramento na escola é, sem dúvida, o trabalho com literatura de cordel em sala de aula. Além de colocar o aluno com uma gama de informações sobre o contexto sócio-político-cultural da sua região, permitindo que ele desenvolva sua capacidade de interação com o lido e conheça diversas formas de expressar o mesmo assunto, além de permitir que ele consiga emitir juízos de valor sobre sua realidade com mais consistência.

Segundo Tennina (2013, p. 11) “a palavra sarau não é recente. Diversas músicas, romances, cartas, crônicas e memórias do século XIX, da Europa e da América, fazem referência a essas luxuosas reuniões de amigos”. Assim, a realização da feira literária nas escolas permite uma educação cidadã através da literatura, como defende Candido (2017, p. 153), “a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação”.

A Figura 7 mostra alunos apresentando os cordéis produzidos nas oficinas realizadas. Nessa ação o educando tornou-se agente ativo da pesquisa, onde junto ao pesquisador, planejou uma programação para a realização da Feira Literária de Cordel e Xilogravuras. Dessa forma, o que foi produzido nas oficinas foi apresentado nesse evento, abaixo segue alguns exemplos da produção confeccionada e exposta (Figura 8, 9 e 10), e em anexo (Anexo A) estão às produções na íntegra.

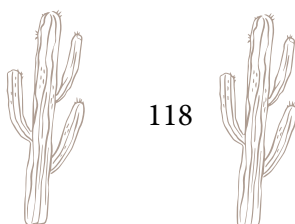


Figura 7 – Alunos recitando os cordéis produzidos na oficina.



FONTE: Pesquisador (2019).

Se queremos que nossos alunos do Ensino Médio sejam leitores proficientes e autores de variados tipos de textos, precisamos muni-los de instrumentos necessários para tal. O letramento dos



Literatura de Cordel

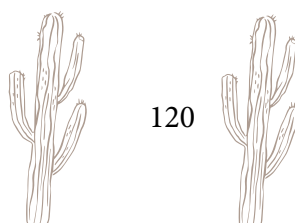
educandos que concluem a educação básica pressupõe o domínio dos diversos gêneros do discurso. Assim, o trabalho com esses gêneros na sala de aula é requisito para um consistente ensino da língua materna. Com certeza os alunos que mostram pouca habilidade nos testes e exames sobre o ensino da língua materna e letramento apresentam dificuldades em diferenciar os gêneros e utilizá-los.

Figura 8 – Ilustrações produzidas na oficina – Aluno 1.



FONTE: Pesquisador (2019).

Figura 9 – Ilustrações produzidas na oficina – Aluno 2.



Nasci aos pés da cruz,
Da padra de Terralino,
Bateo tem 38 anos
Mas, ainda é menino!

O Bateo é deslumbrante,
Juro posso afirmar!
Mas numa terra encantada,
Que aparece quem precisa.

Os deuses não são,
Os deuses não são,
Se eu não sou mais um
Dentro desta mão de



FONTE: Pesquisador (2019).

Figura 10 – Ilustrações produzidas na oficina – Aluno 3.



FONTE: Pesquisador (2019).

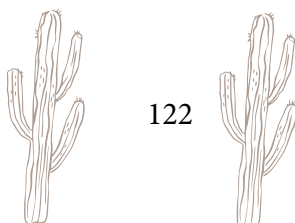
Para encerrarmos os trabalhos da oficina, decidimos conjuntamente fazer a culminância com algumas apresentações de narrativas cordealísticas. Os discentes envolvidos foram auxiliados por outros professores, no caso da arrumação do cenário, uma professora de artes, bem como o pessoal da secretaria da referida escola.

Dentre os cordéis escolhidos, citamos: *Literatura de Cordel, Bem-vindo à Paraíba*, ambos de Francisco Diniz, que conceitua essa arte poética, e por fim o *Cordel Confissão de Caboclo*, de Zé da Luz, que apresenta uma narrativa encantadora, cuja mensagem central é a importância do ato de aprender a ler (Figura 11, 12, 13 e 14).

O ensino da língua irá ao encontro de uma leitura crítica da palavra, pois não se reduz à simples utilização de gramáticas, livros didáticos e dicionários, com conteúdos engessados e programados, direcionados para uma aula-monólogo onde apenas o professor fala e os alunos recebem, como se fossem depósitos vazios e o ensino gramatical é um fim em si mesmo. Sobre isso, Freire (2007) nos indica um caminho quando afirma que

A regência verbal, a sintaxe de concordância, o problema da crase, o sincretismo pronominal, nada disso era reduzido por mim a tabletes de conhecimentos que devessem ser engolidos pelos estudantes. Tudo isso, contrário, era proposto curiosidade dos alunos de maneira dinâmica e viva, no corpo mesmo dos textos, ora de autores que estudávamos, ora deles próprios, como objetos a serem desvelados e não como algo parado, cujo perfil eu descrevesse. (FREIRE, 2007, p. 16)

Essa leitura crítica da palavra proposta aqui pressupõe uma relação dialógica da palavra, compreendendo o ensino da língua como processo, sempre relacionado ao ato de descoberta do aluno.



Literatura de Cordel

Privilegia a ação discursiva, o texto e a palavra do aluno no lugar de palavras e noções gramaticais fragmentadas. Objetiva um aluno crítico, cuja linguagem é instrumento não só de interação, mas de transformação social.

Figura 11 – Declamação do poema literário “Bem-vindo à Paraíba”.



FONTE: Pesquisador (2019).

Figura 12 - Encenação do cordel “Confissão de Caboclo”, de Zé da Luz.



123





FONTE: Pesquisador (2019).

Figura 13 – Xilogravuras feitas pelos alunos.



FONTE: Pesquisador (2019).

Figura 14 – Cordéis e Xilogravuras produzidas.



FONTE: Pesquisador (2019).

A IMPORTÂNCIA DA PRODUÇÃO LITERÁRIA DE CORDEL E XILOGRAVURA SEGUNDO OS ALUNOS (AS) PESQUISADOS

Após a realização da Feira Literária de Cordel e Xilogravuras foi feita uma avaliação com os alunos para saber se o gênero cordel foi uma estratégia eficiente para incentivar a leitura, a escrita e a interpretação textual. Para tanto, foi aplicado um questionário (Apêndice 1), contendo questões obje-



tivas e subjetivas. De acordo com Oliveira (2016, p. 23) “o questionário é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador”. E entre os objetivos elencados pelo autor encontram-se:

Atinge maior número de pessoas simultaneamente; Obtém respostas mais rápidas e mais precisas; [...] Há maior liberdade nas respostas, em razão do anonimato. Há mais segurança, pelo fato de as respostas não serem identificadas. Há menos risco de distorção, pela não influência do pesquisador. [...] Há mais uniformidade na avaliação, em virtude da natureza impessoal do instrumento (OLIVEIRA, 2016, p. 08).

Acostumados ao olhar da literatura tida como erudita, os sujeitos envolvidos no desenvolvimento desta oficina, apesar de pouca familiaridade com este tipo de gênero textual, não demonstraram dificuldade para reconhecer no cordel elementos que permitem a sua classificação como representante da literatura e da poesia brasileira, que abarca para além dos tidos como grandes nomes da literatura brasileira, os poetas populares, que através de seus versos cantam e contam, principalmente, a alma do povo nordestino, e por que não dizer, do povo paraibano, em especial.

Para esta avaliação elaboramos um questionário para que os alunos participantes das oficinas pudessem avaliar o que foi realizado, para termos a devolutiva do que planejamos para a etapa das oficinas. No quadro 02, temos a percepção de qual foi a contribuição da Feira Literária para os participantes 57% disseram que a temática da feira foi excelente, 38% foi adequada e 5% achou razoável; quantos aos objetivos 44% disseram que foram alcançados de forma excelente durante o evento, 39% de forma adequada e 17% de forma razoável. De acordo com a impressão em relação à Feira 50% tiveram uma excelente impressão, 31% adequada e para 19% foi razoável; 35% acharam adequado e 10% diz ter sido razoável.



Literatura de Cordel

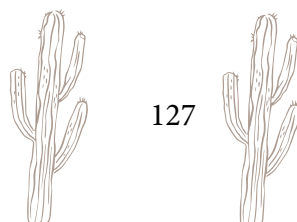
A leitura do texto literário constitui uma atividade sintetizadora, permitindo ao indivíduo penetrar o âmbito da alteridade sem perder de vista sua subjetividade e história. O leitor não esquece suas próprias dimensões, mas expande as fronteiras do conhecido, que absorve através da imaginação e decifra por meio do intelecto. Por isso, trata-se também de uma atividade bastante completa, raramente substituída por outra, mesmo as de ordem existencial. Essas têm seu sentido aumentado, quando contrapostas às vivências transmitidas pelo texto, de modo que o leitor tende a se enriquecer graças ao seu consumo (ZILBERMAN, 2009, p. 17).

Candido (2017) ressalta que a literatura tem uma função social e uma função psicológica. Todo ser humano em algum momento de sua vida necessita da fantasia e a literatura vem suprir essas necessidades de variadas formas como o conto, a parlenda e o cordel.

Quanto ao cumprimento do cronograma do evento, o Quadro 2 mostra que 52% acham ter sido excelente, 34% adequado ao que foi estimado e 14% acredita ter sido razoável; o conteúdo trabalhado para 53% foi excelente, 35% foi adequado, 10% foi razoável e 2% acharam insuficiente. As produções de cordéis e xilogravuras realizadas durante as oficinas foram excelentes para 79%, adequadas para 19% e apenas 1% achou insuficiente.

Para Fonseca (2014, p. 56) “um evento literário que ocorre no espaço escolar é diferente de outros que ocorrem em outros espaços da cidade, justamente porque a escola tem um papel formativo que deve prevalecer”. Dessa forma, acredita-se que a reflexão e análise dos efeitos de uma Feira de Literária no espaço escolar é um campo teórico a ser potencialmente explorado e aplicado com mérito como estratégia de formação de leitores, pela perspectiva do letramento literário.

De acordo com a exposição e as apresentações feitas 68% acharam excelentes, 18% acharam adequadas e 14% acharam razoáveis, demonstrados no Quadro 2, assim como, a metodologia utiliza-



Literatura de Cordel

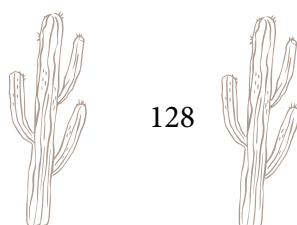
da para 47% foi excelente, 39% acharam adequadas e 14% acharam razoáveis para o que foi proposto. A organização do ambiente para realização do evento foi para 40% excelente, para 39% adequada e para 21% foi razoável. Quanto a participação da comunidade escolar na Feira Literária, 68% acharam excelentes, 18% adequada, 11% razoável e 2% achou insuficiente.

Para Candido (2017) a obra literária atua em nosso subconsciente de forma que não percebemos trazendo situações que nos remetem ao pensar sobre, a criar caminho de superação a reavaliar nossas atitudes. Situações que nos leva a um crescimento enquanto pessoa humana.

Sobre o nível de aprendizagem pessoal através da Feira Literária, 30% acharam que foi excelente, 38% acharam adequada, 30% acredita ter sido razoável e 2% achou insuficiente. Entendemos que o ensino da Literatura no Ensino Médio é desafiado a se ajustar a um novo contexto e ao aparecimento de um perfil de estudante pertencente agora à uma sociedade que baseia seu funcionamento no uso dinâmico e variado da linguagem, com a presença constante dos meios de comunicação e implantação de novas tecnologias. Sabemos da importância do texto literário na escola para a formação de sujeitos críticos e reflexivos, “uma vez que pela leitura temos acesso a novas ideias, novas concepções de mundo, das pessoas, da intervenção dos grupos em nosso meio social” (CANDIDO, 2017, p. 41).

Reconhecemos que, em muitos casos, a relação entre o indivíduo e a leitura literária não é incentivada na família, pensando mais especificamente nos alunos ingressantes no ensino médio, em especial aqueles que não apresentam um repertório significativo de leitura, a escola passa a ser o espaço fundamental para esse processo de formação de leitor, ainda que tardio.

Quadro 2 – Avaliação das atividades desenvolvidas na Feira Literária de Cordel e Xilogravuras



Atividades Desenvolvidas	FREQUÊNCIA							
	Excelente	%	Adequado	%	Razoável	%	Insuficiente	%
Temática da Feira Literária	16	57%	11	38%	02	2%	-	-
Os objetivos da Feira foram alcançados	13	44%	12	39%	04	17%	-	-
Sua impressão com relação a esta Feira Literária	14	50%	09	31%	06	19%	-	-
Cumprimento do cronograma da programação da Feira Literária	15	52%	10	34%	04	14%	-	-
Conteúdo (s) trabalhado (s) na Feira Literária	15	53%	10	35%	03	10%	01	2%
Produção de cordéis e xilogravuras	23	79%	05	19%	-	-	01	2%
Exposição e Apresentação dos cordéis e xilogravuras	19	68%	06	18%	04	14%	-	-
Metodologia utilizada pelos alunos apresentadores dos cordéis e xilogravuras	13	47%	12	39%	04	14%	-	-
Organização do ambiente de realização da Feira Literária	12	40%	11	39%	06	21%	-	-
Participação da comunidade escolar na Feira	19	68%	06	18%	03	11%	01	2%
Seu nível de aprendizagem na Feira Literária	09	30%	10	38%	09	30%	01	2%

FONTE: Dados da pesquisa (2019).

O exemplo de literatura representado pelo poema de cordel promove a curiosidade, primeiramente, e também proporciona o despertar para a leitura literária de forma prazerosa, fazendo com



que a compreensão da linguagem da poesia e dos seus sentidos seja construída num contexto de acolhimento.

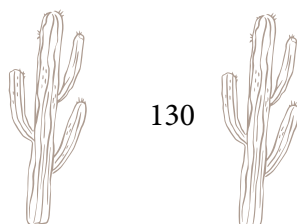
O quadro 3 demonstra a opinião dos alunos sobre o que não sabiam antes da realização da Feira Literária de Cordéis e Xilogravuras, destacamos o que diz A1 “os métodos para produzir um cordel dentro dos parâmetros sugeridos e também como esculpir os desenhos das xilogravuras na madeira e os meios de pintura e manuseio das ferramentas”, demonstrando assim que é de grande importância esse tipo de atividade sendo realizada na escola. A maioria (85%) diz que não sabia o que eram xilogravuras simplesmente, e outros não querem comentar, o que é natural da idade.

As xilogravuras são feitas pela impressão (sobre o papel ou outro suporte) de uma matriz em madeira. Por sua vez sua aparente simplicidade, a xilografia é a mais espontânea das técnicas gráficas. Da simplicidade, porém, ela permite nascer uma formidável riqueza em arte, dotada de encantos sem fim. (COSTELLA, 2015, p. 51)

A xilogravura tecnicamente é uma das práticas mais antiga que se conhece para gravação de imagens, ou seja, produzir gravuras é de extrema simplicidade, talvez isso explique sua utilização até os dias de hoje, pelo fato de não haver necessidade de qualquer interferência tecnológica na sua produção. É uma arte criada por mãos cheias de calos, feito às vezes pela enxada, pela foice e o facão, de trabalhadores, artesãos e artistas autodidatas, o que não impede que a criação artística brote de forma brilhante nos sertanejos, muito pelo contrário, é a mais genuína expressão da arte.

Destacamos no Quadro 3, que A14 e A16 não respondeu a questão, o que pode ser devido à falta de interesse ou apenas se recusou a dar sua resposta. Apenas 03 responderam que já sabiam o que era cordel e xilogravura (A13, A17 e A19), aprenderam em aulas anteriores de séries menores.

Quadro 3 – Opinião dos alunos sobre o que não sabiam antes da feira literária.



Alunos	Respostas
A1	<i>“os métodos para produzir um cordel dentro dos parâmetros sugeridos e também como esculpir os desenhos das xilogravuras na madeira e os meios de pintura e manuseio das ferramentas”</i>
A2, A3, A4, A5, A6, A7, A8, A9, A10, A11, A12, A15, A18, A20, A21, A22, A23, A24, A25, A26, A27, A28 e A29	<i>“não sabia como fazer xilogravuras em tábuas e em papéis emborrachados”</i> <i>“eu não sabia o que era xilogravura e como era feita essa técnica”</i> <i>“como produzir cordéis e como fazer xilogravuras”</i>
A13, A17 e A19	<i>“eu já sabia de cordéis e xilogravuras” “já sabia de tudo, pois já trabalhei isso no 6º ano” “eu já sabia o que era, estudei muito antes no ensino fundamental”</i>
A14 e A16	<i>Não responderam</i>

FONTE: Dados da pesquisa (2019).

No quadro 4, apontamos a opinião dos alunos sobre o que aprenderam depois da Feira Literária de Cordéis e Xilogravuras, onde destacamos A24 que fala “a história da minha cidade, a cultura da xilogravura como até ganhar dinheiro se me empenhar e a produzir lindos cordéis”. Sendo de extrema importância o trabalho com a história local e de sua cultura para construção do indivíduo.

É cada vez maior o número de imagens que nos deparamos a todo instante nos meios de comunicação e ao nosso redor, os mais variados fins, imagens de entretenimento, de consumo e, até mesmo as institucionais. Essas imagens acabam tornando-se reais para adultos e crianças na elaboração de seus imaginários e construções de seus sentimentos. (COSTELLA, 2015, p. 72)



Por isso a importância de trabalhar com os alunos cada vez mais aproximação entre imagens-cultura visual-cultura-identidade para poder entender, como a visualidade interfere e importa em suas vidas. Destacamos no Quadro 4, que A16 e A18 não responderam, e também fazemos destaque para 07 alunos que dizem não terem aprendido nada ou não tem nada a comentar (A5, A7, A10, A12, A15, A17 e A19), onde informamos ser alunos sem motivação para estudo, mas que participaram ativamente do desenrolar das oficinas, produzindo xilogravuras de grande qualidade.

Os alunos A3, A4, A6, A11, A13 e A26, responderam quase a mesma coisa o que nos mostra que foi de grande valia os ensinamentos sobre o que é cordel e xilogravura e como fazê-los, transformando a aula em momento divertido e enriquecedor para o currículo do aluno e vivência de sua cultura.

Para o conceito de cordel e xilogravura como representação da cultura, os alunos A21, A22, A23, A24, A25, A27, A28 e A29, responderam destacando a importância desse gênero para a representatividade da cultura do local, assim como para o resgate da história da cidade e de seus habitantes.

Quadro 4 – Opinião dos alunos sobre o que aprenderam depois da feira literária.

Alunos	Respostas
A1	<i>"a história de nossa região e também do Nordeste, como produzir os cordéis de forma que fiquem legíveis"</i>
A2	<i>"aprendi a fazer xilogravuras em tábuas e em papéis emborrachados e também os materiais necessários"</i>
A3, A4, A6, A11, A13, A26	<i>"o que é cordel e xilogravura e nossa cultura"</i> <i>"aprendi xilografia esculpir as coisas"</i> <i>"um pouco mais de cordéis e xilogravuras"</i> <i>"a fazer cordéis e a entender como se faz"</i>
A5, A7, A10, A12, A15, A17 e A19	<i>"nada há comentar"</i> <i>"nada não"</i> <i>"quase nada, eu já sabia de tudo"</i>



A8	<i>"que tem coisas que podemos fazer com coisas que são necessários e aprendi mais sobre os tipos de xilogravuras"</i>
A9	<i>"aprendi a dar mais valor a nossa cidade e ao seus pontos turísticos"</i>
A14	<i>"aprendi um pouco mais sobre Brejo"</i>
A16 e A18	<i>Não responderam nada</i>
A20	<i>"eu aprendi que xilogravuras era imagens que eu não sabia o que era e sim achei muito interessante"</i>
A21, A22, A23, A24, A25, A27, A28 e A29	<i>"que cordéis e xilogravuras é cultura, arte e aprendizagem"</i> <i>"que cordéis e xilogravuras é cultura, nossa cultura que cada vez mais se espalha"</i> <i>"que cordéis e xilogravuras é cultura, é arte e conhecemos mais sobre nossa terra"</i> <i>"a história da minha cidade, a cultura da xilogravura como até ganhar dinheiro se me empenhar e a produzir lindos cordéis"</i> <i>"que tanto cordel e xilogravuras é cultura e aprendizagem para geração futura"</i> <i>"aprendi o que era xilogravura e qual era a importância delas no cordel"</i> <i>"aprendi o quanto é importante e representativo a xilogravura no cordel"</i> <i>"o quanto o nosso nordeste é importante e muito sobre as pinturas do cordel"</i>

FONTE: Dados da pesquisa (2019).

Hernández (2016) destaca a importância da cultura visual como mediadora do nosso olhar sobre o mundo e assim usar as experiências como meios artísticos. O autor ainda afirma que vivemos em um mundo visualmente complexo, portanto devemos usar todas as formas de comunicação possíveis, mediando aos alunos à linguagem das imagens. Aprender a linguagem das imagens é tão importante quanto a linguagem escrita e o aluno precisa perceber essas representações visuais, cabendo à escola propor esse aprendizado sobre os estudos da cultura visual.

O quadro 5 destaca os comentários sobre a Feira Literária de Cordéis e Xilogravuras, sendo muito importante para a avaliação do que foi planejado e realizado, contendo informações para a con-



Literatura de Cordel

tinuidade do trabalho na escola. A aprendizagem significativa é o objetivo do projeto por criar uma motivação entre os alunos possibilitando a oportunidade de trabalharem com autonomia.

Os professores e alunos são parceiros no ensino-aprendizagem, pois relacionam os conteúdos e objetivos às situações de aprendizagens para o grupo. Os projetos também são propícios à abordagem as formas artísticas que não foram eleitas no currículo daquele ciclo, mas cabe a escola e aos professores darem a oportunidade de liberdade e autonomia cognitiva aos alunos.

Os alunos A2, A3, A4, A5, A6, A7, A8, A9, A11, A17, A18 e A19 não comentaram ou responderam “nada a comentar”, o que denota apenas falta de interesse ou de motivação para responder, mas que participaram ativamente das oficinas. Destacamos que os alunos A10, A12, A13 e A27 disseram que as oficinas foram boas demais e muito interessantes, deixando claro que houve ludicidade no desenvolvimento e com isso, tivemos aprimoramento de conhecimentos e desenvolvimento das habilidades propostas para alunos do Ensino Médio.

Quadro 5 – Comentários sobre a Feira Literária de Cordéis e Xilogravuras.

Alunos	Respostas
A1	<i>“na culminância realizada descobrimos novos talentos nas artes do cordel e da xilogravura, também foi mostrado a cultura nordestina e seus pontos que marcaram a história”</i>
A2, A3, A4, A5, A6, A7, A8, A9, A11, A17, A18, A19	<i>Não comentaram ou responderam nada a comentar</i>
A3	<i>“as paletas muito ensinamento”</i>
A10, A12, A13, A27	<i>“bom demais” “muito bom” “foi bastante interessante”</i>
A14	<i>“foi uma feira boa e deu pra aprender bastante”</i>



A15	<i>"foi legal, os alunos participaram das coisas e não ficaram quietos, eles foram diretamente no ponto, tudo de acordo com o cronograma"</i>
A19	<i>"gostei muito das xilogravuras e dos cordéis, ficou excelente"</i>
A20	<i>"a apresentação dos professores foi ótima explicou muito bem e ensinando como se faz. Eu queria muito mais da Feira de cordéis o assunto é ótimo"</i>
A21	<i>"foi um grande momento em nossa escola, onde descobrimos vários alunos super talentosos e aprendemos várias coisas sobre cordéis e xilogravuras"</i>
A22	<i>"foi um momento lindo e de muito aprendizagem, onde se foi descoberto muitos jovens talentosos"</i>
A23	<i>"foi um momento lindo, onde se descobriu jovens talentosos e com bastante dom para seguir recitando cordéis e elaborando xilogravuras"</i>
A24	<i>"muito bem apresentado, acho que deveria ter acontecido antes e mais vezes, que as apresentações de cordéis foram maravilhosas e encantadoras, um momento único onde foram descobertos muitos talentos para a literatura"</i>
A25	<i>"foi bom tanto aprendendo sobre uma cultura do nordeste e de alguns, tem como trabalhar esculturas em madeira"</i>
A26	<i>"ficou muito bom, as imagens ficaram muito boas, foi muito lindo"</i>
A28	<i>"foi bastante produtivo e tive a oportunidade de participar inteiramente desse projeto, aprendendo coisas novas"</i>
A29	<i>"foi uma feira bastante produtiva e nela, aprendemos coisas que nem sabia sobre o cordel e a xilogravura"</i>

FONTE: Dados da pesquisa (2019).

A literatura de cordel e o seu convívio em sala de aula, com a forma erudita da poesia traz importantes contribuições para a formação do leitor, observando o letramento literário, essa sugestão de trabalho oferece a liberdade para que mediadores e leitores interajam numa crescente busca de consolidação da compreensão do texto literário.

Por fim, podemos perceber que a realização dessa oficina representou mais um exemplo de como podemos realizar o letramento literário e com isso valorizar a nossa cultura, seja erudita ou



Literatura de Cordel

popular. O essencial é respeitar o direito que os alunos têm de exercer sua participação nas práticas de leituras planejadas pela escola. Esse tipo de atividade com Oficina enseja uma perspectiva de contribuição aos profissionais que consideram a formação leitora do educando como algo relevante para o pleno exercício de sua cidadania.



Capítulo

4

**PERCURSO METODOLÓ-
GICO DA PESQUISA**



Literatura de Cordel

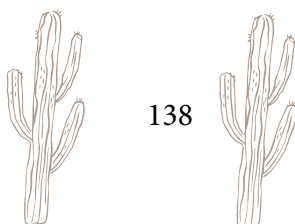
A ideia de valorizar a cultura popular esteve presente na escolha deste tema porque vivenciamos realidades diferentes durante a prática pedagógica na Escola Professor José Olímpio Maia na cidade de Brejo do Cruz-PB, campo da pesquisa. Procurou-se compreender a função social da Literatura de Cordel que independentemente da temática escolhida, atua como veículo de propagação de valores culturais tradicionais pertinentes ao povo de uma região através de oficinas que foram realizadas na escola com os alunos sujeitos da pesquisa.

Através de questionários destacamos as práticas pedagógicas dos professores no que diz respeito às práticas pedagógicas de leitura literária e letramento do gênero textual Cordel que pode contribuir para a formação leitora e crítica dos alunos. O que pudemos perceber, é que as práticas de ensino de literatura no Ensino Médio são as mesmas há mais de um século, e dentro desse ciclo fica o professor amarrado aos autores do livro e a alguns manuais didáticos. O ensino de literatura ficou reduzido à descrição de obras, autores e estilos de época.

Esse tipo de metodologia serve para que possamos refletir melhor não só com a nossa atuação enquanto educadores, mas também que o medo de inovar por vezes está presente, e se desejamos mudanças deve partir de nós, com dedicação e criatividade, visando superar nossos medos, buscar a superação de nossos alunos e instigá-los no ato da criação, pois o Cordel nos proporciona infinitas possibilidades de criação e conhecimento, de maneira muito agradável, fugindo das aulas não muito contextualizadas com o histórico social do aluno e das metodologias tradicionais. Diversificar, transformar, e inovar devem estar presentes em nossos dia-a-dia como formadores do desenvolvimento conhecimento de nossos alunos.

As oficinas e a Feira Literária de Cordéis e Xilogravuras foi uma forma agradável de dar o primeiro passo a essas mudanças, mas é bom ressaltar que a escola onde desenvolvemos a pesquisa é tida como referência em educação, e que, diga-se de passagem, é nordestina e nem sempre faz uso da sua cultura e de seu folclore com a importância que deveria ter.

O destaque da produção literária de cordel e xilogravura é a facilidade de apreensão da



Literatura de Cordel

linguagem de forma diversificada e até mesmo lúdica, onde o aluno passa a ser protagonista de sua aprendizagem e seu desenvolvimento parte de seu próprio crescimento na leitura e na escrita, favorecido pelo letramento, importante fator para o crescimento de um cidadão crítico e reflexivo.

No desenvolvimento de nosso trabalho, constatamos que a prática de ensino e o ensino são grandes desafios, para novas metodologias que possam tornar as aulas de leitura e produção textual menos enfadonha, bem como a utilização de novos meios para tornar o ensino aprendizagem uma atividade de várias funções e de conhecimentos, para o aluno e para o professor, enfocando a prática da leitura e do letramento. Observamos que não é comum a utilização do gênero textual Cordel em sala de aula, é ainda muito pouco utilizado para o espaço que temos durante as aulas de literatura e produção textual. Ao analisar o projeto que fora desenvolvido na escola da qual fizemos a pesquisa, foi notado a satisfação não só da parte das professoras, mas a satisfação também demonstrada no seu desenvolvimento, dos alunos durante as atividades, diante dessas práticas de leitura e letramento tão enriquecedoras.

E por fim, trabalhar com a Literatura de Cordel em sala de aula, mais propriamente nas aulas de literatura e produção textual, deve fazer parte dos projetos de educadores com o intuito de tornar as aulas agradáveis durante a formação de nossos educandos visando torná-los pensadores, através dessas práticas de leitura e letramento que proporcionem ao aluno, momento de agradável aprendizagem.





REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



Literatura de Cordel

ABREU, M. *Cultura Letrada: Literatura e leitura*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

ALMEIDA, M. S. P. *Literatura e ensino: perspectivas metodológicas*. IN: *Rios Eletrônica. Revista Científica da a Faculdade Sete de Setembro*. ano 8, n. 8. Paulo Afonso, BA: FASETE, 2014.

ALVES, J. H. P. *O que ler? Por quê? A literatura e seu ensino*. IN: *Memórias da Borborema 4 – Discutindo a literatura e seu ensino*. São Paulo: Parábola, 2013, p. 36-49.

ANTUNES, I. *O território das palavras: estudo do léxico em sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

BAKHTIN, M. M. *Os gêneros do discurso*. IN: *Estética da criação verbal*. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

BARROSO, H. *Cordel: uma poética da oralidade e do riso*. IN: *Mesa Redonda - “Folhetos de Cordel, memória e percursos”*, organização IELT/Memória Imaterial. 20’20” Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=54uo3rXiOYI>>. Acesso em 24 de outubro de 2019.

ASSARÉ, P. do. *Patativa do Assaré: uma voz do Nordeste*. Disponível em: <<http://www.ufmg.br/copeve/vest2006/livros.htm>> Acesso em 15 de setembro de 2019.

BAKHTIN, M. M. *Os gêneros do discurso*. IN: *Estética da criação verbal*. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

BAZERMAN, C. *Gêneros Textuais, Tipificação e Interação*. Ângela Paiva Dionísio, Judith Chambliss



Literatura de Cordel

Hoffnagel (orgs.). Revisão técnica Ana Regina Vieira et al. São Paulo, SP / Cortez Editora, 2016.

BRANDÃO, A. Crime e castigo no cordel: (crime e pena no folheto de cordel e no romanceiro folclórico do Brasil). Rio de Janeiro: Presença, 2003.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9394 de 20 de Dezembro de 1996.

_____. Base Nacional Comum Curricular – Documento preliminar. MEC. Brasília, DF, 2017.

_____. Orientações curriculares para o Ensino Médio. Secretaria de Educação Básica. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. (volume 1).

_____. Constituição da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Corporate author: UNESCO Office in Brasília, 2002.

CAGLIARI, L. C. Alfabetização e Linguística. 10a ed. São Paulo: Scipione, 1997.

CAMPOS, G. W. de S. Apoio matricial e equipe de referência: uma metodologia para gestão de trabalho interdisciplinar. Caderno Saúde Pública. Rio de Janeiro, v.29, n.11, 2015.

CANDIDO, A. O direito da literatura. 8ª edição rev. e ampl. São Paulo: Duas Cidades, 2017.



Literatura de Cordel

_____. Formação da literatura brasileira: momentos decisivos. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2012.

CARVALHO, G. Xilogravura: doze escritos na madeira. Fortaleza: Editora do Museu do Ceará, 1995.

_____. Desenho gráfico popular. São Paulo: Cadernos do IEB, 2000.

_____. Xilogravura: os percursos da criação popular. IN: Revista do IEB, n.39. 2001.

CASCUDO, L. da Câmara. Contos tradicionais do Brasil. 13. ed. São Paulo: Global, 2004.

_____. Vaqueiros e cantadores. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1993.

CHIAPPINI, L. Reinvenção da catedral: língua, literatura, comunicação: novas tecnologias e políticas de ensino. São Paulo: Cortez, 2005.

CHIZZOTTI, A. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. Revista Portuguesa de Educação. Braga-PT, v. 16, n. 2, p. 221-236, 2003.

COELHO, N. N. O ensino da literatura. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

_____. Literatura infantil: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2011.

COLOMER, T. Andar entre livros: a leitura literária na escola. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global. 2007.



Literatura de Cordel

COSSON, R. Letramento literário: teoria e prática. 2ed, 1ª reimpressão. São Paulo: 2011.

_____. Círculos de leitura e letramento literário. São Paulo: Contexto, 2014.

COSTA, R. M. da S. Cultura popular, linguagens artísticas e educação. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação a Distância, 2008.

COSTELLA, A. F. Breve história ilustrada da xilogravura. 3ª edição. Editora Mantiqueira, Campos do Jordão-SP, 2015.

DIÉGUES JÚNIOR, M. Ciclos temáticos na Literatura de cordel. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2012.

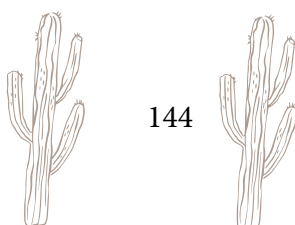
DIEHL, A. A; TATIM, D. C. Pesquisa em ciências sociais aplicadas: métodos e técnicas. São Paulo: Pearson - Prentice Hall, 2004.

DIONÍSIO, A. P. (org.). Multimodalidades e leituras: funcionamento cognitivo, recursos semióticos, convenções visuais. Recife: Pipa Comunicação, 2012.

FONSECA, V. Introdução às Dificuldades de Aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2014.

FOUCAULT, MI. A Arqueologia do Saber. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

FILIPOUSKI, A. M. R; MARCHI, D. M. A formação do leitor jovem: temas e gêneros da leitura. Erechim, RS: Edelbra, 2009.



Literatura de Cordel

FREIRE, P. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 39 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho D'Água, 1997.

GALVÃO, A. M. de O. Ler/ouvir folhetos de cordel em Pernambuco (1930-1950). Belo Horizonte: Biblioteca Digital UFMG, 2015. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/FAEC-84NPAE>. Acesso em 27 de julho de 2019.

_____. Cordel: leitores e ouvintes. Belo Horizonte: Autêntica. 2015.

GHEDIN, E. (orgs.) Professor Reflexivo no Brasil. Gênese e crítica de um conceito. São Paulo: Cortez, 2002.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

GROSSI, M. P. Ensinando Antropologia no Brasil: Algumas Reflexões. Revista Do Curso De Ciências Sociais Mosaico Social. UFSC, SC, v. 1, n.1, p. 1-235, 2008.

GUINSKI, A. D. L. de. Metodologia do Ensino de língua portuguesa e estrangeira. Curitiba: Ibpx, 2008.

GÜNTHER, I. A. Pesquisa para conhecimento ou pesquisa para decisão? Psicologia: Reflexão e Crítica, 2006.



Literatura de Cordel

GOMES, D.; SANTOS, A. A universidade no Séc. XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade. *Educação, Sociedade & Culturas*, n.23, 137-202, 2005.

HERNÁNDEZ, F. *Cultura visual: mudança educativa e projeto de trabalho*. Fernando Hernández; tradução Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artmed, 2016.

INDURSKY, F; ZINN, M. A. K. *Leitura Como Suporte Para a Produção Textual*. *Revistas Leitura Teoria e Prática*, Nº 5, 2015.

KLEIMAN, A. *Letramento e suas Implicações para o Ensino de Língua Materna*. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 32, n. 53, p. 1-25, dez. 2006.

KOCH, I. V. *Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas*. São Paulo: Contexto, 2015. 173 p.

LAJOLO, M. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 2001.

LEAL, T. F.; ALBUQUERQUE, E. B. C. de; AMORIM, L. B. de. *Os textos na alfabetização de jovens e adultos: reflexões que ajudam a planejar o ensino*. IN: *Alfabetizar Letrando na EJA: Fundamentos teóricos e propostas didáticas*. MORAIS, A. G. de; (ORG) *Coleção Estudo em EJA*, Belo Horizonte-MG: autêntica, 2010.

LIMA, S. T. *Contos de fada em cordel*. Fortaleza: Flor da Serra, 2017. (Caixa contendo 10 folhetos com versões de contos de fada para o cordel).



Literatura de Cordel

LIMA, A. V. (org.). *Acorda Cordel na Sala de Aula: A Literatura Popular como ferramenta auxiliar na Educação*. Fortaleza. Tupynanquim. Editora. Queima Bucha, 2006.

LINARD, F.; LIMA, E. O X da questão. *Nova Escola*, São Paulo, SP, nº 18, abr. 2018.

LINHARES, T. R. S. *Literatura de cordel, uma mídia em evolução*. Recife, 2015. Disponível em: <[http://www.fundaj.gov.br/geral/folclore/literatura%20 cordel.pdf](http://www.fundaj.gov.br/geral/folclore/literatura%20cordel.pdf)>. Acesso em: 10 de setembro de 2019.

LOPES-ROSSI, M. A. G. et al. *Projeto Observatório/UNITAU: Competências e habilidades de leitura: da reflexão teórica ao desenvolvimento e aplicação de propostas didático-pedagógicas*. Taubaté: Universidade de Taubaté, 2012.

LUYTEN, J. M. *O que é literatura de cordel*. São Paulo: Brasiliense, 2005. (Coleção Primeiros Passos; 317).

MAGNANI, M. R. *Leitura, literatura e escola*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MALHOTRA, N. K. *Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada*. Trad.: Montigelli Jr.. N. e Farias. AA 3. ed, 2a reimpressão. Porto Alegre: Bookman, 2011.

MANCELOS, J. de. *Introdução à Escrita Criativa*. Lisboa: Colibri, 2010.

MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em Análise do Discurso*. Trad. Freda Indursky. 2.ed. Campinas: Pontes, 2013.



Literatura de Cordel

MANCELOS, R. O Reino Encantado do Cordel – A Cultura Popular na Educação, 2010. Registrada na Fundação Biblioteca Nacional (Ministério da Cultura - Escritório de Direitos Autorais) sob o nº 332.220 – Livro: 609, Folha: 380. ISBN 85.87452-20-7.

MARCUSCHI, L. A. Da fala para a escrita: atividades de retextualização. 10 edição. São Paulo: Cortez, 2010.

MARINHO, A. C. e PINHEIRO, P. O cordel no cotidiano escolar. São Paulo. Cortez. 2012.

MARTINS, I. A literatura no ensino médio: quais os desafios do professor? IN: BUNZEN, Clécio; KLEIMAN, Angela; MENDONÇA, Márcia (et al). Português no ensino médio e formação do professor. São Paulo: Parábola, 2014.

MEDVIÉDEV, P. N. O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica. Tradutoras Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólloka Américo. São Paulo: Contexto, 2012.

MELO, R. A. de. Arcanos do verso: trajetórias da Tipografia. São Francisco em Juazeiro do Norte, 1926-1982. Dissertação de Mestrado. Fortaleza: PPGHS/UFC, 2013.

MINAYO, M. C. de S. (org.). Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NOGUEIRA, C. S. Planejamento Estratégico. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2014.



Literatura de Cordel

OLIVEIRA, C. J. D. de. História da literatura de cordel: período de formação. Fortaleza: FGF, 2015.

OLIVEIRA, D. M. de. Jornalismo-arte na literatura de cordel. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO, 2008.

OLIVEIRA, P. S. de. A cultura. In:_____. Introdução à sociologia. 24. ed. São Paulo: Ática, 2013

OLIVEIRA, D. de P. R. de. Planejamento Estratégico: conceito, metodologia e práticas.17º Edição. São Paulo: Atlas, 2016.

PENNAC, D. Como um Romance. 15ª ed. Trad. Francisco Paiva Boleo. Lisboa: Asa, 2016.

PERES, F. C. A literatura infantil na formação da identidade da criança. Revista Eletrônica Pró-Docência. UEL. Edição Nº. 1, Vol. 1, jan - ju n. 2015. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/prodocenciafope>. Acesso em 28 de agosto de 2019.

PINHEIRO, J. H. Contribuição da estilística para o ensino da poesia. São Paulo: Via Atlântica, n. 28, 143-159. Dez. 2015.

_____. O que ler? Por quê? A literatura e seu ensino. IN: Leitura de literatura na escola. DALVI, Maria Amélia; RESENDE, N. L. de; JOVER-FALEIROS, R. (Orgs). São Paulo: Parábola, 2013.

PORTO, M. Um diálogo entre os gêneros textuais. Curitiba. Aymarará. 2009.

RANGEL, E. O. Letramento literário e livro didático de língua portuguesa: “os amores difíceis”. IN: PAIVA, A.; MARTINS, A.; PAULINO, Z. V. (Orgs.). Literatura e letramento: espaços, suportes e



interfaces. O jogo do livro. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

ROJO, R. Multiletramentos na escola. São Paulo: Parábola, 2012.

ROSA, J. G. Manuelzão e Miguilim (Corpo de Baile). 4^a Edição. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 2003.

ROUXEL, A. Tensão entre utilizar e interpretar. IN: ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard; RESENDE, N. L. (Orgs). Leitura subjetiva e ensino de literatura. Vários tradutores. São Paulo: Alameda, 2013.

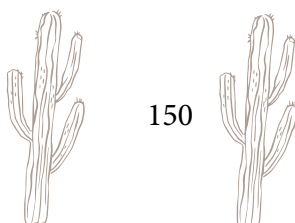
SANTOS. G. N. Sandoval. A exposição oral: nos anos iniciais do ensino fundamental. São Paulo: Cortex, 2012.

SANTOS, B. de S. Um discurso sobre as ciências. 5. ed. - São Paulo: Cortez, 2008.

SCHLINDWEIN, L. M. Arte e desenvolvimento estético na escola. IN: PINO, A.; SCHLINDWEIN, L. M.; NEITZEL, A. de A. (Orgs). Cultura, escola e educação criadora. Curitiba: Editora CRV, 2010.

SILVA, M. Literatura e experiência de vida: novas abordagens no Ensino de Literatura. Nau Literária: crítica e teoria de literaturas, v. 6 n. 2, p. 1-10, 2013.

SLATER, C. A vida no Barbante - a literatura de Cordel no Brasil, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.



Literatura de Cordel

SCHNEUWLY, B. Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas. IN: ROJO, R.; CORDEIRO, G. (Org. e trad.). Gêneros orais e escritos na escola. Campinas: Mercado de Letras, 2012. p. 21-39.

SOARES, M. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

_____. Aprendizagem lúdica na Educação Infantil. Revista Educação, São Paulo, ago. 2011. Disponível em: <<http://revistaeducacao.uol.com.br/textos/0/aprendizagem-ludica-240352-1.asp>> Acesso em: 10 de março de 2019.

SOLÉ, I. Estratégias de leitura. Porto Alegre: Artes Médicas, 2007.

SUASSUNA, A. O santo e a porca. Ilustrações Zélia. Suassuna. 259 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

SOUZA, R. J. de. et al. Ler e compreender: estratégias de leitura. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2010.

TENNINA, Lúcia. Saraus das periferias de São Paulo: poesia entre tragos, silêncios e aplausos. Estud. Lit. Bras. Contemp. 2013.

THIOLLENT, M. Metodologia da pesquisa-ação. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

VIANA, A. Acorda Cordel na Sala de Aula. Fortaleza: Gráfica Encaixe, 2010.



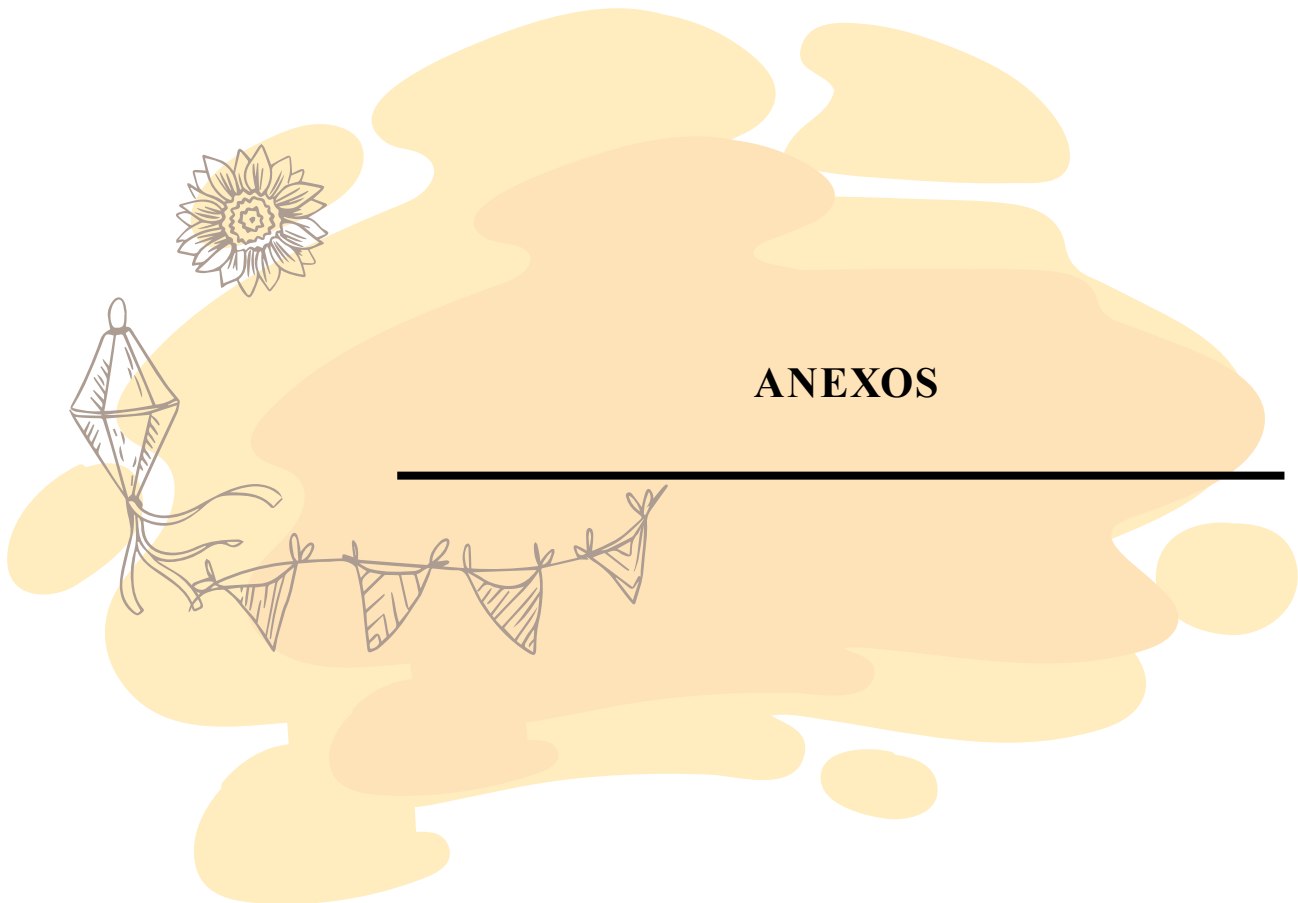
Literatura de Cordel

ZABALA, A. A prática educativa: como ensinar. Porto Alegre: Artes Médicas, 2007.

ZILBERMAN, R. A escola e a leitura de literatura. IN: ZILBERMAN, R.; RÖSING, T. M. K. (Orgs.).

Escola e leitura: velha crise, novas alternativas. São Paulo: Global, 2009.





ANEXOS



Carta de Autorização



TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, CLÉVERTON FERNANDES CARDOSO, diretor, AUTORIZO o Senhor FRANCISCO ABERTINO GOMES, Curso de Doutorado em Ciências da Educação, para realização do Projeto de Pesquisa A LITERATURA DE CORDEL COMO PROPOSTA PEDAGÓGICA DE LEITURA E LETRAMENTO NA FORMAÇÃO DE LEITORES: estudo realizado em uma escola na cidade de Brejo do Cruz – PB, que tem por objetivo “Analisar a importância da inserção do gênero textual “Cordel” em sala de aula como estímulo a prática de leitura e letramento, precisamente nas turmas de 3ª série do Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Médio “Professor José Olímpio Maia” na cidade de Brejo do Cruz – PB, propondo um processo de ensino aprendizagem cada vez mais aliado à diversidade e identidade cultural”.

O pesquisador acima qualificado se compromete a:

- 1- Iniciar a coleta de dados somente após o Projeto ser aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos.
- 2 - Obedecer às disposições éticas de proteger os participantes da pesquisa, garantindo-lhes o máximo de benefícios e o máximo de riscos.
- 3 - Assegurar a privacidade das pessoas citadas nos documentos institucionais e/ou contadas diretamente, de modo a proteger suas imagens, bem como garantir que não utilizará as informações coletadas em prejuízo dessas pessoas e/ou da instituição, respeitando deste modo as Diretrizes Éticas da Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, nos termos estabelecidos na Resolução CNS Nº 510/2016, e obedecendo as disposições legais estabelecidas na Constituição Federal Brasileira, artigo 5º, incisos X e XIV e no Novo Código Civil, artigo 20.

Brejo do Cruz (PB), 15 de Março de 2019.

Cléverson Fernandes Cardoso

Cléverson Fernandes Cardoso

-Adm. Escolar-

Cléverson Fernandes Cardoso

Gestor Escolar

Aut. 11.062



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



Nome da Pesquisa: A LITERATURA DE CORDEL COMO PROPOSTA PEDAGÓGICA DE LEITURA E LETRAMENTO NA FORMAÇÃO DE LEITORES: estudo realizado em uma escola na cidade de Brejo do Cruz-PB

Pesquisadores Responsáveis: Marcela Tarciana Cunha Silva Martins (orientadora) e Francisco Albertino Gomes (orientando)

Informações sobre a pesquisa:

Você está sendo convidado/a para participar de um estudo, cujo título é: A LITERATURA DE CORDEL COMO PROPOSTA PEDAGÓGICA DE LEITURA E LETRAMENTO NA FORMAÇÃO DE LEITORES: estudo realizado em uma escola na cidade de Brejo do Cruz-PB, tendo como objetivo Analisar a importância da inserção do gênero textual “Cordel” em sala de aula como estímulo a prática de leitura e letramento, precisamente nas turmas de 3ª série do Ensino Médio da Escola “Professor José Olímpio Maia” na cidade de Brejo do Cruz-PB, propondo um processo de ensino aprendizagem cada vez mais aliado à diversidade e identidade cultural.

Para conseguirmos realizar o estudo será necessária a sua participação em pesquisa descritiva e exploratória com abordagem quantitativa e qualitativa, por levar a entender processos em que se desenvolve o objeto de estudo, através de questionários. Diante do ponto de vista social e institucional, esta pesquisa servirá para poderá trazer melhoria nas atividades pedagógicas dos alunos, haja vista que, propõe nortear a aplicação do cordel dentro e fora dos muros da escola, enquanto gênero



Literatura de Cordel

textual e literário, na formação de sujeitos autores reflexivos do ensino médio. No tocante aos pais de alunos, Professores, Gestor Escolar e Coordenador Pedagógico, trará um melhor entendimento de que a Literatura de Cordel pode sim ser um instrumento viável como proposta ao incentivo a leitura no ambiente escolar, tornando a hipótese desse estudo positiva.

Quanto aos riscos de participação nesta pesquisa, destacamos o cansaço ou aborrecimento ao responder questionários; constrangimento ao se expor durante a realização de testes de qualquer natureza; desconforto, constrangimento ou alterações de comportamento durante o questionário; e ainda, quebra do sigilo de identificação por parte do pesquisador, visto que a comunidade trabalha a muitos anos juntos, onde destacamos que os riscos serão atenuados, evitados e revertidos, garantindo a integridade física, moral e mental do/a participante da pesquisa.

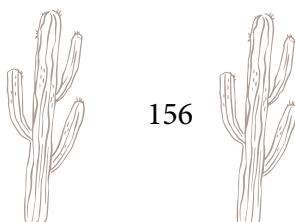
Destacamos que as informações coletadas serão utilizadas unicamente para fins científicos, por tanto, serão garantidos o absoluto sigilo e confidencialidade diante das informações que nos forem repassadas. O participante manifestará, através deste termo, o CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO, cuja assinatura deverá ser feita em duas vias, sendo uma sua e outra do pesquisador.

O estudo proposto terá como benefícios a melhoria nas atividades pedagógicas dos alunos, haja vista que, propõe nortear a aplicação do cordel dentro e fora dos muros da escola, enquanto gênero textual e literário, na formação de sujeitos autores reflexivos do ensino médio.

Na condição de participante, você está livre para negar-se a realizações que não considere convenientes e, até mesmo, abandonar o estudo a qualquer momento, em conformidade com a resolução 466/2012, em seu Capítulo IV, inciso IV. I.

Você também terá direito a manter contato com o Comitê de Ética em Pesquisa das Universidade de Vila Velha - SOC EDUC DO ESP SANTO UNIDADE DE VILA VELHA ENSINO SUPERIOR, CNPJ 27.067.651/0001-55, através do telefone: (27) 3241-2080

Agradecemos pela sua atenção e participação, manifestadas com a assinatura deste termo.



Francisco Albertino Gomes

Pesquisador/a Responsável

Nome do Pesquisador Responsável: FRANCISCO ALBERTINO GOMES

Fone: 84 9 9664-3888

E-mail: albertinojp@hotmail.com

Eu, _____
, portador do RG: _____, abaixo assinado, tendo recebido as informações acima, concordo em participar da pesquisa, pois estou ciente de que terei, de acordo com a RESOLUÇÃO 466/2012, Capítulo IV, Inciso IV. I todos os meus direitos abaixo relacionados:

- A garantia de receber todos os esclarecimentos sobre as perguntas do questionário antes e durante o transcurso da pesquisa, podendo afastar-me em qualquer momento, se assim o desejar, bem como ter assegurado o absoluto sigilo das informações obtidas.
- A segurança de que não serei identificado/a, mantendo o caráter oficial da informação, assim como, será assegurada que a pesquisa não acarretará nenhum prejuízo individual ou coletivo.
- Ser indenizado pelo dano recorrente da pesquisa, caso venha a ocorrer, nos termos da lei, e o ressarcimento das despesas diretamente decorrentes de sua participação na pesquisa.
- A segurança de que não terei nenhum tipo de despesa material ou financeira durante o desenvolvimento da pesquisa.
- A garantia de que todas e quaisquer responsabilidades, nas diferentes fases da pesquisa, são dos pesquisadores, bem como fica assegurado que poderá haver exposição dos resultados finais em órgãos de divulgação científica em que a mesma seja aceita.



Literatura de Cordel

- A garantia de que todo material resultante será utilizado exclusivamente para construção da pesquisa e ficará sob a guarda dos pesquisadores, podendo ser requisitado pelo entrevistado a qualquer momento.

Tenho ciência do exposto acima e desejo participar da pesquisa.

Patos, Paraíba, _____ de _____ de _____.

Assinatura do entrevistado



Termo de Assentimento dos Alunos



Aos pais e/ ou responsáveis pelo (a) menor e ao menor legalmente incapaz

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa “A LITERATURA DE CORDEL COMO PROPOSTA PEDAGÓGICA DE LEITURA E LETRAMENTO NA FORMAÇÃO DE LEITORES: estudo realizado em uma escola na cidade de Brejo do Cruz-PB”. Nesta pesquisa pretendemos “Analisar a importância da inserção do gênero textual “Cordel” em sala de aula como estímulo a prática de leitura e letramento, precisamente nas turmas de 3ª série do Ensino Médio da Escola “Professor José Olímpio Maia” na cidade de Brejo do Cruz-PB, propondo um processo de ensino aprendizagem cada vez mais aliado à diversidade e identidade cultural”. O motivo que nos leva a estudar esse assunto é “poderá trazer melhoria nas atividades pedagógicas dos alunos, haja vista que, propõe nortear a aplicação do cordel dentro e fora dos muros da escola, enquanto gênero textual e literário, na formação de sujeitos autores reflexivos do ensino médio.” Para esta pesquisa adotaremos o(s) seguinte(s) procedimento(s): questionários, realização de oficinas e feira literária. Para participar desta pesquisa, o responsável por você deverá autorizar e assinar um termo de consentimento. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, caso sejam identificados e comprovados danos provenientes desta pesquisa, você tem assegurado o direito à indenização. Você será esclarecido (a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido (a) pelo pesquisador que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma



Literatura de Cordel

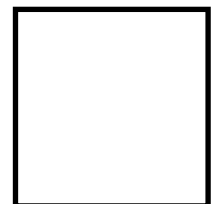
publicação. Os riscos envolvidos na pesquisa consistem em nenhum risco de exposição do nome ou de seu posicionamento em relação ao que se refere a problemática da pesquisa. A pesquisa contribuirá para a melhoria nas atividades pedagógicas dos alunos, haja vista que, propõe nortear a aplicação do cordel dentro e fora dos muros da escola, enquanto gênero textual e literário, na formação de sujeitos autores reflexivos do ensino médio.

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do responsável por você. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais: sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Eu, _____
, fui informado (a) dos objetivos da presente pesquisa, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar dessa pesquisa. Recebi o termo de assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Jardim de Piranhas, RN _____ de _____ de 20____.

Assinatura do (a) menor/ou incapaz



Assinatura do (a) responsável pelo menor / ou incapaz

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa

Nome do Pesquisador Responsável: Francisco Albertino Gomes

Fone: 84 9 9664-3888 E-mail: albertinojp@hotmail.com

Pesquisador (a)



Plano de Ação



PLANO DE TRABALHO PARA APLICAÇÃO DAS OFICINAS PEDAGÓGICAS DE LEITURA LITERÁRIA
I. PÚBLICO – ALVO: Alunos da 3ª série “A” – noturno de uma escola pública da rede estadual na cidade de Brejo do Cruz – PB
PERÍODO: Abril a julho de 2019
II. OBJETIVOS: Incentivar o contato com o Cordel aproximando os alunos desse tipo de texto, levando-os a valorização da cultura popular conhecendo sua estrutura. Apresentar o texto literário da cultura popular; Oferecer a formação leitora na sala de aula de acordo com os princípios do letramento literário; Refletir sobre os temas presentes na literatura de cordel; Fazer relação dos temas e aspectos estruturais na linguagem dos poemas de cordel e no texto de literatura erudita; Estabelecer relações de intertextualidade entre o clássico e o popular da literatura; Promover a inserção da oralidade a partir de situações de leitura na sala de aula; Ensinar as técnicas de como compor um cordel; Explicar a diferença entre o cordel brasileiro e o lusitano, fazendo uma análise histórica do assunto. Realizar uma feira de cordel no ambiente escolar;
III. CONTEÚDOS A SEREM TRABALHADOS DURANTE AS OFICINAS PEDAGÓGICAS Leitura Literária; Poema de cordel; Compreensão (ou Intelecção) e interpretação textual; Linguagem Poética; Elementos do poema. Elementos constituintes do cordel: versos, estrofe, figuras de linguagem, rima e musicalidade.
IV. TEMPO DE EXECUÇÃO: 20 h/a



V. RECURSOS DIDÁTICOS

Um varal e um expositor de literatura de cordel;
Alguns cordéis antigos de minha coleção;
Matriz da apostila sobre a História da Literatura de Cordel e matriz da apostila como escrever um autêntico cordel;
Texto literário;
Apostilas xerografadas;
Data Show;
Aparelho de som;
Papel ofício;
Cartolinas;
Cola;
Cadernos;
Pincel atômico;
Computador;
Retroprojektor;
Sanfona;
Pandeiro;
Microfone;
Violão.
Zabumba;

VI. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS (Ações desenvolvidas)

Leitura expressiva de poemas;
Círculo de leituras;
Roda de conversa;
Uso de sala de vídeo;
Uso de Biblioteca;
Uso da sala de informática;
Evento literário com presença de poeta da própria comunidade escolar;
Uso de dinâmicas;
Uso de músicas e paródias;
Leitura cotidiana de cordéis.
Declamação das produções de cordéis;
Confecção de um livro com coletânea de cordéis sobre os mais diversos temas produzidos e trabalhados pelos alunos nas oficinas.
Leitura de cordéis e a exploração do gênero;
Vídeos sobre a cultura cordelista e a xilogravura;

VII. PROCEDIMENTOS AVALIATIVOS

Dar-se-á ao longo da realização das oficinas através:

Observações cotidianas do envolvimento dos alunos na realização das atividades desenvolvidas em sala de aula e nas demais dependências da escola.
Apresentação dos cordéis produzidos pelos alunos durante as oficinas no auditório da escola.



VIII. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARVALHO, G. **Xilogravura: doze escritos na madeira**. Fortaleza: Editora do Museu do Ceará. _____ . 2000. Desenho gráfico popular. São Paulo: Cadernos do IEB. _____ . 1995. Xilogravura: os percursos da criação popular. In Revista do IEB, n.39.2001.
- GALVÃO, A M. O. **Cordel: leitores e ouvintes**. Belo Horizonte: Autêntica. 2001.
- ISOLA, R. L. P. D. **Nos domínios dos gêneros textuais**. v.1, vários autores. Belo Horizonte FALE/UFMG.
- LIMA, A. V. (org.). **Acorda Cordel na Sala de Aula: A Literatura Popular como ferramenta auxiliar na Educação**. Fortaleza. Tupynanquim. Editora. Queima Bucha, 2006.
- PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: Arte/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- SLATER, C. **A vida no Barbante - a literatura de Cordel no Brasil**, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.
- SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2007.
- ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2007.



Questionário de sondagem - *Leitura Literária* (professora)



Caro (a) Professor (a),

Este questionário tem por objetivo coletar dados que auxiliarão como uma sondagem para obtenção de informações acerca da leitura literária como proposta pedagógica na sala de aula para a formação de leitores.

Portanto, pedimos vossa compreensão no sentido de responder as seguintes perguntas, para que possamos realizar uma pesquisa científica bem fundamentada.

1) Qual a sua idade? _____

2) Gênero/Sexo? _____

3) Há quantos anos exerce a profissão de magistério? _____

4) Qual a sua formação acadêmica?

5) Você considera relevante o trabalho com “Oficinas Pedagógicas” sobre Poesia Literária (Literatura de Cordel em sala de aula, para o desenvolvimento do processo de aprendizagem na leitura e letramento dos alunos? Justifique sua resposta.

6) Que metodologias você costuma utilizar nas suas aulas em prol da leitura literária e letramento



dos seus alunos?

7) Quantas vezes por semana você costuma desenvolver atividades de leitura literária com seus alunos?

8) Na sua concepção, qual a importância da Leitura Literária?

9) quais recursos didáticos você utiliza para trabalhar a leitura em sala de aula?

Obrigado pela sua valiosa contribuição no sentido de responder ao questionário!



Questionário de sondagem - Leitura Literária (aluno)



Caro (a) Aluno (a),

Este questionário tem por objetivo coletar dados que auxiliarão como uma sondagem para obtenção de informações acerca da leitura literária como proposta pedagógica na sala de aula para a formação de leitores.

Portanto, pedimos vossa compreensão no sentido de responder as seguintes perguntas, para que possamos realizar uma pesquisa científica bem fundamentada.

1. Quem é você e onde você mora?

2. O que gosta de lê na escola?

3. Quais textos que gosta de ler nas aulas do Componente Curricular “Língua Portuguesa”?

4. Por que você ler textos de Literatura?



Literatura de Cordel

5. Para quem e para que você ler?

6. Sente dificuldades em compreender o texto literário? Justifique sua resposta?

7. Como faz para compreender o texto literário?

8. Você acredita que o Cordel pode ser utilizado como recurso didático em sala de aula, sendo este eficaz no estímulo a leitura, por ser um conteúdo simples e divertido? Comente sua resposta.

9. Como você acha que termina uma leitura literária?

Obrigado pela sua valiosa contribuição no sentido de responder ao questionário!



Ficha de avaliação - Feira Literária de cordel e Xilogravura - 2019



Participante da Feira Literária			
Nome	E-mail	Telefone	Modalidade/Ensino

AVALIAÇÃO (FEITA PELO ALUNO (A))	
ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NA FEIRA LITERÁRIA: CORDEL X XILOGRAVURA	AVALIE A FEIRA DE ACORDO COM OS CONCEITOS: EXCELENTE; ADEQUADO; RAZOÁVEL E INSUFICIENTE.
1. Temática da Feira Literária.	
2. Os objetivos da Feira foram alcançados.	
3. Sua impressão com relação a esta Feira Literária.	
4. Cumprimento do cronograma da programação da Feira Literária.	
5. Conteúdo (s) trabalhado (s) na Feira Literária.	
6. Produção dos Cordéis e Xilogravuras.	
7. Exposição e Apresentação dos Cordéis e Xilogravuras.	
8. Metodologia utilizada pelos alunos apresentadores dos Cordéis e Xilogravuras.	
9. Organização do ambiente de realização da Feira Literária.	
10. Participação da Comunidade escolar na Feira Literária.	
11. Seu nível de aprendizagem na Feira Literária.	



12. O que eu não sabia antes da Feira Literária de Cordéis e Xilogravuras?

13. O que aprendi depois da Feira Literária de Cordéis e Xilogravuras?

14. Faça seus comentários extras sobre a Feira de Cordéis e Xilogravuras realizada.

Obrigado por ter participado da Avaliação da Feira!
Sucessos no Aprendizado Construído!



Cordeis Produzidos pelos alunos



Bruje do Cruz lugar bom de se
reirer, aqui nasci, aqui cresci
e aqui irei morrer, contando
essa história, feliz posso estar

Dessa minha cidade que tenho
muito a me orgulhar,
orgulho dessa minha cidade
eu tenho de mentão,

Para contar a sua história
em grande perfeição, sem
esquecer nenhum detalhe,
conto tudo e mais um bocado

Sobre a história dessa
cidade, onde reside um
pequeno arretrato! A cidade
é pequena, mas tem muita riqueza



Não tem uma só momento,
em que não contemple sua
beleza, é a Torre de uma
linda, o famoso Et Romalho.

Et Romalho ainda jersam
alcançara o ruço da pedra,
Comprende músicos sem um
tem que tudo merdestino ama

Quando pequeno uma Trágica
lhe tirou a vida do pai,
anos depois lhe veio a
idéia de fazer uma música,

Muito denominada "Arichai"
Pedra de Turmalina é o
nome dessa serra,
um grande monumento



Existente dessa Terra, com um enorme Cruzeiro brilhante, deixando seus noites ainda mais exuberantes.

Contanto essa história fize muito contente, falando da preservação do meu povo pernambucense, essa gente

não se dá por derrotada, e mostram, que é ter amor, pela terra amada. É uma cidade conhecida

Regionalmente, por uma cultura sem igual e diferente, a castinga, vegetação nativa do Nordeste, durante de



Bona aberta qualquer calça
da parte, morro gente e
costume adonável, mostram
uma tradição inigualável

Na Coratunga uma beleza
natural, diferente e sem
igual, curram sem atipias!
para falar de montão,

De uma cidadezinha, que
morra no meu coração,
pequena e amada, cheia
de beleza nas águas

Que leram no puto com
honra e gratidão. Inicial
era o lho D'Água dos Bequinhos
de pules anos de 1700 ganhou



Outro nome então, em
homenagem ao seu fundador
Drogo do Cruz se tornou,
E depois de um tempo foi

Romalho encantou, quando
em resaca tudo que
apresentou, chegou a encanecer
vezes ele dechamar a forma do

tempo passar, me impressiono
ao saber, que de primeiro foi
Romalho era para ser, simurgião
mas ele não podia ser porque não

Passa mal a breca até
desmaiana, mas ele não
ligaria, pois aquele remeio
era do seu arde, e seu



Outro nome então, em
homenagem ao seu fundador
Bispo do Cruz se tornou,
E depois de um tempo tã

Romalho encontrou, pondo
em verso tudo que
apresentou, chega a emocionor
vêdo ele dechamar a forma do

Tempo passar, me impressiono
ao saber, que de primeiro tã
Romalho era para ser, virgínia
mas ele não podia ser porque não

Passa mal a letra até
desmaiar, mas ele não
ligeira, por aquele ritmo
era do seu arde, o seu



Era poder cantar, e
assim fez então, seguindo
a leiração, e hoje além
de cantar é compositor

Esalhando alguma e
muito amor, grande fama
e fuger, levando o sertão
para os falares do mundo

Quanto orgulho, quanta emoção
o pequeno do sertão que
fui tão longe com o
rirelão.

Muito já fui falado sobre
um lugar encantado,
que aqui não fui
marcado.



Messas rimas destacadas
tudo aquilo que arrebatado
da mesma terra foi apresen-
tado.

E por aqui vou ficando
mandando um beijo a
Iechas que amo, dando
obrigade e pra depois ir andando.

Escritores / Cordelistas

Mateus dos Santos Gomes

Selirina dos Santos

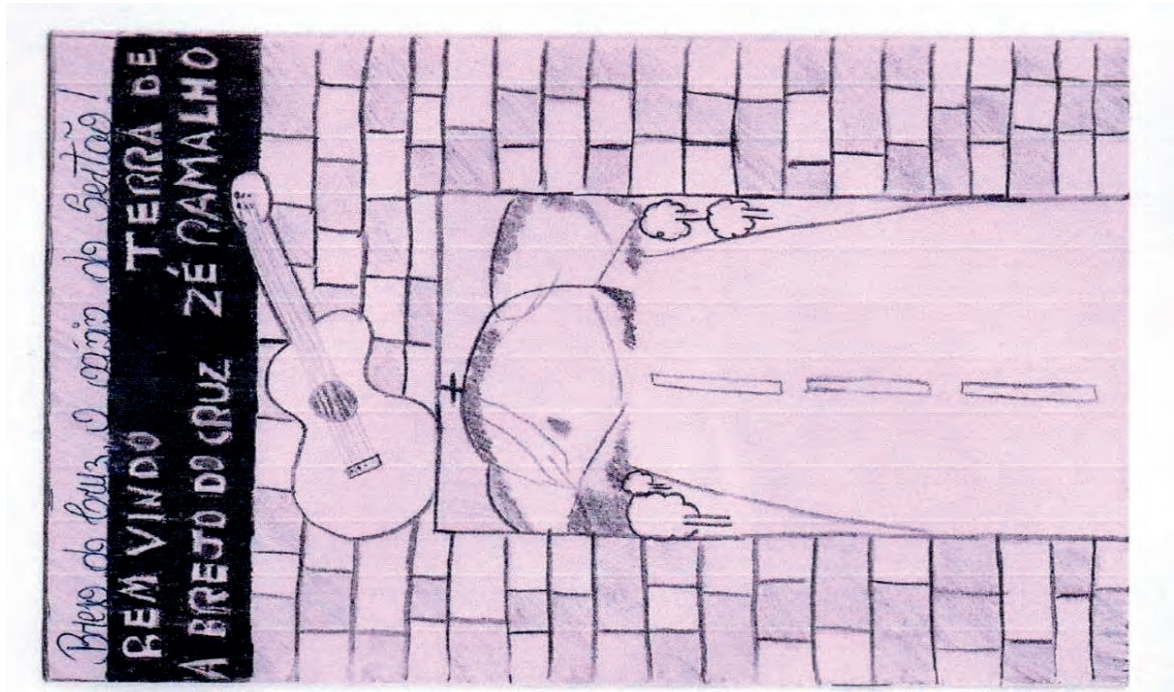
Xiligrarura

Leon Vieira da Silva Junior

Caligrafia

Maria Eduarda Costa Guedes





✓
Nasci aos pés da serra
Da ponta de Turmalina,
Bregó tem 138 anos
Mas, ainda é menina!
O Sertão é deslumbrante,
Fosse pouco admirar!
Meio numa festa encantada
Que apaixona quem passar.
No Nordeste nasci,
No Nordeste me criei.
Se existe lugar mais lindo
Dizem ainda não sei.



Breg é noturna,
Tem beleza pro estágio.
A noiva pedia de Tumbalima,
Ela traz grande inspiração!

Me tope da grande noiva,
Existe um belo cujeiro.
Que além de abençoado,
Ilumina Breg por inteiro.

Porta rubi noiva noiva,
Existem vários tubos.
Escolha sua favorita,
E aprecie a bela vista!

Na terra de Zé Ramalho,
Mani e me cuei.
Poros viajar o mundo inteiro
Mas de Breg, não esquecei.

Aqui não ehoe muito
Mas digo não poro reklamari.
Pederia até ser rico!
Mas no alarde, ainda ia montar.

O peso do alarde
É calmo, bonito e contente
Venha, nos visitar
É mais exqueto da noiva gente.



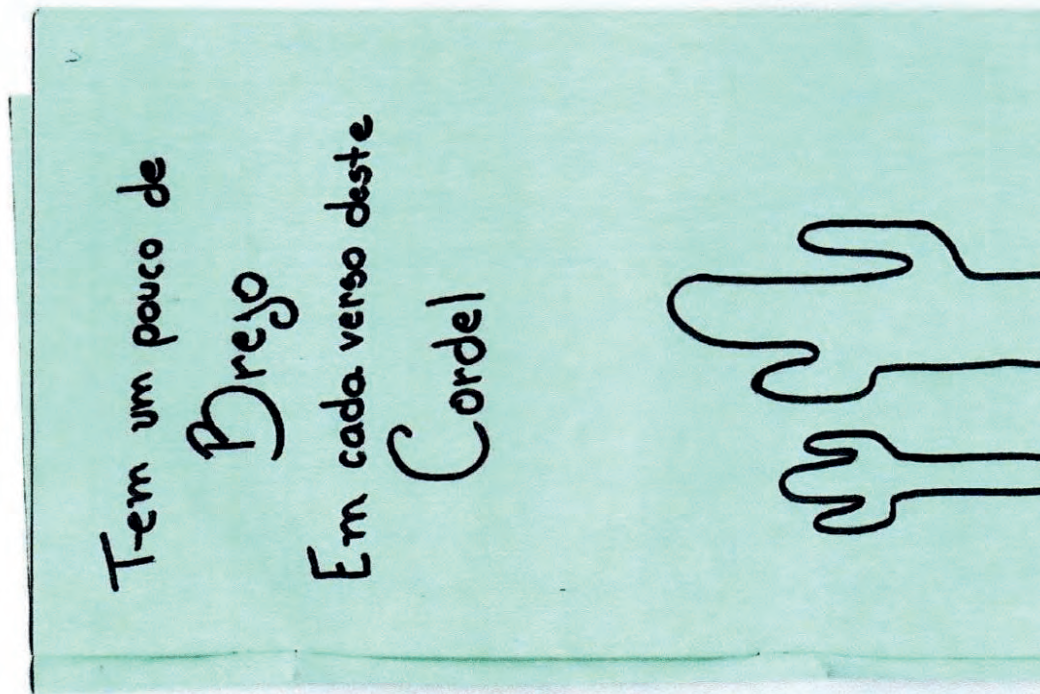
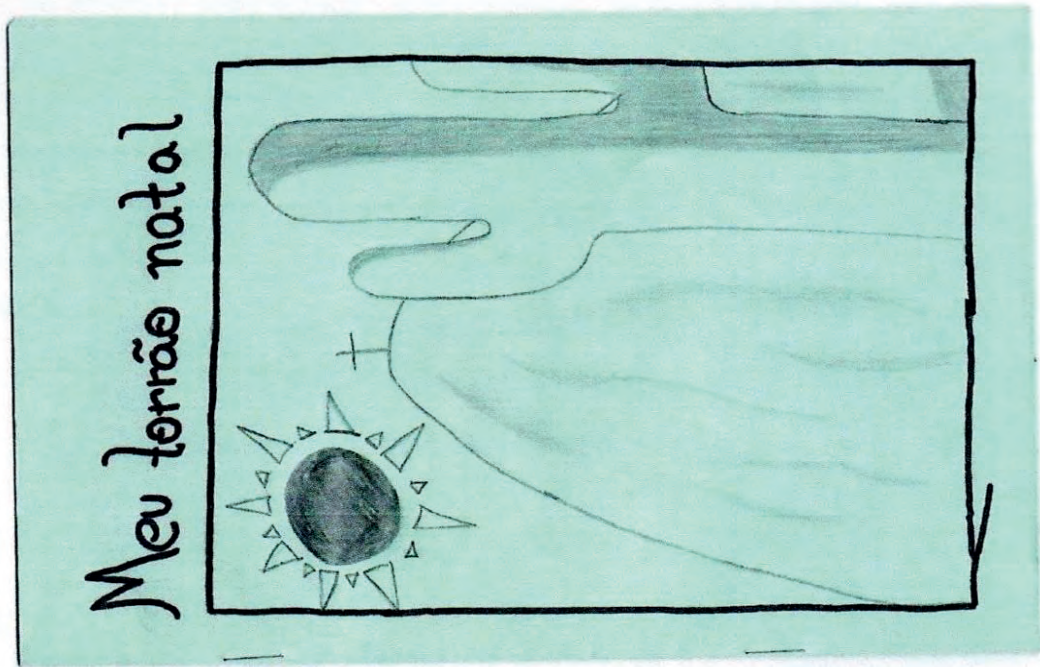
Brejo é terra de Zé Ramalho
Dizem porre me oijulhar,
Um poeta vicinástico
Que o chordeje veis transjornar.

Brejo tem tãro entrada
E também tãro saída,
Estamos de bragos abertos,
Esperando as visitas.

Aqui é campo e acorhegente,
Com ceiros bozo a ojeitar.
Venha conhecer nossa terra
Peis, carê não vai me arripender.

Cordelistas:
Ana Karolma B. da Silva
Daniel dos Santos Silva.





Minha Bruxo do enry
Cidade que nos condury
Aqui nasce e crucei
Nesta terra cheia de luz.

Sai que és pequena
mas pra mim não há problema
Pois não a truco jamais
Pelas grandes capitais.

Além de linda por natureza
És também atenciosa.
Com essa belíssima serra
É a doce água brotada.

No alto daquela serra
Se ergue iluminada
A cidade neoplâncica
A pedra de Turmalina.



É o meu -plataço de Jévia
Que venho lhas experimentar
Com hístórias e riquesas
Que são lhas improvisaçôes
É aqui mesmo meu sentir!
nesta humilde didade
Onde fôr a liberdade
Di mestran e seu valer.

Pois Brujo é mestre
Que além de médico
Advogado e promotor
Também também grandes celebridades
Que com gromel
Exerce o trabalho
Pupulamente com honra
Onde sente o bom alho.



Brejo também agradece
aos nossos educadores,
que nos ensinaram sempre
a -puequelin grandes valores

Por isso vamos em frente
mostrando que nossa semente
plantada neste solo, será amonhã
o fruto colhido, no futuro da nação.

— Emily



Veni Creator Christian University



A Veni Creator Christian University é uma Universidade estadunidense, sediada em Kissimmee, estado da Flórida, nos Estados Unidos, cuja missão é fornecer educação de qualidade, com rigor técnico e respeito aos preceitos da responsabilidade científica, da ética profissional e acadêmica e da atenção aos valores humanísticos e à dignidade humana.

A Veni Creator acredita que a educação é instrumento de transformação, emancipação e desenvolvimento pessoal e social, e enxerga nas ferramentas da tecnologia da informação uma oportunidade de ampliar e democratizar o acesso ao ensino superior de qualidade. Nesse sentido, a Veni Creator investe em infraestrutura própria, em constante atualização e aprimoramento, para cumprir sua missão institucional através de cursos completamente virtuais, sem prejuízo da qualidade.

Além disso, a Veni Creator mantém constante contato com o entorno social do qual seus alunos fazem parte, buscando formas de criar pontes entre a sociedade e o meio científico, por meio de palestras, simpósios e workshops. A equipe docente, composta exclusivamente por professores doutores com experiência acadêmica, é estimulada a aproveitar as possibilidades ofertadas pelos avanços da tecnologia da comunicação para difundir o conhecimento científico nos espaços sociais em atuam.

Nossa sede está localizada à 400 West Emmett St., Suite 17, Metrowest, Kissimmee, estado da Flórida, nos Estados Unidos e nosso telefone de contato em território estadunidense é +1 (239) 234-4558.



Sobre o autor



Francisco Albertino Gomes nasceu no Sítio Tranqueiras no município de Brejo do Cruz – PB. É filho do casal Vicente Gomes dos Santos e Francisca Dutra de Araújo.

Desde cedo, seus pais, observaram no seu filho Francisco Albertino Gomes o gosto pelos estudos. Daí dedicaram grande parte de suas vidas à educação do pequeno menino, amigo dos cadernos, dos livros e da boa leitura.

Inicia então, os seus estudos na Escola Mista Estadual “Petronilo Ribeiro de Sousa” na comunidade Poço da Onça - Brejo do Cruz – PB, concluindo ali o Curso Primário, onde logo se transfere para a cidade de Brejo do Cruz – PB, onde na Escola Estadual Prof^o “José Olímpio Maia”, concluiu o Curso Ginásial, na época. Logo em seguida, desloca-se para a cidade de Caicó – RN, onde no Centro Educacional “José Augusto” – CEJA, conclui o Curso Pedagógico em nível de Ensino Médio Profissionalizante.

Concluído o Curso Pedagógico, o professor investe pesado na sua formação profissional, sendo detentor dos seguintes títulos: Diploma de Licenciatura Plena em Pedagogia com Habilitação em Supervisão Escolar pela “Fundação Francisco Mascarenhas” – Patos/PB, atual Faculdades Integradas de Patos – FIP/PB; Certificado de Especialista em Pesquisa Educacional pelas Faculdades Integradas de Patos – FIP / PB; Diploma de Licenciatura Plena em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB; Diploma de Mestre em Ciências da Educação pela ISEL – Distrito Federal – Brasília; Diploma de Doutor em Ciências da Educação. Área de Concentração: Educação. Linha de Pesquisa: Formação de Professores, Currículo e Práticas Pedagógicas pela Veni Creator University – Flórida – EUA. Certificado de Apresentação oral do trabalho intitulado:



Literatura de Cordel

Concepções e práticas pedagógicas de letramento dos professores de 6º ao 9º ano de uma Escola Pública na cidade de Brejo do Cruz – PB, no II CINTEDI – II Congresso Internacional de Educação Inclusiva / II Jornada Chilena Brasileira de Educação Inclusiva. Certificado como participante do Seminário de Formação “O Processo de Ensino e Aprendizagem Motivado por Práticas Pedagógicas Inovadoras”, promovido pela Secretaria Municipal de Educação – Brejo do Cruz – PB; Certificado do “Curso de Professor Alfabetizador: ênfase em ensino da Língua Portuguesa”, no PNAIC promovido pelo CEEL/UFPE, por meio de Convênio celebrado pelo MEC e Universidade Federal do Pernambuco – UFPE; Certificado pela participação no I Simpósio Integrador Sapiens, Perspectivas e Desafios da Educação no Século XXI, realizado no Centro de Convenções Raymundo Asfora – Garden Hotel na cidade de Campina Grande – PB; Certificado de participação no II Seminário Internacional “Diálogos com Paulo Freire” – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Rio Grande do Norte (IFRN) – Campus Central – Natal/RN; Certificado do II Seminário “Educação e Humanidades”, promovido pelo Instituto Brasil de Pesquisa e Ensino Superior (IBRAPES), com a chancela da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA-RN) na cidade de Natal/RN; Certificado de Participação na “Conferência Nacional de Educação para Todos”, realizada em Brasília/DF; Certificado de participação na 5ª Jornada internacional de Alfabetização, realizada na Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Natal/RN; Certificado da apresentação oral do trabalho: O Transtorno Funcional Específico – “Dislexia” em Alunos: O reconhecimento por parte do professor e sua prática pedagógica na promoção da aprendizagem inclusiva – 5ª Jornada Internacional de Alfabetização – UFRN/ Natal-RN; Certificado pela conclusão do Curso de Extensão Universitária “Formação de Mediadores de Leitura”, realizado pela Universidade Aberta do Nordeste da Fundação Demócrito Rocha – Universidade Federal do Ceará (UFCE) / Fortaleza/CE; Certificado de Formador Regional Municipal da Formação Continuada para Implementação do Documento Curricular do Rio Grande do Norte e Atualização dos Projetos Políticos Pedagógicos, realizada em Regime de Colaboração entre (SEEC/RN) e (UNDIME/RN); Certificado de Conclusão do Curso “Tecnologia na Educação, Ensino Híbrido



Literatura de Cordel

e Inovação Pedagógica”, realizado em Regime de Colaboração entre Prefeitura de Sobral / Secretaria Municipal de Educação e Universidade Federal do Ceará/UFCE.

Francisco Albertino Gomes exerceu vários cargos e funções do Magistério de Brejo do Cruz – PB, desde o professor primário nas comunidades rurais “Pedra Furada e Silva”, neste município, passando pelas disciplinas de História, Geografia e Língua Portuguesa na E.E.E.F.M “Professor José Olímpio Maia”. Lecionando também, a disciplina de Língua Portuguesa na Escola Municipal de Ensino Fundamental “Josué Alves de Azevedo” – Bairro dos Estados / Brejo do Cruz – PB; Coordenador Pedagógico na Secretaria Municipal de Educação Cultura e do Desporto (na época); Secretário Municipal de Educação, missão essa que exerci com muito carinho e responsabilidade. Foi muito gratificante, valeu o aprendizado!). Atualmente exerce a função de Coordenador Pedagógico da Educação de Jovens e Adultos e Educação Inclusiva – Secretaria Municipal de Educação – Jardim de Piranhas/RN; Professor Visitante nos Cursos de Graduação e Pós – Graduação nos Polos mantidos pelo Instituto Brasil de Pesquisa e Ensino Superior (IBRAPES), com a chancela da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA-RN); Professor dos Componentes Curriculares de Língua Portuguesa, Literatura, Leitura e Produção Textual (Redação) nas turmas do Curso de Ensino Médio Regular na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “Antônio Gomes” na cidade de Brejo do Cruz – PB.

És um grande profissional, conhecido por sua calma e com grande capacidade de ouvir, procurando resolver com propriedade os problemas surgidos na sua caminhada de “Educador”.

Que Deus seja sempre sua voz, iluminando-o nos caminhos mais difíceis da vida, jovem de espírito, seguro, amante dos livros, inteligente e forte como deve ser realmente, um verdadeiro Professor.

Parabéns, Tio, pelo seu brilhante trabalho!

Silânya Fânya Damasceno Gomes



Política e Escopo da Coleção de livros Humanas em Perspectiva



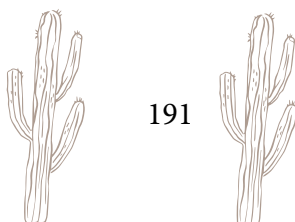
A Humanas em Perspectiva (HP) é uma coleção de livros publicados anualmente destinado a pesquisadores das áreas das ciências humanas. Nosso objetivo é servir de espaço para divulgação de produção acadêmica temática sobre essas áreas, permitindo o livre acesso e divulgação dos escritos dos autores. O nosso público-alvo para receber as produções são pós-doutores, doutores, mestres e estudantes de pós-graduação. Dessa maneira os autores devem possuir alguma titulação citada ou cursar algum curso de pós-graduação. Além disso, a Coleção aceitará a participação em coautoria.

A nossa política de submissão receberá artigos científicos com no mínimo de 5.000 e máximo de 8.000 palavras e resenhas críticas com no mínimo de 5 e máximo de 8 páginas. A HP irá receber também resumos expandidos entre 2.500 a 3.000 caracteres, acompanhado de título em inglês, abstract e keywords.

O recebimento dos trabalhos se dará pelo fluxo contínuo, sendo publicado por ano 10 volumes dessa coleção. Os trabalhos podem ser escritos em português, inglês ou espanhol.

A nossa política de avaliação destina-se a seguir os critérios da novidade, discussão fundamentada e revestida de relevante valor teórico - prático, sempre dando preferência ao recebimento de artigos com pesquisas empíricas, não rejeitando as outras abordagens metodológicas.

Dessa forma os artigos serão analisados através do mérito (em que se discutirá se o trabalho se adequa as propostas da coleção) e da formatação (que corresponde a uma avaliação do português e da língua estrangeira utilizada).



O tempo de análise de cada trabalho será em torno de dois meses após o depósito em nosso site. O processo de avaliação do artigo se dá inicialmente na submissão de artigos sem a menção do(s) autor(es) e/ou coautor(es) em nenhum momento durante a fase de submissão eletrônica. A menção dos dados é feita apenas ao sistema que deixa em oculto o (s) nome(s) do(s) autor(es) ou coautor(es) aos avaliadores, com o objetivo de viabilizar a imparcialidade da avaliação. A escolha do avaliador(a) é feita pelo editor de acordo com a área de formação na graduação e pós-graduação do(a) professor(a) avaliador(a) com a temática a ser abordada pelo(s) autor(es) e/ou coautor(es) do artigo avaliado. Terminada a avaliação sem menção do(s) nome(s) do(s) autor(es) e/ou coautor(es) é enviado pelo(a) avaliador(a) uma carta de aceite, aceite com alteração ou rejeição do artigo enviado a depender do parecer do(a) avaliador(a). A etapa posterior é a elaboração da carta pelo editor com o respectivo parecer do(a) avaliador(a) para o(s) autor(es) e/ou coautor(es). Por fim, se o trabalho for aceito ou aceito com sugestões de modificações, o(s) autor(es) e/ou coautor(es) são comunicados dos respectivos prazos e acréscimo de seu(s) dados(s) bem como qualificação acadêmica.

A nossa coleção de livros também se dedica a publicação de uma obra completa referente a monografias, dissertações ou teses de doutorado.

O público terá acesso livre imediato ao conteúdo das obras, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



Índice Remissivo



C

Cordel

página 9

página 10

página 13

página 14

página 62

E

Escola

página 102

página 116

página 118

página 119

página 127

G

Gênero Textual

página 21

página 26

página 29



página 33

página 49

L

Leitura

página 90

página 96

página 97

página 98

página 99

N

Nordeste

página 42

página 43

página 54

página 68

P

Parâmetros Curriculares Nacionais

página 17

página 18

página 20



A literatura de cordel é uma ferramenta valiosa para o desenvolvimento de habilidades de leitura escrita e oralidade, principalmente na área de humanas, sendo assim, o presente trabalho tem como objetivo analisar a importância da inserção do gênero textual Cordel em sala de aula como estímulo a prática de leitura e letramento, na 3ª série do Ensino Médio da Escola Estadual Professor José Olímpio Maia na cidade de Brejo do Cruz-PB. Assim, buscou-se compreender a função social da Literatura de Cordel que independentemente da temática escolhida, atua como veículo de propagação de valores culturais tradicionais pertinentes ao povo de uma região, mostrando que o gênero textual Cordel dentro das salas de aula de Ensino Médio é de grande importância para a formação de leitores. O atual estudo pode ser compreendido como uma pesquisa descritiva e exploratória com abordagem quantitativa e qualitativa, por levar a entender processos em que se desenvolve o objeto de estudo.



Francisco Albertino Gomes